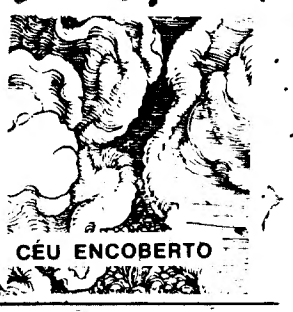
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 16 DE MAIO DE 1974 N.º 18459 — ANO 54.º — PREÇO 2$50



Um novo País

Depois de mais de meio século de experiência dolorosamente marcada por cedências e indecisões da velha República e pela longa e sangrenta ditadura do fascismo, temos um Governo de unificação realmente nacional e democrático. Governo provisório, mas desde já garantido pela verdade política da sua composição: com a prometida e indispensável representação dos sectores políticos representativos das maiorias da vida portuguesa e com a linha unitária que se deduz dessa pluralidade no sentido de erguer plataformas-base para um futuro urgente.

Pensamos que a um novo País corresponde um novo estilo do homem e de relações em sociedade. Que ao paternalismo dos regimes autoritários se sucederão expressões de convívio dinâmicas e descontraídas onde sejam banidas de vez as fórmulas de retórica servil que o salazar-caetanismo impunhas como compressão psicológica. Não lavramos, por isso, a desnecessária acta de um agradecimento mais que óbvio ao Movimento das Forças Armadas por tudo o que o País lhe deve, e por ter cumprido, uma vez mais, no espírito e na forma, o Programa anunciado. Não queremos que o mais sentido protesto de admiração ao Presidente da República deste agora nosso Portugal possa lembrar, mesmo que de longe, as homenagens de rotina que a demagogia fascista promovia. E conhecemos sobejamente os créditos e as cicratrizes de luta que muitos dos membros do Ministério podem orgulhosamente ostentar para evitarmos a redundância de as evocar.

Não. O tempo português adquiriu uma velocidade diferente. Em três semanas, as Forças Armadas transformaram este País mais profunda e definitivamente do que dezenas e dezenas de anos de imobilismo do velho Regime, abandonando fórmulas convencionais, burocracias e entraves de toda a ordem. Não há, pois, lugar nem tempo para o ornato, para a retórica, num momento de urgência como este onde tanto se tem a desfazer e toda uma vida nova a criar.

É que e essa será a mais íntima afirmação de homenagem ninguém ignora que a Democracia é a mais difícil forma de governar. A mais bela, por isso.

EMPOSSADO O GOVERNO PROVISÓRIO

O Governo Provisório tomou posse esta tarde, no Palácio de Belém, perante o Presidente da República. Completa-se, assim, a entrada em funções das instituições que regerão o País durante um ano, até á eleição da Assembleia Nacional Constituinte.

O Governo Provisório é formado por um primeiro-ministro, o prof. Adelino da Palma Carlos, e por catorze ministros, dezoito secretários de Estado e quatro subsecretários de Estado. Nove secretários e subsecretários de Estado ainda não foram designados, o que se deverá verificar nos próximos dias. Muitos departamentos, como seja o caso dos antigos Ministérios do Interior, Ultramar e Obras Públicas, tomam designações diferentes. Não se trata de uma mera alteração de nomes, mas de um reflexo do espírito renovador do actual regime. Por outro lado, foram criadas novas secretarias de Estado, como as da Habitação e Urbanismo e do Ambiente, que correspondem ao propósito de acelerar a resolução de alguns dos principais problemas do nosso País.

É também de assinalar que apenas um militar faz parte do Governo Provisório, o ministro da Defesa Nacional. O chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Costa Gomes, passa a ter categoria idêntica à de primeiro-ministro e as funções de titulares das pastas do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, serão desempenhadas pelos chefes dos Estados Maiores daqueles ramos das Forças Armadas. Estas disposições destinam-se a garantir, ao que supomos, o cumprimento pelo Governo Provisório do Programa do Movimento das Forças Armadas.

Sublinhe-se, ainda, que a antiga Secretaria de Estado da Informação e Turismo foi fraccionada, passando os problemas da informação a estar a cargo de um novo Ministério, o da Comunicação Social. Para seu titular foi designado o dr. Raul Rego, director do nosso prezado colega «República» e nosso antigo camarada de redacção.

Durante a tomada de posse, o Presidente da República, general António de Spínola, pronunciou o importante discurso que já ontem publicámos em edição especial, rapidamente esgotada, e que voltamos a inserir hoje em todas as nossas edições na pág. 11

O NOVO MINISTÉRIO

É a seguinte a constituição do novo Ministério: primeiro-ministro, prof Adelino da Palma Carlos; ministros sem pasta, dr Álvaro Cunhal, prof Francisco Pereira de Moura e dr Francisco Sá Carneiro; ministro da Defesa Nacional, tenente-coronel do C E M Mário Miguel; ministro da Coordenação Interterritorial, dr António de Almeida Santos; ministro da Administração Interna, dr Joaquim Jorge Magalhães Mota; ministro da Justiça, dr Francisco Salgado Zenha; ministro da Coordenação Económica, dr Vasco Vieira de Almeida; ministro dos Negócios Estrangeiros, dr Mário Soares; ministro do Equipamento Social e Ambiente, prof Manuel Rocha; ministro da Educação e Cultura, prof Eduardo Correia; ministro do Trabalho, Avelino António Pacheco Gonçalves; ministro dos Assuntos Sociais, dr Mário Murteira e ministro da Comunicação Social, dr Raul Rego

São secretários de Estado: da Administração, dr. Deodato Nuno de Azevedo Coutinho; das Finanças, dr. José da Silva Lopes; da Indústria e Energia, eng.º José de Melo Torres Campos; do Comércio Externo e Turismo, dr. Emílio Rui da Veiga Peixoto Vilar; do Abastecimento e Preços, dr. Nelson Sérgio Melo da Rocha Trigo; das Obras Públicas, eng.º Pedro Nunes; dos Transportes e Comunicações, eng.º Manuel Ferreira Lima; da Habitação e Urbanismo, arq.º Nuno Portas; da Saúde, dr. António Galhordas e da Segurança Social, eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo.

Subsecretários de Estado: do Orçamento, dr. António Costa Leal; do Tesouro, dr. Artur Alves Conde; do Ambiente, arq.º Gonçalo Ribeiro Teles.

Não estão ainda nomeados: os secretários de Estado dos Assuntos Económicos, do Planeamento Económico, da Agricultura, da Administração Escolar, dos Assuntos Culturais e Investigação Científica, dos Desportos e Acção Social Escolar, da Reforma Educativa e da Marinha Mercante, bem como o subsecretário de Estado das Pescas.

Edição de 28 páginas

A SITUAÇÃO NA SOCIEDADE ESTORIL

Os passageiros dos comboios da linha do Estoril continuavam hoje a viajar sem bilhete, em consequência de a administração da Sociedade Estoril não ter ainda satisfeito a reivindicação dos trabalhadores, no sentido de ser imediatamente expulso o director de exploração, eng.º Duarte Manuel de Almeida Bello.

Nas negociações entre trabalhadores e administração, esta apenas cedeu em retirar o eng.º Duarte Bello das funções que implicam contacto directo com o pessoal, mantendo-o num gabinete técnico. Esta proposta não satisfaz os trabalhadores, pois além de considerarem o eng.º Duarte Bello excessivamente duro nas relações profissionais, lhe atribuem a responsabilidade por um clima de terror na empresa, situação para que exigem o saneamento.

Dada a intransigência da administração, os trabalhadores deliberaram a partir de ontem ao meio-dia a paralisação das receitas da empresa, não co-

Continua na pág. 24

DL/NACIONAL

Interditos os filmes pornográficos

A Junta de Salvação Nacional esclarece que, neste momento histórico, os espectáculos cinematográficos que explorem a sexualidade de forma pornográfica, sem qualquer interesse sociológico ou estético, não poderão ser permitidos por não respeitarem o ponto 2.L) do Programa do MFA que acetua a necessidade de evitar perturbações na opinião pública, causadas por agressões ideológicas dos meios reaccionários.

Em devido tempo o problema será certamente objecto de adequado estudo incluído na nova Lei do Cinema a elaborar pelo futuro Governo Provisório.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE — ESTREIA — Às 21.45 horas
— ESTREIA —
A CEIA 2
GRUPO C/14 ANOS
PREÇO — 20$00 BILHETES À VENDA
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 115 - A

Volta a sair o jornal "Esboço"

PORTO, 16 Volta a ser publicado o jornal «Esboço» dos jovens do Torne, que tinha sido suspenso pela Direcção-Geral dos Serviços de Censura, por considerá-lo «ilegal e inconveniente no seu contexto», conforme um ofício datado de 18 de Maio de 1970. Aquele periódico publicara no seu 3.º número dois artigos de choque: «Procura-se Jesus Cristo» e «As dezasseis faces do candeeiro da rua». Foi também instaurado um inquérito pela ex-DGS àquele jornal.

Entretanto, no salão paroquial do Torne, à Rua 14 de Outubro 264, em Vila Nova de Gaia, os jovens prosseguindo a sua actividade, exibem no próximo sábado às 21 e 45, de colaboração com a secção de cinema de amadores do Cineclube do Porto, quatro filmes.

REUNIÃO

"Cinema português" em Bruxelas

António Pedro de Vasconcelos, Manuel de Oliveira e o crítico A. Costa presidiram em Bruxelas às «Jornadas do Novo Cinema Português». Foram particularmente apreciados os filmes «Índia», de António Faria, e «O Passado e o Presente» de Manuel Oliveira.

Trata-se, em geral de filmes políticos do cinema «heróico», ou seja, produções proibidas pela censura portuguesa antes de 25 de Abril último.

E possível que seja projectado um filme colectivo a respeito dos últimos acontecimentos de Lisboa.

Uma imagem de «Ceia 2» pela «Comuna»

O reaparecimento de "A Comuna"

O grupo «Comuna-Teatro de Pesquisa» reaparece hoje, com o espectáculo «Ceia 2».

Antes de 25 de Abril a «Comuna» interrompera as suas representações de «A Ceia» para se deslocar ao Brasil. Em face dos acontecimentos que posteriormente sucederam, resolveu o grupo adiar essa viagem e reestruturar o seu espectáculo para o enquadrar na nova realidade da vida portuguesa.

Assim surgiu «Ceia-2» que será apresentada como habitualmente na Av. Almirante Reis-115-A, às 21,45 h e com os bilhetes ao preço de 20$00.

Para a estreia e dias seguintes os bilhetes já se encontram à venda.

Pague tudo com Diners
Pague tudo com Diners

o cartão que dá a nota
o cartão que dá a nota

POR MARIA JUDITE DE CARVALHO

O Lemos coitado

Encontraram-se na rua e ficaram para ali à conversa. Todos os dias se viam, no local, por assim dizer, do trabalho, mas lá não dava jeito nenhum falar. Na verdade poucas vezes tinham dirigido a palavra um ao outro. Havia sempre gente mais importante, coisas mais urgentes, mais apaixonantes ou maçadoras, mas, por assim dizer, inevitáveis. Em suma, a vida. Havia também, embora nem um nem outro o soubessem, uma espécie de linha a separar o território de cada um. E os territórios deles eram, já eram, muito diferentes. Um era como pedregoso, o outro de relva bem verde.

Esquecia-me de dizer os seus nomes, o que não tem, de resto, importância de maior. Vamos supor que se chamavam (esqueci-me dos verdadeiros nomes deles), Lemos e Silva. O primeiro, o do território bem liso e bem verde, era de famílias muito imporantes, enquanto que o pai do segundo trabalhava numa mercearia. Porque o Lemos e o Silva andavam no primeiro ano do liceu e eram colegas de turma.

«Pois é, pá», disse o Lemos a certa altura, com ar maçado, «é uma chatice mas tem que ser. Tenho mesmo que estudar, percebes? Ser médico, advogado, engenheiro, não sei, uma coisa dessas. Mas o meu avô foi um tipo muito importante e o meu pai vai ser. Então eu, tás a ver...»

«O teu pai vai ser importante?» espantou-se o Silva.

«Sim, talvez seja ministro ou embaixador, diz o meu avô. Ora eu...»

«Claro, compreendo, pá» compadeceu-se o Silva com sinceridade.

«Uma chatice, pá.»

O Silva disse mais umas coisas, ouviu outras, mas tudo aquilo no ar. Porque estava cheio de pena do Lemos. Sempre ouvira dizer em casa, ao pai: «Hás-de ser um pouco mais do que eu», e por isso mesmo compartilhava do grave problema do Lemos, com uma ascendência daquelas. Um avô imporante, um pai que talvez fosse ministro ou embaixador. Que seria um embaixador? Em todo o caso, coitado, coitado do Lemos.

Quando muitos anos depois, há anos, encontrou certo dia o Lemos-importante no jornal, o Silva exclamou em voz alta, automaticamente: «Coitado do Lemos!» E só depois quando ouviu o silêncio que lhe respondera, é que olhou em redor a sua pobreza. E disse o que não estava nos seus hábitos uma palavra feia.

Os dilemas do episcopado católico

O Vaticano tem muitas razões para neste momento, não estar satisfeito com o episcopado português. As recentes declarações do patriarca de Lisboa não conseguiram apagar o tremendo erro que os responsáveis pela Igreja Católica cometeram quando, estando em condições de verificar a progressiva decadência do regime marcelista fecharam olhos e ouvidos a um facto tão evidente e não tomaram, em devido tempo, posições que os distanciassem suficientemente das hierarquias políticas do antigo regime, isto apesar dos apelos de padres e leigos e da aproximação tentada pelas forças oposicionistas durante as pseudo-eleições de Outubro passado.

E facto incontestável que à excepção das atitudes do bispo do Porto não há uma posição clara sobre a guerra, a tortura, a denúnica das situações concretas que caracterizavam a opressão em Portugal.

A comparação com o que neste momento se passa em Espanha ajuda-nos a medir a gravidade do erro que não poderá deixar de embaraçar seriamente a secretaria de Estado do Vaticano. Os bispos espanhóis têm tomado posições claras quanto à autonomia basca, a liberdade sindical, a denúncia da repressão e por várias vezes o clima de relações entre Igreja e Governo espanhol foi considerado tenso. Pode mesmo acrescentar-se que está cavado um abismo o qual não deixará de beneficiar, num futuro próximo, a posição da Igreja, logo que transformações políticas inevitáveis ocorram naquele país. De resto os acontecimentos verificados em Portugal hão-de influenciar profundamente o episcolpado espanhol que deverá concluir por um rigor ainda maior quanto às posições assumidas nos últimos anos.

4 A outro escalão, constituído por padres e leigos, a Igreja não pode ser acusada de ter seguido, neste caso, o exemplo dos bispos, que nem sequer tentaram desligar-se de cargos comprometedores como os das capelanias militares e, mais grave ainda, das capelanias de organizações vincadamente fascistas como a Mocidade Portuguesa.

Diversos padres foram julgados nos plenários e muitos cristãos acusados pela Pide/DGS de actividades subversivas. Esta questão cavou um fosso profundo no interior da Igreja que a recente assembleia livre dos cristãos é um reflexo evidente, tal como o é a posição de grupos de padres que se não querem ver

Continua na pág. 19

UDAMO

Movimento pacifista de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 16 (I.) — A União Democrática Africana de Moçambique (U.D.A.M.O.) enviou ao Presidente da Junta de Salvação Nacional a seguinte mensagem:

«Orgulhamo-nos pela acção preponderante até agora alcançada pelas Forças Armadas

«Congratulamo-nos com o glorioso esforço orientado pela Junta de Salvação Nacional, que conseguiu derrubar o fascismo em Portugal, assim como nas Províncias Ultramarinas, depois de passados mais de 47 anos, com o povo a sucumbir sob o jugo da minoria do Governo derrubado.

«Ad directrizes tomadas pela Junta de Salvação Nacional, visando inteiramente a extinção das actividades da D. G.S., mostram o encaminhamento da consciência do povo para a união e para a paz.

«E luvável essa vitória, não só perante o povo português como para o mundo que vive em paz.

«Pedimos autorização para fundar um partido pacífico cujo nome seria União Democrática Africana de Moçambique (U.D.A.M.O.).

«Com os nossos melhores agradecimentos, subscrevemo-nos com estima e consideração. (ass.) Atanásio Filipe Muhate e José Guteres Bila».

Atanásio Filipe Muhate foi instrutor militar da Frelimo, a que se agrupou com o fim de continuar os seus estudos. Esteve na Rússia. Foi detido pela D.G.S. quando vinha cumprir uma missão a Moçambique, tendo estado um ano na prisão. Depois de libertado foi para a Rodésia.

José Guteres Bila esteve no Congo. Foi preso pela D.G.S., só sendo libertado três anos e nove meses depois. A sua dentenção verificou-se em Lourenço Marques. Foi secretário do Mozambique African National Congress (M.A.N.C.) que inha sede em Salisbúria.

Abos são pacifista, desejando que o caminho para a autodeterminação de Moçambique seja de paz e de compreensão entre as diversas raças.

A festa da libertação em Moura

No próximo sábado, dia 18, à noite, efectua-se, em Moura na praça de touros, uma ampla reunião de confraternização democrática, em que estarão presente três alentejanos daquela vila, que lutaram pela causa do povo e nela continuam decididamente empenhados: Miguel Serrano, Miguel Urbano Rodrigues e Urbano Tavares Rodrigues. Espera-se igualmente a comparência dos democratas que ao lado de Urbano Tavares Rodrigues, se bateram na dura campanha eleitoral de 1969 (transformada pelo Governo de Marcelo Caetano em escalada repressiva). Entre esses democratas, Celso Pinto de Almeida, Aníbal Coelho da Costa e António Areosa Feio. E o povo. Sobretudo o povo, irmanado na alegria da libertação: operários, camponeses, mesteirais, estudantes, empregados, Moura em peso. Conta-se com a presença de alguns dos cantores que entre nós, com as suas baladas de protesto, mais contribuiram para manter vivo o espírito de resistência.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João A. Bernardo Petinga, Auto Oceano-PENICHE

MARIA ISABEL BARRENO

O "PROBLEMA DA MULHER" OU "A OPRESSÃO DA MULHER NUMA SOCIEDADE MASCULINA"

Partindo dum ponto de vista «reformista», em que se considera a mulher «um problema» que será necessário tentar resolver, numa sociedade que vai bem — tão bem que se propõe até solucionar o «problema da mulher» — ou encarando a questão de um ponto de vista radical, quer dizer, revolucionário, os livros, os artigos sobre o assunto são já numerosos. Evidentemente, é preciso não misturar ou confundir estes pontos de vista. Mas, de modo muito geral, todos esses escritos têm duas coisas em comum: a sua utilidade primária, que lhes vem do número — e creio que as mulheres não correm o risco de falar, de gritar, de escrever demais, em relação às toneladas de livros que os homens puderam escrever, durante milhares de anos, sobre eles próprios ou sobre a imagem que eles fazem da mulher, reflexão que me dá muita confiança para, também eu, abordar a questão: e também, o nível em que quase todos estes escritos se situam, o nível ideológico.

Diz-se: falta ao feminismo um «suporte teórico» — e aí muito haveria também a discutir, porquê essa necessidade ideológica de «suportar» pela teoria, mas sublinhemos apenas, de passagem, que a teoria é um meio totalmente apropriado pelos homens burgueses. Diz-se também: é um problema secundário, a verdadeira contradição é a de classes porque o núcleo de toda a opressão está nas relações de produção, e não há **uma** situação da mulher, há milhares de diferentes classes.

O que estas críticas exprimem, ou melhor, a possibilidade de formular estas críticas, reside num facto: o feminismo ainda não construiu uma arma muito importante, a enunciação clara de uma causa principal, económica, para a opressão das mulheres.

No que respeita à análise da ideologia masculinista, o feminismo produziu textos brilhantes. Mas, no fim, pode sempre lôr-se a pergunta: sim, mas porquê? E como começou tudo? Educadas na e para a falta de confiança em si próprias, as mulheres poderão sempre ficar inquietas: e se a sociedade foi sempre masculina, e se isso provar um inelutável factor biológico?

Seria necessário insistir num ponto, concentrarmo-nos nele, organizar as nossas palavras a partir daí: a produção de crianças.

Sim, este tema já foi muitas vezes abordado. Mas quase sempre é tratado da maneira seguinte:

— as crianças só se tornam economicamente importantes, e os homens só quiseram apropriar-se delas com o aparecimento da propriedade privada, sendo as crianças a mão de obra e a «transmissão» — satisfação psicológica — para a propriedade privada.

Essa definitiva tomada de poder pelos homens foi possível porque, antes dela, as mulheres estavam já «inferiorzadas», «dependentes» dos homens, por estarem sobrecarregadas de períodos de gravidez e de crianças.

ESTE TRATAMENTO DO TEMA

Este tratamento do tema não explica nada:

— nas espécies ahimais as fêmeas não «dependem» dos machos para sobreviver. Elas sabem alimentar-se e defender-se, segundo os meios de cada espécie, e elas sabem também defender e alimentar as suas crias. Há espécies onde cada indivíduo está suficientemente armado para poder sobreviver, mesmo isolado, e há espécies onde os indivíduos, fêmeas ou machos, são demasiado vulneráveis e só podem sobreviver em grupo

neste caso, cada indivíduo depende de todos os outros, e se eventualmente os machos se expõem mais nas tarefas de defesa, será insuficiente dizer «porque» têm mais força física» uma vez que se pode dizer, de forma igualmente correcta e objectiva «porque as fêmeas são muito mais necessárias para a produção dos novos elementos do grupo».

O ser humano é o único animal que «inventa a sua natureza». Se nas outras espécies a força física desempenha um papel importante, o ser humano conseguiu compensar a sua falta de força física, relativamente a outros animais, pela sua inteligência, pelos seus utensílios. Porquê, justamente uma espécie em que a força física perde essa importância central ela é invocada para justificar uma «inferioridade» das fêmeas que deveriam «esperar os alimentos trazidos pelos machos caçadores»?

— o ser humano é o único animal que «inventa a sua natureza». Porque é que essa «natureza» foi inventada no sentido de desprover as fêmeas da possibilidade de sobreviverem sem os machos?

— mesmo sem propriedade privada, facilmente se compreende que a primeira riqueza de qualquer sociedade provém da produção de novos membros para essa sociedade, da produção de crianças. Sem essa produção, a sociedade envelhece e morre. E não só uma perspectiva longa, de «continuidade da espécie», seja esta tomada num sentido «instintivo», ou moral. Num grupo de seres humanos primitivos a sobrevivência de cada um depende directamente do número de elementos do grupo e das suas capacidades, tal como vimos para as espécies animais, sendo a espécie humana uma daquelas em que os indivíduos são demasiado vulneráveis.

Esta riqueza, a produção de crianças, é produzida pelas mulheres. Pois, os homens também nela desempenham um papel, mas bastante pontual, é mais que evidente. E a paternidade não é um fenómeno imediatamente compreensível; e permanece duvidosa, contestável, a não ser quando so homens se apropriam das mulheres.

ENGELS COMPREENDEU BEM

Engels compreendeu bem a questão: o que permitiu a tomada de poder pelos homens foi o facto de, precedentemente eles já se terem apropriado dos meios de produção de subsistência. Porquê e quando, isso ainda está por explicar de forma satisfatória. Penso que Engels se engana quando associa a tomada de poder dos homens com a propriedade privada; mas penso que ele tem razão quando diz que essa tomada de poder aconteceu depois da compreensão do fenómeno da paternidade, e quando põe o problema em termos económicos: a produção de crianças era mesmo uma riqueza, e não uma «inferioridade» das mulheres, e por ser riqueza foi invejada; daqui provém a queda das mulheres; porque essa riqueza é um pau de dois bicos — privadas do controlo dos meios de subsistência, as mulheres perdem imediatamente o controlo da produção de crianças e ficam irremediavelmente nas mãos dos homens.

Kate Millet, acentuou bem a má fé da argumentação «média»: se hoje em dia já não se aceitam explicações simplistas, naturalistas, porque quando se trata das mulheres, se continua a invocar causas «naturais» ou «biológicas»? Remeter, sempre, a «inferioridade» das mulheres para o «começo das coisas» é ainda uma manobra ideológica do sistema masculino.

E regressámos ao nível ideológico. A ideologia masculinista não pode ser compreendida se não for tomado como ponto de partida este núcleo económico: a repressão sexual em relação às mulheres, e depois, as sociedades de classes, a repressão dos homens duma classe em relação aos homens doutra classe, até aos nossos dias, tem por fim o forçar todas as mulheres e os homens das classes dominadas à produção de crianças, a uma sexualidade exclusivamente produtora.

Só a partir disto, se pode entender as alianças entre feministas e os homossexuais que, tomadas num nível ideológico, surpreendem muita gente — os homossexuais sendo considerados tradicionalmente como «misóginos»; no fundo, são misóginos mais coerentes que os heterossexuais. Os homens começam a compreender que também eles são constrangidos a «reproduzir» os membros da sua classe, a ter uma sexualidade produtora; como as mulheres os homossexuais começam a compreender que a recusa duma «sexualidade normal» tem um sentido profundamente político.

PARTINDO DA PRODUÇÃO DE CRIANÇAS

Partindo da produção de crianças, somente se pode compreender certos detalhes tais como: a repressão violenta do onanismo — desperdício, prática sexual sem qualquer utilidade económica (ou ideológica; a prostituição, por exemplo, serve à reprodução dos agentes); todas as excisões, físicas ou psicológicas, do clitoris, orgão abominável visto que, não sendo um meio de produção de crianças, permite, ainda por cima, o prazer das mulheres.

E só partindo da produção de crianças se pode compreender os problemas maiores que dizem respeito às mulheres, que gravitam todos à volta do velho tema das ligações entre «sistema patriarcal» e «capitalismo», entre «feminismo» e «luta de classes»; quer dizer, em termos ideologicamente menos conotados, é necessário considerar as relações entre produção de crianças e produção de bens, e todas as relações que aí se engendram:

— socialmente a mulher é sempre um agente produtor de crianças. A produção de crianças prolonga-se nas «tarefas domésticas», estas variáveis segundo a época ou a classe

Continua na pág. 10

DL/NACIONAL

O PROGRAMA DO GOVERNO PROVISÓRIO

A vitória alcançada pelo Movimento das Forças Armadas Portuguesas, destituindo o regime que não soube identificar-se com a vontade do Povo à qual impediu todas as vias democráticas de expressão, permite definir os princípios básicos que esperamos contribuam de modo decisivo para a resolução da grande crise nacional.

Em execução desses princípios, compete ao Governo Provisório:

— Lançar os fundamentos de uma nova política económica, posta ao serviço do Povo português, em particular das camadas da população até agora mais desfavorecidas;

— Adoptar uma nova política social que, em todos os domínios, tenha como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e o aumento progressivo, mas acelerado, da qualidade de vida de todos os portugueses;

— Promover um inquérito a todos os abusos de poder, atentados contra os direitos dos cidadãos ou práticas de corrupção, acerca dos quais sejam apresentadas queixas ou dos quais haja notícia, publicando-se as suas conclusões e entregando-se aos tribunais comuns o julgamento das culpas que vierem a ser apuradas;

— Manter, em matéria de política externa, activa adesão aos princípios da independência e igualdade entre os Estados e de não ingerência nos seus assuntos internos, defendendo a paz, alargando e diversificando relações internacionais e respeitando os compromissos decorrentes dos tratados em vigor;

— Reconhecer o carácter essencialmente político da solução das guerras no Ultramar, lançando uma nova política que conduza à paz, garanta a convivência pacífica e permanente de todos os residentes, e criando condições para um debate franco e aberto com vista à definição do futuro do Ultramar.

O carácter transitório do Governo Provisório determina que não poderá proceder a grandes reformas de fundo, nem a alterações que afectem o foro íntimo da consciência dos Portugueses, em particular das suas convicções morais e religiosas.

Os governantes devem ser exemplo transparente de isenção, impondo uma ampla receptividade ao tratamento, pelos órgãos de Informação, dos problemas da vida pública portuguesa, pressupondo que o farão de modo responsável e construtivo, reintegrados que estão na sua dignidade de instrumentos autênticos de uma opinião pública democrática. Em respeito a essa transferência perante o País que vive na esperança, o Governo Provisório não poderá consentir manobras que visem impor-lhe uma tutela extremista de qualquer tipo ou comprometer a genuidade das decisões que, no quadro democrático, ao Povo pertencem.

Em obediência aos princípios do Programa do Movimento das Forças Armadas, o Governo Provisório actuará dentro das grandes linhas de orientação que a seguir se definem, e cujos fundamentos deverá solidamente alicerçar.

1 Organização do Estado

a) Publicação urgente de nova lei eleitoral.
b) Publicação da lei das associações políticas; sua regulamentação.
c) Reforma do sistema judicial, conducente à independência e dignificação do seu Poder; extinção de tribunais especiais; reforma do processo penal e demais direito processual; e ainda revisão da legislação relativa à polícia judiciária e ao «habeas corpus».
d) Estruturação aos objectivos das novas instituições políticas.
e) Revisão das relações políticas, administrativas e económicas entre o Portugal europeu e o Ultramar.
f) Definição da competência dos governadores ultramarinos, dos governadores civis e dos governadores dos distritos autónomos.
g) Extinção progressiva do sistema corporativo e sua substituição por um aparelho administrativo adaptado às novas realidades políticas, económicas e sociais.
h) Revogação do Estatuto do Trabalho Nacional; regulamentação em ordem a garantir a liberdade sindical dos trabalhadores e do patronato; estabelecimento de novos mecanismos de conciliação nos conflitos do trabalho.
i) Fortalecimento das autarquias locais, com vista à participação activa dos cidadãos na esfera política dos respectivos orgãos.
j) Rápida reforma das instituições administrativas.

2 Liberdades cívicas

a) Garantia e regulamentação do exercício das liberdades cívicas, nomeadamente das definidas em Declarações Universais de Direitos do Homem.
b) Promulgação de medidas preparatórias de carácter económico, social e cultural que garantam o exercício efectivo da liberdade política dos cidadãos.
c) Publicação de uma nova lei de Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema.
d) Garantia da independência e pluralismo dos meios de informação, com salvaguarda do carácter nacional da Radiotelevisão Portuguesa e da Emissora Nacional; montagem de esquemas antimonopolistas em matéria de informação.
e) Definição de medidas que assegurem a seriedade das sondagens à opinião pública.

3 Segurança de pessoas e bens

a) Defesa permanente da ordem pública.
b) Definição de normas para a garantia da liberdade e segurança em manifestações na via pública e estabelecimento de medidas de salvaguarda do património público e privado.
c) Activação dos meios preventivos dos crimes em geral e, em particular, da corrupção, dos delitos anti-económicos e de todas as formas de atentado contra pessoas e bens.

4 Política económica e financeira

a) Combate à inflação, através de medidas de carácter global.
b) Revisão da orgânica e dos métodos de administração económica, de modo a dotá-los de eficiência e celebridade de decisão.
c) Eliminação dos proteccionistas, condicionalismos e favoritismos que restrinjam a igualdade de oportunidades e afectem o desenvolvimento económico do País.
d) Criação de estímulos à poupança e ao investimento privado — interno e externo — com salvaguarda do interesse nacional.
e) Adopção de novas providências de intervenção do Estado nos sectores básicos da vida económica, designadamente junto de actividades de interesse nacional, sem menosprezo dos legítimos interesses da iniciativa privada.
f) Intensificação do investimento público, designadamente no domínio dos equipamentos colectivos de natureza económica, social e educativa.
g) Gestão eficiente e coordenada das participações do Estado, orientada para a defesa efectiva do interesse público.
h) Prossecução de uma política de ordenamento do território e de descentralização regional em ordens à correcção das desigualdades existentes.
i) Liberalização — em conformidade com os interesses do País — das relações económicas internacionais, no domínio das trocas comerciais e dos movimentos de capitais.
j) Apoio e fomento de sociedades cooperativas. Revisão dos circuitos de comercialização, de molde a libertá-los de intervenções e encargos não justificados.
l) Revisão imediata do IV Plano de Fomento, no quadro de uma estrutura participativa, transformando-o num instrumento efectivo de promoção social e desenvolvimento. Revisão da orgânica dos Planos de Fomento.
m) Reforma do sistema tributário tendente à sua racionalização e à atenuação da carga fiscal sobre as classes desfavorecidas com vista a uma equitativa distribuição do rendimento.
n) Adopção de medidas excepcionais destinadas a combater a especulação e a fraude fiscal.
o) Reforma do sistema de crédito e da estrutura bancária visando, em especial, as exigências do desenvolvimento económico acelerado.
p) Nacionalização dos bancos emissores.
q) Dinamização da agricultura e reforma gradual da estrutura agrária.
r) Auxílio às pequenas e médias empresas.
s) Protecção das participações minoritárias no capital das sociedades.
t) Reorganização dos serviços de estatística de modo a garantir a objectividade da informação e a permitir a intervenção oportuna na gestão da economia.

5 Política social

a) Criação de um salário mínimo, generalizando-o progressivamente aos vários sectores do mundo do trabalho.
b) Instituição de sistemas que assegurem o poder de compra das classes desfavorecidas, independetemente das contigências acidentais da prestação de trabalho.
c) Dignificação da função pública com garantia da sua independência política e regulamentação do direito de associação do funcionalismo; revisão imediata do sistema de remunerações.
d) Adopção de novas providências de protecção na invalidez, na incapacidade e na velhice, em especial aos orfãos, diminuídos e mutilados de guerra.
e) Definição de uma política de protecção da maternidade e da primeira infância.
f) Aperfeiçoamento dos esquemas de seguro contra acidentes de trabalho e doenças profissionais.
g) Lançamento das bases para a criação de um serviço nacional de saúde ao qual tenham acesso todos os cidadãos.
h) Substituição progressiva dos sistemas de previdência e assistência por um sistema integrado de segurança social.
i) Criação de novos esquemas de abono de família.
j) Medidas de protecção a todas as formas de trabalho feminino e rigorosa fiscalização do trabalho de menores.
l) Criação de esquemas unificados e polivalentes de formação profissional, com participação obrigatória do Estado e do sector privado.
m) Estabelecimento de regimes de participação dos trabalhadores na vida da empresa.
n) Adopção de medidas económicas e sociais destinadas a motivar o retorno dos emigrantes, e de protecção e enquadramento dos trabalhadores portugueses no estrangeiro.
o) Financiamentos de equipamentos colectivos, sector da habitação, conjugado com uma política de solos adequados, de modo a facultar às camadas populacionais de menores rendimentos, alojamento condigno e em condições acessíveis.
p) Protecção à natureza e valorização do meio ambiente.

6 Política externa

a) Respeito pelos princípios da independência e da igualdade entre os Estados, e da não ingerência nos assuntos internos de outros países.
b) Respeito pelos tratados internacionais em vigor, nomeadamente o da Organização do Tratado do Atlântico Norte, bem como pelos compromissos assumidos de carácter comercial e financeiro; contribuição activa no sentido da manutenção da paz e segurança internacionais.
c) Intensificação das relações comerciais e políticas com os Países da Comunidade Económica Europeia.
d) Reforço da Comunidade Luso-brasileira em termos de eficiência prática.
e) Manutenção das ligações com o Reino Unido, o mais antigo aliado de Portugal.
f) Continuação das relações de boa vizinhança com a Espanha.
g) Reforço da solidariedade com os Países Latinos da Europa e da América.
h) Manutenção da tradicional amizade com os Estados Unidos da América do Norte.
i) Estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com todos os Países do Mundo.
j) Renovação das históricas relações com os Países Arabes.
l) Revisão da política de informação no estrangeiro.
m) Apoio cultural e social dos núcleos portugueses espalhados pelo Mundo.
n) Definição de uma política realista para com os países do terceiro mundo.
o) Participação e colaboração activa com a ONU e, em geral, com os organismos de cooperação internacional.

7 Política Ultramarina

a) Reconhecimento de que a solução das guerras no Ultramar é essencialmente política e não militar.
b) Instituição de um esquema destinado à consciencialização de todas as populações residentes nos respectivos territórios, para que, mediante um debate livre e franco, possam decidir o seu futuro no respeito pelo princípio da autodeterminação, sempre em ordem à salvaguarda de uma harmónica e permanente convivência entre os vários grupos étnicos, religiosos e culturais.
c) Manutenção das operações defensivas no Ultramar destinadas a salvaguardar a vida e os haveres dos residentes de qualquer côr ou credo, enquanto se mostrar necessário.
d) Apoio a um acelerado desenvolvimento cultural, social e económico das populações e territórios ultramarinos, com vista à participação activa, social e política, de todas as raças e etnias na responsabilidade da gestão pública e de outros aspectos da vida colectiva.
e) Exploração de todas as vias políticas que possam conduzir à paz efectiva e duradoura no Ultramar.

8 Política educativa, cultural e de investigação

a) Mobilização de esforços para a erradiação do analfabetismo e promoção da cultura, nomeadamente nos meios rurais.
b) Desenvolvimento da reforma educativa tendo em conta o papel da educação na criação de uma consciência nacional genuinamente democrática, e a necessidade da inserção da

Continua na pág. 14

FRIGÁS

ELECTRODOMÉSTICOS

1953 — 1974

21.º ANIVERSÁRIO

Servimos ainda hoje, muitos dos nossos clientes que vimos servindo desde há 21 anos. E, por sua gentil recomendação, também alguns dos seus familiares e amigos.

Não nos falta portanto, estímulo bastante, para continuarmos servindo melhor. Assim o faremos, assim se mantenha a preciosa ajuda dos nossos colaboradores e companheiros de trabalho.

A GERÊNCIA
JOÃO CAEIRO
MARIA DE LURDES CAEIRO

Rua Maria, 43-C
Rua Álvaro Coutinho, 20
Largo Santa Bárbara, 13-1.º

«VIDA MUNDIAL»

A direcção da revista «Vida Mundial» comunica aos seus assinantes e leitores que, por razões de ordem técnica relacionadas com os acontecimentos recentemente verificados na Sociedade Nacional de Tipografia, não será publicado o número desta semana. Com efeito, a paralisação do trabalho em todos os sectores da empresa durante cinco dias tornou inviável o aparecimento da revista nos moldes a que os leitores estão habituados.

TV DL/ESPECTÁCULOS

OCTÁVIO PATO: "NÃO HAVERÁ REACÇÃO CAPAZ DE FAZER A HISTÓRIA ANDAR PRA TRÁS"

Canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

O dia de ontem na televisão foi um dia cheio ou melhor: um dia em cheio. Falarei de várias coisas acontecidas ontem, com mais vagar, noutra altura. Da reportagem, por exemplo, incluida no *telejornal* da noite, da nomeação do Presidente da República. De súbito, uma nova ressonância nesta palavra *presidente*. Acordada, nela, uma relação familiar, há tanto desaprendida. A palavra, de repente, ganhou outra dimensão. Para a grande maioria dos portugueses é mais do que uma palavra: é uma descoberta. *Ele* vai no automóvel, por entre a multidão, levado na maré alta do povo. Vai a caminho do Quartel do Carmo. Vai lá não para trazer um título de presidente das mãos de quem, em nome do Povo Português, nunca poderia dar-lho: vai lá já como presidente. A partir daí, a descoberta não fez mais do que esperar a hora da confirmação oficial...

Deixem-me hoje recordar a mesa-redonda ontem transmitida às duas horas da tarde e repetida à noite e de que participaram o tenente-coronel Ricardo Durão, Octávio Pato, membro do Comité Central do Partido Comunista Português e Carlos Carvalho do sindicato dos metalúrgicos, candidato às «eleições» pela C.D.E.

A tónica deste encontro recaiu, com a máxima firmeza, na necessidade de estreitar ao máximo os laços entre as massas populares e o Movimento das Forças Armadas, representado ali pelo tenente-coronel Ricardo Durão. Este vincou bem a urgência de estarmos atentos para não embarcarmos em acções que podem tornar-se excelentes auxiliares da reacção. *Quando interpretámos a vontade do povo* — disse — *foi porque o conhecíamos.* O povo saberá defender as conquistas feitas.

O mesmo nos disse Carlos Carvalho, através de uma linguagem extremamente simples e directa a demonstrar um domínio perfeito das situações. Quanto a Octávio Pato, não fez mais do que confirmar a sua vocação para vedeta televisiva, demonstrada logo na primeira visita que nos fez, há dias. Este homem sai de uma ilegalidade feroz, depois de anos e anos de prisão (e quem viu as câmaras de tortura de Peniche sabe o que isso significa...) e demonstra uma capacidade de comunicação, uma serenidade, uma atenção invulgares.

Por me parecer de grande interesse vou transcrever uma parte da sua intervenção, precisamente a parte final. Oxalá as suas palavras não caiam em cesto roto...

É preciso alertar contra aquelas forças que estão profundamente interessadas em provocar confusões, em provocar o caos económico, em provocar a anarquia política. Há forças que estão realmente dispostas a isso.

O Comité Central do meu partido já em quatro deste mês afirmava o seguinte: «O Comité Central do P.C.P. chama a atenção para os perigos reais de conspiração, provocação e acção contra-revolucionária dos fascistas, assim como para as tentativas dos potentados do dinheiro para criar graves perturbações na economia, nas finanças e nos abastecimentos...»

O que se tem passado, desde o dia quatro até hoje, confirma isso plenamente.

Ninguém mais do que os comunistas defenderam o direito à greve, por exemplo. É uma reivindicação inteiramente justa, um direito que todos os trabalhadores têm. No entanto, nós também pensamos que há possibilidades reais, hoje, de solucionar muitos problemas sem necessidade de recorrer à greve. Os trabalhadores portugueses em muitas empresas podem de facto, e devem, a meu ver, resolver certos problemas sem recorrer à greve. A greve é sempre uma forma superior de luta e que se recorre se as outras formas estão esgotadas e não foi possível resolver sem recurso à greve.

Entretanto verificamos, aqui e acolá, certas forças que estão perfeitamente interessadas numa confusão, numa anarquia que abrange vários aspectos da vida nacional. É evidente que tudo que neste momento enfraqueça ou desvie o povo português, os trabalhadores portugueses daquilo que é exencial, pode objectivamente servir os interesses da reacção e os da contra-revolução. Tudo aquilo que de uma outra maneira contribua para enfraquecer, para debilitar a aliança das forças populares com o movimento das Forças Armadas objectivamente serve a contra-revolução. E há interesses, não apenas nacionais mas também estrangeiros que manobram nessa direcção. Mais do que ninguém, os trabalhadores portugueses estão interessados em desarticular não apenas os restos das organizações fascistas que ainda existem e organizações fascistas policiais — refiro-me aos restos dos agentes que ainda existem, aqui e acolá e que não estão parados — certos núcleos legionários ou algo semelhante. Há necessidade de desarticular tudo isso. Mas há necessidade de desarticular também todas aquelas acções que objectivamente não servem na verdade à consolidação das conquistas democráticas e o processo democrático em curso.

Dentro de dias haverá um Governo provisório. É um acontecimento de enorme importância. Mas é evidente que é um Governo, provisório, um Governo de transicção. Não será pensável que esse Governo vá resolver todos os problemas que têm de se colocar ao povo português. Resolverá alguns. Impossível resolver todos aqueles que provoquem uma larga modificação na situação do País. Todas aquelas acções que conduzam ao enfraquecimento desta aliança do movimento popular de massas, do movimento democrático, com as Forças Armadas, objectivamente servem a reacção. Nesse sentido há que estarmos alertados.

Não é casual que existam empresas estrangeiras no nosso País, aquelas forças que vieram para cá utilizar a mão-de-obra barata dos trabalhadores portugueses, que despediram trabalhadores que se destacavam nas suas reivindicações, que despediram trabalhadores que se destacavam na sua acção sindical, essas empresas estão agora a procurar elas próprias facilitar todo um conjunto de questões que visam aparentemente ir ao encontro das reivindicações dos trabalhadores mas aquilo que está por detrás é o aniquilamento das pequenas empresas, por um lado, e por outro lado provocar o tal caos económico que facilite a acção dos contra-revolucionários. Nesse sentido, tudo o que façamos quanto a desarticular todos os grupos ou restos do aparelho do Estado fascista é essencial, mas não é só isso. Há necessidade de estarmos vigilantes para denunciar todas as manobras do inimigo, manobras essas que visam, no essencial, enfraquecer a aliança do movimento popular de massas com o Movimento das Forças Armadas. Essa aliança é decesiva para a consolidação das conquistas democráticas do nosso País.

Eles manobram de formas muito diversas e muito subtis. Eu não digo que estejam a satisfazer a cem por cento as reivindicações dos trabalhadores. Não estão. Procuram satisfazer estas reivindicações que sabem que vão pôr em dificuldade pequenas empresas e independentemente disso fomentam, por várias formas, reivindicações que sabem, de momento, serem difíceis de obter.

Há toda uma orquestração que visa na verdade criar o caos económico. Quando algumas empresas estrangeiras implantadas em Portugal, antes do 25 de Abril, ameaçavam, fechar as empresas e ir para os respectivos países, porque não tinham condições para dar aumentos de salários, é significativo que não o dizem agora. Agora actuam doutra maneira. Antes ameaçavam fechar as empresas porque sabiam que tinham o apoio do Governo de Marcello Caetano. Actualmente mudaram de tom, mas os objectivos são os mesmos. Procurar explorar a classe operária, mas agora com outra questão fundamental: fazer tudo que conduza a uma desarticulação, a uma possível desunião entre o movimento popular das massas e o Movimento das Forças Armadas.»

Refere-se, seguidamente, aos trágicos acontecimentos do Chile, após o assassinato de Allende. E acrescenta:

Estamos absolutamente convencidos de que isso não será obtido para a reacção. E não será obtido porque a unidade da classe operária, a unidade dos trabalhadores portugueses, *a unidade das forças democráticas e a aliança com as Forças Armadas se mantém, se manterá e se consolidará. Nessas condições, não haverá reacção capaz de fazer andar a História para trás.»*

Todos nós, portugueses, nos encontramos envolvidos num processo histórico que temos de aprofundar, é certo, mas que temos, antes de mais, de defender nas suas vitórias já alcançadas. Octávio Pato tem razão. Há que estar alerta. «Eles» manobram de formas tão subtis ...

JUNTOS VENCEREMOS

com o teu entusiasmo e a nossa experiência, aprenderão dactilografia em 14 HORAS.
Ficamos à tua espera.

CENTRO SIGHT AND SOUND

R. Filipe Folque, 46-4.º — Lisboa — T. 536529

PORTIMÃO

ARMAZÉM

TEMOS PARA ALUGAR, BOA SITUAÇÃO COMERCIAL, CERCA DE 850m2.

RESPOSTA AO APARTADO 158—PORTIMÃO

A banda sonora deste filme encontra-se gravada em discos Decca, representados por Valentim de Carvalho
Em exibição o PATHÉ-RIVUS, incluindo a sensacional reportagem a cores sobre o 1.º DE MAIO

ANETA

CANDEEIROS SUECOS

EM EXPOSIÇÃO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

EMELLI

RUA DE S.ta JUSTA, 97 - 99

TEL. 32 72 10 LISBOA

DL/GERAL

A Judiciária procura saber a identidade dos pides assassinos

A Polícia Judiciária, agora empenhada no completo esclarecimento dos acontecimentos que tiveram lugar em frente da sede da ex-Pide-D.G.S., no dia 25 de Abril, relacionadas com os disparos de várias rajadas de metralhadora que mataram quatro jovens e feriram quarenta e oito, solicita a todas as pessoas que foram testemunhas da selvática chacina para comparecerem na 3.ª Secção daquela Corporação, a fim de que no processo instaurado se chegue a um conveniente apuramento da verdade e descoberta dos autores do crime.

Contrato para a prospecção de petróleo na Costa

Foi agora publicado no Diário do Governo o texto do contrato celebrado em 29 de Março, entre o Estado a Shell Prospex Portuguesa e a Sacor - Sociedade Anónima Concessionária da Exploração de Petróleos em Portugal, para a concessão dos direitos de prospecção, pesquisa, desenvolvimento e exploração de petróleos na plataforma continental metropolitana até ao limite da batimétrica de 200 metros.

ENSINO LICEAL — LIÇÕES INDIVIDUAIS

CEPELT

Rua Tomás Ribeiro, 47
Rua D. Estefânia, 48
Telef. 42959 — Lisboa

LABORATÓRIOS DE FÍSICA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NATURAIS

Jornal europeu multinacional

VENEZA, 16 (R.) Representantes de quatro importantes jornais europeus chegaram a noite passada a esta cidade para participar numa reunião de três dias com o fim de discutir a sua publicação conjunta o «Europa», o primeiro jornal multinacional da Europa.

Um jornal mensal publicado em francês, inglês, italiano e alemão, o «Europa» contem material fornecido por cada um dos diários que participam na empresa o Times de Londres «Le Monde» de Paris, «La Stampa», de Turim, e «Die Welt», de Hamburgo.

A conferência de Veneza está incluida numa serie regular de reuniões de trabalho entre administradores dos quatro jornais

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES · SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS * TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

KIRRI ADAMS — VEDETA AUSTRALIANA DA CANÇÃO

SHIMADA AND DEANNA — ILUSÃO E MAGIA

FLORENCIA com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

"ZAZZAM FOLIES" — Produção BOB AZZAM

FERRER TRINDADE e sua orquestra — "NUEVOS AMIGOS" — ORPHEU'S QUARTET

LADY CHRISTIN — SÓ NO WONDER BAR

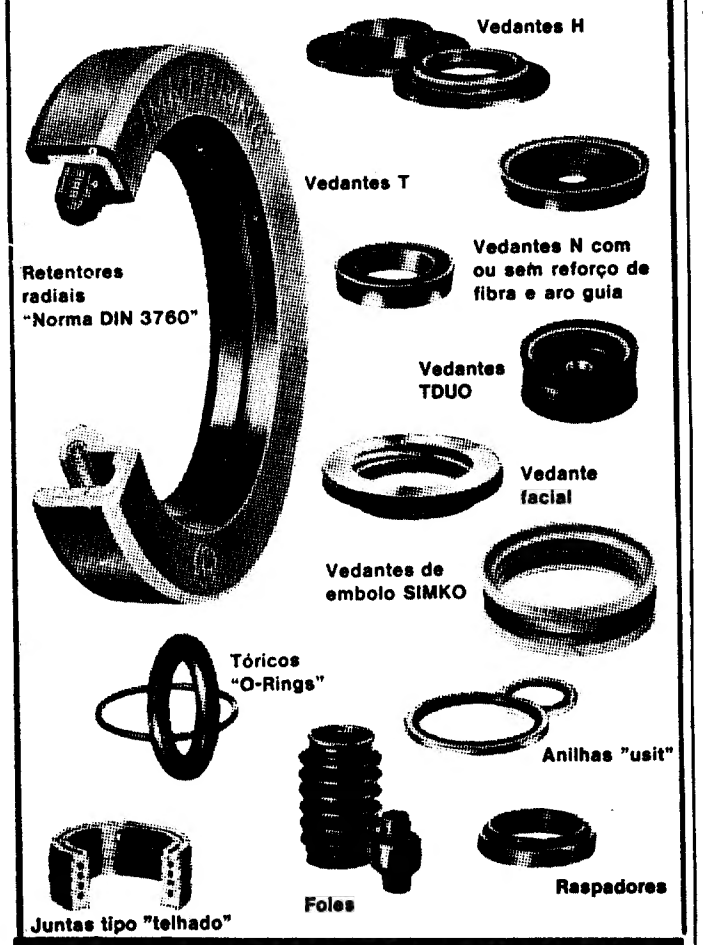
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H — Grupo C — Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR A 1.0 H — Maiores de 21 anos

Dr. José Agostinho Duarte Turras

Sua família vem por este meio agradecer a todas as pessoas que, de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar pela perda do ente querido, não o tendo feito directamente por desconhecimento de moradas.

SIMRIT Vedantes de todos os tipos



FAG PORTUGUESA, LDA.

PORTO - R. DELFIM FERREIRA, 719 a 739 - TELEF. 64141
COIMBRA - AV. FERNÃO de MAGALHÃES, 458 1.º TEL. 22729
LISBOA - RUA do TELHAL, 8-C - TELEF. 35620

Eleito o Conselho de Redacção do "DL"

Em reunião magna, a redacção do «Diário de Lisboa» elegeu ontem o respectivo conselho. Fica consituído pelos jornalistas Manuel de Azevedo, Armando Pereira da Silva, Regina Louro, Mário Castrim e Cesário Borga.

A criação do conselho de redacção (cujas atribuições serão esboçadas pelo próprio, com vista a posterior discussão em reunião magna) é um dos pontos do programa de reivindicações aprovado pela unanimidade dos redactores do «DL» e que já inserimos nas nossas colunas.

FERIADOS EM LONDRES

JUNHO
9 a 12 e 12 a 16

Preços excepcionais desde * 2.500$

INCLUINDO:
- Viagem em avião a jacto TRIDENT
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística de Londres
- Taxas hoteleiras
- Sobretaxa de combustível
- Acompanhante abreu

* a vantagem dos voos especiais

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu Fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 180 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

1 SEMANA em LONDRES

PARTIDAS: TODOS OS DOMINGOS

MAIO 19 e 26
JUNHO 2, 9, 16, 23 e 30

Preços excepcionais desde 3 250$

INCLUINDO:
- Viagem em avião a jacto TRIDENT
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística de Londres
- Taxas Hoteleiras
- Assistência de Guia abreu

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu Fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2

KOL

MAPLES

AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO 87, 89, 1.º — LISBOA

BUCARESTE

viagens especiais para TRATAMENTO GERIÁTRICO

PARTIDAS: 12/5; 9/6; 14/7; 11/8 e 15/9

15 DIAS (TUDO INCLUIDO) 19.880$

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu Fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2

DL/NACIONAL

DISPOSIÇÕES CONSTITUCIONAIS TRANSITÓRIAS

Considerando que o Movimento das Forças Armadas, em 25 de Abril de 1974, restabeleceu as condições necessárias ao exercício da Democracia e à realização da paz social na justiça e na liberdade;

Considerando que, de acordo com o Programa do Movimento das Forças Armadas, importa definir a estrutura constitucional transitória que regerá a organização política do país até à entrada em vigor da nova Constituição Política da República Portuguesa;

A Junta de Salvação Nacional decreta, para valer como lei constitucional, o seguinte:

ARTIGO 1.º
(Normas constitucionais)

1. A Constituição Política de 1933 mantém-se transitoriamente em vigor, naquilo que não contrariar os princípios expressos no Programa do Movimento das Forças Armadas, cujo texto autêntico se acha transcrito em anexo a esta Lei e dela faz parte integrante.

2. Entender-se-á de igual modo revogada a Constituição Política de 1933 em tudo aquilo que for contrariado por disposição da Lei Constitucional número 1/74, de 25 de Abril, da Lei Constitucional número 2/74, de 14 de Maio, da presente Lei ou de futura Lei Constitucional promulgada no exercício dos poderes assumidos em consequência daquele Movimento e ao abrigo preceituado neste diploma.

3. As disposições da Constituição Política de 1933 serão interpretadas, na parte que subsistirem, e as lacunas da mesma serão integradas, de acordo com os referidos princípios expressos no Programa do Movimento das Forças Armadas.

ARTIGO 2.º
(Órgãos de Soberania)

Até que iniciem o exercício das suas funções os órgãos que vierem a ser instituídos pela nova Constituição Política, a aprovar nos termos da presente Lei, exercerão o poder, além da Assembleia Constituinte, o Presidente da República, a Junta de Salvação Nacional, o Conselho de Estado, o Governo Provisório e os Tribunais.

ARTIGO 3.º
(Assembleia Constituinte)

1. À Assembleia Constituinte caberá elaborar e aprovar a nova Constituição Política.

2. A Assembleia Constituinte deverá aprovar a Constituição no prazo de noventa dias contados a partir da data da verificação dos poderes dos seus membros, podendo esse prazo ser prorrogado por igual período pelo Presidente da República, ouvido o Conselho de Estado.

3. A Assembleia Constituinte dissolve-se automaticamente uma vez aprovada a Constituição ou decorrido que seja o prazo referido no número anterior, devendo neste segundo caso ser eleita nova Assembleia Constituinte no prazo de sessenta dias.

ARTIGO 4.º
(Lei Eleitoral)

1. A Assembleia Constituinte será eleita por sufrágio universal, directo e secreto. O número de membros da Assembleia, os requisitos de elegibilidade dos deputados, a organização dos círculos eleitorais e o processo de eleição serão determinados pela lei eleitoral.

2. O Governo Provisório nomeará, no prazo de quinze dias a contar da sua instalação, uma comissão para elaborar o projecto da lei eleitoral.

3. O Governo Provisório elaborará, com base no projecto da comissão referida no número anterior, uma proposta de lei eleitoral a submeter à aprovação do Conselho de Estado, de modo a estar publicada até 15 de Novembro de 1974.

4. As eleições para deputados à Assembleia Constituinte realizar-se-ão até 31 de Março de 1975, em data a fixar pelo Presidente da República.

5. A Assembleia Constituinte será convocada dentro de quinze dias após a sua eleição.

ARTIGO 5.º
(Presidente da República)

O Presidente da República é escolhido pela Junta de Salvação Nacional de entre os seus membros, e responde perante a Nação.

ARTIGO 6.º
(Posse do Presidente da República)

O Presidente da República assume as suas funções no dia em que for designado e toma posse perante a Junta de Salvação Nacional, usando a seguinte declaração de compromisso:

«Juro, por minha honra, garantir o exercício de todos os direitos e liberdades dos cidadãos, observar e fazer cumprir as leis, promover o bem geral da Nação e defender a independência da Pátria Portuguesa».

ARTIGO 7.º
Competência do Presidente da República)

Compete ao Presidente da República:

1.º Vigiar pelo cumprimento das normas constitucionais e das restantes leis;

2.º Presidir à Junta de Salvação Nacional e ao Conselho de Estado;

3.º Nomear os membros do Governo Provisório de entre cidadãos portugueses que sejam representativos de grupos e correntes políticas ou sejam independentes, mas se identifiquem com o Programa do Movimento das Forças Armadas, e exonerá-los;

4.º Convocar o Conselho de Estado;

5.º Convocar e presidir ao Conselho de Ministros, quando o julgar conveniente;

6.º Marcar, de harmonia com a lei eleitoral, a data das eleições dos deputados à Assembleia Constituinte;

7.º Convocar a Assembleia Constituinte e abrir a sua sessão;

8.º Prorrogar, se necessário, a sessão da Assembleia Constituinte, nos termos do número 2 do artigo 3.º;

9.º Representar a Nação e dirigir a política externa do Estado, concluir acordos e ajustar tratados internacionais, directamente ou por intermédio de representantes, e ratificar os tratados depois de devidamente aprovados;

10.º Exercer a chefia suprema das Forças Armadas, nos termos da lei;

11.º Indultar e comutar penas;

12.º Declarar, ouvido o Conselho de Estado, o estado de sítio com suspensão total ou parcial das garantias constitucionais, em um ou mais pontos do território nacional, no caso de agressão efectiva ou eminente por forças estrangeiras ou no de a segurança e a ordem pública serem perturbadas ou ameaçadas;

13.º Promulgar e fazer publicar as leis constitucionais e as resoluções emanadas do Conselho de Estado, bem como os decretos-leis e os decretos regulamentares, e assinar os restantes decretos. Os diplomas mencionados neste número que não sejam promulgados, assinados e publicados segundo nele se determina, são juridicamente inexistentes.

ARTIGO 8.º
(Regime de referenda)

1. Os actos do Presidente da República devem ser referendados pelo Primeiro-Ministro e pelo Ministro ou Ministros competentes, sem o que serão juridicamente inexistentes.

2. Não carecem de referenda:

a) a nomeação e exoneração dos membros do Governo Provisório;

b) a mensagem de renúncia ao cargo;

c) a promulgação das Leis Constitucionais e das resoluções do Conselho de Estado.

3. Salvo o disposto no número anterior, devem ser referendados por todos os Ministros os decretos-leis e os decretos que hajam de ser promulgados ou assinados pelo Presidente da República, se uns e outros não tiverem sido aprovados em Conselho de Ministros.

ARTIGO 9.º
(Constituição da Junta de Salvação Nacional)

1. A Junta de Salvação Nacional é composta por sete militares que para o efeito receberam mandato do Movimento das Forças Armadas.

2. O exercício das funções de membro da Junta prefere ao de qualquer outro cargo.

3. No caso de cessação, por parte de qualquer membro da Junta, das respectivas funções, o Conselho de Estado designará o novo membro no prazo de quinze dias após a verificação do respectivo evento.

ARTIGO 10.º
Competência da Junta de Salvação Nacional)

Compete à Junta de Salvação Nacional:

1.º Vigiar pelo cumprimento do Programa do Movimento das Forças Armadas e das Leis constitucionais;

2.º Escolher de entre os seus membros o Presidente da República, o Chefe e Vice-Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, o Chefe do Estado Maior da Armada, o Chefe do Estado Maior do Exército e o Chefe do Estado Maior da Força Aérea.

3.º Designar, em caso de impedimento do Presidente da República, qual dos membros desempenhará interinamente as suas funções.

ARTIGO 11.º

(Funcionamento da Junta de Salvação Nacional)

1. Até à sua dissolução, a Junta de Salvação Nacional considerar-se-á em reunião permanente.

2. As deliberações da Junta serão tomadas por maioria absoluta do número legal dos membros que a compõem.

ARTIGO 12.º

(Composição do Conselho de Estado)

1. Constituem o Conselho de Estado:

a) Os membros da Junta de Salvação Nacional;

b) Sete representantes das Forças Armadas;

c) Sete cidadãos de reconhecido mérito, a designar pelo Presidente da República.

2. Os membros do Conselho de Estado referidos na alínea b) do número anterior serão investidos pelo Presidente da República, de acordo com as designações feitas pelo Movimento das Forças Armadas, não podendo estes ser colocados, sem prévio consentimento do Conselho de Estado, em situações que impeçam o exercício efectivo das suas funções.

3. O exercício das funções de Conselheiro de Estado, por parte dos membros referidos na alínea b) do número 1, prefere ao de quaisquer outras.

4. No caso de morte, renúncia ou impossibilidade física permanente de qualquer dos membros do Conselho de Estado referidos nas alíneas b) e c) do número 1. deste artigo, o Presidente da República designará o novo membro no prazo de quinze dias após a verificação do respectivo evento.»

ARTIGO 13.º

(Competência do Conselho de Estado)

1. Compete ao Conselho de estado:

1.º Exercer os poderes constituintes assumidos em consequência do Movimento das Forças Armadas até à eleição da Assembleia Constituinte.

2.º Sancionar os diplomas do Governo provisório que respeitem:

a) à eleição da Assembleia Constituinte;

b) à definição das linhas gerais da política económica, social e financeira;

c) ao exercício da liberdade de expressão de pensamento, de ensino, de reunião, de associação e de crenças e práticas religiosas;

d) à organização da defesa nacional e à definição dos deveres desta decorrentes;

e) à definição do regime geral do Governo das Províncias Ultramarinas.

3.º Vigiar pelo cumprimento das normas constitucionais e das leis ordinárias, e apreciar os actos do Governo ou da Administração, podendo declarar com força obrigatória geral, mas ressalvadas sempre as situações criadas pelos casos julgados, a inconstitucionalidade de quaisquer normas.

4.º Autorizar o Presidente da República a fazer a guerra, se não couber o recurso à arbitragem, ou esta se malograr, salvo o caso de agressão efectiva ou eminente de forças estrangeiras, e a fazer a paz.

5.º Pronunciar-se sobre a impossibilidade física do Presidente.

6.º Pronunciar-se em todas as emergências graves para a vida da Nação e sobre outros assuntos de interesse nacional sempre que o Presidente da República o julgue conveniente.

2. Os diplomas que devem ser sancionados pelo Conselho de Estado não poderão ser promulgados pelo Presidente da República sem que a sanção tenha sido concedida.

ARTIGO 14.º

(Constituição e formação do Governo provisório)

1. O Governo Provisório é constituído pelo primeiro-ministro, que poderá gerir os negócios de um ou mais Ministérios, e pelos ministros, secretários e subsecretários de Estado.

2. O primeiro-ministro e os ministros são nomeados e exonerados pelo Presidente da República.

3. Os secretários e subsecretários de Estado são nomeados pelo Presidente da República sob proposta do primeiro-ministro.

4. As funções dos secretários e subsecretários de Estado cessam com a exoneração do respectivo ministro.

5. Poderá haver ministros sem pasta, que desempenham missões de natureza específica e exerçam funções de coordenação entre Ministérios ou quaisquer outras que lhes sejam delegadas pelo primeiro-ministro.

ARTIGO 15.º

(Responsabilidade política do Governo provisório)

O Governo provisório é responsável politicamente perante o Presidente da República.

ARTIGO 16.º

(Competência do Governo provisório)

1. Compete ao Governo provisório:

1.º Conduzir a política geral da Nação;

2.º Referendar os actos do Presidente da República;

3.º Fazer decretos-leis e aprovar os tratados ou acordos internacionais;

4.º Elaborar os decretos, regulamentos e instruções para a boa execução das leis;

5.º Superintender no conjunto da administração pública;

6.º Elaborar a Lei Eleitoral.

2. Os actos do Governo provisório que envolvem aumento de despesas ou diminuição de receitas são sempre referendados pelo ministro da Coordenação Económica.

ARTIGO 17.º

(Colegialidade do Gabinete)

1. Os ministros do Governo Provisório definirão em Conselho as linhas de orientação governamental, em execução do Programa do Movimento das Forças Armadas.

2. A execução da orientação política definida em Conselho para cada Ministério será assegurada pelo respectivo ministro.

3. Ao primeiro-ministro caberá convocar e presidir ao Conselho de Ministros e coordenar e fiscalizar a execução da política definida pelo Conselho.

ARTIGO 18.º

(Exercício de função jurisdicional)

1. As funções jurisdicionais serão exercidas exclusivamente por tribunais integrados no Poder Judicial.

2. Não é permitida a existência de tribunais com competência específica para o julgamento de crimes contra a segurança do Estado.

3. Exceptuam-se do disposto do número 1. os Tribunais militares.

ARTIGO 19.º

(Forças Armadas)

1. A estrutura das Forças Armadas é totalmente independente da estrutura do Governo Provisório.

2. A ligação entre as Forças Armadas e o Governo Provisório é feita a través do ministro da Defesa Nacional.

ARTIGO 20.º

(Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas)

O Chefe do Estado Maior-General das Forças Armadas tem categoria idêntica à do primeiro-ministro, sucedendo-lhe imediatamente na hierarquia da Função Pública.

ARTIGO 21.º

(Chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armadas)

Os chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armadas desempenharão todas as funções que correspondiam, até 25 de Abril de 1974, às dos ministros das pastas militares, com excepção das de natureza exclusivamente civil, que transitarão para o Governo Provisório.

ARTIGO 22.º

(Conselho Superior de Defesa Nacional)

1. Haverá um Conselho Superior de Defesa Nacional, com a atribuição de concertar a política e a acção de defesa nacional.

2. O Conselho Superior de Defesa Nacional é presidido pelo Presidente da República e dele fazem parte o primeiro-ministro, o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, os ministros da Defesa Nacional, Negócios Estrangeiros, Coordenação Económica e Coordenação Interterritorial e os chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armadas.

3. Quando o entender, o Presidente da República pode convocar outros ministros, governadores-gerais ou governadores das províncias ultramarinas e outras entidades que, pelas suas funções, tenham directa interferência nos assuntos relativos à defesa nacional.

ARTIGO 23.º

(Governadores Gerais e Governadores de Províncias Ultramarinas)

Os governadores-gerais e os governadores de províncias ultramarinas têm, na hierarquia da Função Pública, categorias idênticas, respectivamente, às de ministros e de secretários de Estado.

ARTIGO 24.º

(Vigência)

1. A presente lei entra imediatamente em vigor.

2. As leis constitucionais a que se refere o artigo 1.º deste diploma caducarão logo que a nova Constituição seja aprovada e promulgada e tomem posse os titulares dos órgãos que sejam previstos nela.

Visto e Aprovado pela Junta de Salvação Nacional, em 14 de Maio de 1974.

O Presidente da Junta de Salvação Nacional — **General António de Spínola.**

Reunião cineclubista

O Cine Clube Imagem vai promover na segunda-feira, pelas 21 e 30, em colaboração com o Cicne Clube Imagem, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma reunião com os seus associados, na qual serão apresentados e discutidos os problemas inerentes aps cineclubes nacionais.

Esta sessão de trabalho servirá também de preparação para o encontro de direcções cineclubistas, a efectuar em Aveiro nos próximos próximos dias 25 e 26.

Para que não esqueçam os caídos da António Maria Cardoso

Vi uma mesa coberta de sangue gritar «Ai!» assistamos que não morram e nisso em seu auxílio. Foi nessa altura que oito projecteis me atingiram obrigando-me a estacar a marcha. Mas mesmo assim não fiquei inconsciente. — A nossa interlocutora, Carmélia Ferreira Pires, de 22 anos, uma das 52 vítimas do derradeiro estertor da hidra «pidesca» ocupa agora um quarto particular do Hospital da Cuf, para onde transitou por instâncias familiares, depois de ter passado dois dias »no inferno de uma enfermaria em S. José».

A jovem que já foi sujeita a duas intervenções cirúrgicas, apresenta fractura da perna esquerda e imobilidade da mão direita, lesões que futuramente poderão conduzir a uma invalidez efectiva. É pois face a esta situação que ela emite as seguintes interrogações: *É agora quem me vai indemnizar? Quem irá saldar as despesas finais do internamento, já que estou a pagar uma diária de seiscentos escudos? Como irão ser julgados os «pides» que alvejaram o povo indefeso? Quem irá indemnizar as famílias dos quatro jovens mortos?*

. Estes dias foram de euforia e muitos poucos recordaram os caídos da António Maria Cardoso. Os caídos do 25 de Abril. Torna-se pois urgente e imperioso que eles sejam lembrados e que os seus problemas não sejam de forma nenhuma olvidados. E que os «pides» agressores sejam julgados. Para que se faça verdadeira justiça!

CDE: 20 sedes em Lisboa e arredores

No intuito de pôr à disposição dos seus aderentes locais de trabalho e informação, a CDE de Lisboa tem já em funcionamento, em Lisboa e arredores, as seguintes sedes:

SEDE CENTRAL: Rua Artilharia Um, N.º 105-1.x 1, Tel. 68 10 34, 68 08 09, 68 76 72, 68 51 80.

SEDES LOCAIS: Campo de Ourique: (ST. Condestável/St. Isabel): Rua Coelho da Rocha, 27. Benfica, S. Domingos: Rua dr. José Baptista de Sousa, 13-A (junto à Praça Prof. Santa Andrea). Alvalade, C. Grande, S. João de Brito, S. João de Deus: Rua dr. Gama Barros, 12-r/c Esq. Bairro Alto: (S. Mamede): Travessa da Cara, 14-2.º. Algés, Belém, Ajuda: Rua de Pedrouços, 99-A. Rio de Mouro, Rinchoa, Alfragide: Rua Vasco da Gama, 35-c/v Esq., Rio de Mouro. Cacém: Rua João de Deus, Lote 1-Bloco 3, Cacém. Vila Franca de Xira: Rua Almirante Reis, 16-1.º Póvoa de Santa Iria: Rua do Grémio. Loures: Praça de Timor, 8-3.º. Odivelas: Rua Alexandre Herculano, 38-c. Moscavide: Av. de Moscavide, 16-1.º Dt. Santa Iria da Azóia: Rua Alexandre Herculano, 1-r/c Dto. Queluz: Rua dr. Manuel de Arriaga, 13. Oeiras: Rua Marquês de Pombal, 42. Torres Vedras: Rua Paiva de Andrade. Mafra: Torrão Sul do Convento de Mafra. Cascais: Travessa das Flores, 1-Tel. 286 5528. Parede: Av. da República, 93, r/c Esq.

Greve na ITT

A primeira greve envolvendo pessoal das multinacionais no nosso país foi ontem decretada as 14 horas. O pessoal da fábrica de Cascais da ITT apresentou uma reivindicação básica à Administração exigindo a demissão de seis chefes de Departamento. A Administração não correspondeu às exigências do pessoal e o trabalho encontra-se paralisado.

Sr. Miguel de Oliveira
Feliz sexagerá

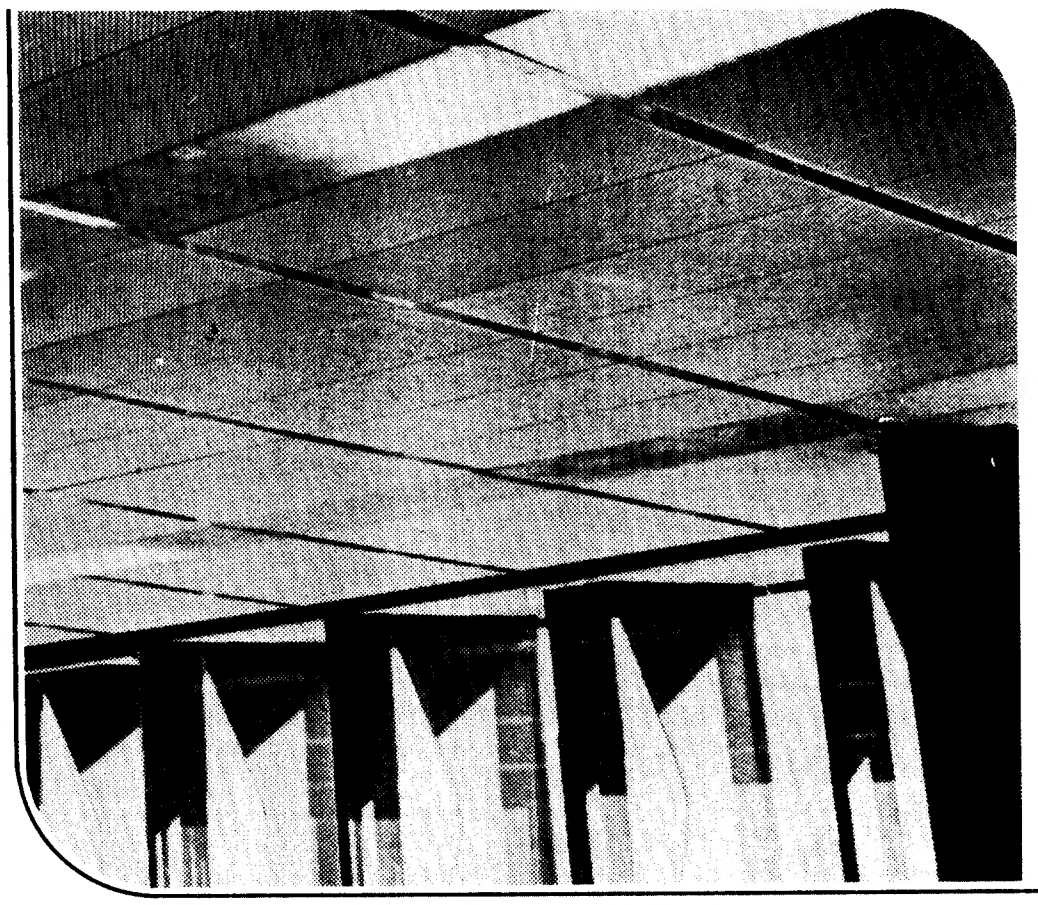
SIM.
FEZ UM SEGURO DE VIDA ATLAS DE VALOR PROGRESSIVO

Quando o Sr. Miguel de Oliveira chegar aos sessenta anos é um jovem com o futuro assegurado. Hoje é novo. Trabalha a sério e vive tranquilo. O seu Seguro de Vida de Valor Progressivo ATLAS, que também será novo daqui a 30 anos, valer-lhe-á na altura própria. Este seguro é simples de fazer e fácil de pagar. Com reduzida contribuição do seu orçamento garante um capital a actualizar progressivamente que resiste, de certo modo, à desvalorização da moeda. Quando deixar a sua vida de trabalho, terá às ordens o valor seguro e actualizado para viver feliz a sua vida de descanso. Entretanto pode descontar os gastos com o Seguro de Vida ATLAS nos rendimentos colectáveis. Não se sabe o dia de amanhã. Seja qual for a sua preocupação com o futuro venha falar connosco. A ATLAS pode-lhe estudar uma solução própria em qualquer ramo de seguros. CONTACTE-NOS.

seguro de vida de valor progressivo
ATLAS
o seguro que vale no futuro

LTA 15/10

esfera e



Tectos falsos ELEKTRO-METALL
o prestígio no seu espaço

O espaço onde se vive, trabalha, diverte deve ser funcional e agradável. Por isso, os tectos que utilizamos foram estudados a pensar no seu ambiente: são elegantes, sóbrios, e integram o tratamento acústico, iluminação, ar condicionado, som, etc.
São construídos em chapa de aço inoxidável ou alumínio; facilmente montáveis e desmontáveis; são anti-fogo e o seu aspecto estético enquadra-se em qualquer ambiente.

PROJEL — Projectos de Electricidade, SARL
Rua S. Sebastião da Pedreira, 55 Telef. 53 01 22/3 — LISBOA

DL/NACIONAL

OS CAMPONESES DE BALEIZÃO ORGANIZAM-SE EM LUTA PELO PÃO

No decorrer de uma sessão plenária que reuniu cerca de 500 trabalhadores de Baleizão, depois de se ter referido que o **combate decisivo é a luta organizada contra os patrões da terra;** que qualquer trabalhador **é uma possível Catarina Eufémia;** que só com o regresso urgente e definitivo dos emigrantes e soldados das colónias se poderá conduzir uma luta em força; que só com a construção da **aliança entre camponeses e operários** se poderá enfrentar a burguesia, lançou-se um apelo a todos os trabalhadores do campo para que se unam e levem por diante as seguintes tarefas imediatas (em Baleizão):

«1 __ Exigir o julgamento popular do fascista Fernando Nunes Ribeiro, assassino de Catarina Eufémia e do regedor PIDE Constantino.

2 __ Demissão imediata dos actuais corpos gerentes da casa do povo e eleição duma comissão pró-sindical proposta à aprovação da JSN (eleição feita na mesma noite).

3 __ Ocupação das instalações e tomada de posse das chaves.

4 __ Manter por enquanto a estrutura e o pessoal da Assistência até à eleição da futura direcção do sindicato, mas exercer controlo desde já sobre esses serviços.

5 __ Lançar campanha de propaganda entre os trabalhadores para as seguintes reivindicações:

__ Salário mínimo de 6 contos para os camponeses, pagos ao mês.

__ 40 horas semanais em 5 dias.

__ Subsídio de férias correspondente a um mês de ordenado.

__ 13.º mês de gratificação.

__ Reforma aos 55 anos.

__ Controlo da escrita das casas de lavoura pelos trabalhadores.

A comissão preparará a criação de um boletim de informação da luta dos trabalhadores.

O sindicato dos trabalhadores do campo é um «Orgão de Poder Popular» que vigia e controla as casas da lavoura. **A greve é uma arma! Viva o sindicato livre dos camponeses! Luta aos parasitas da terra! Regresso dos emigrantes e soldados! Nem mais um embarque!»**

DISSOLVEU-SE A ACÇÃO DEMOCRATO-SOCIAL

A Acção Democrato-Social, liderada pelo dr. Acácio Gouveia, deliberou dar por finda a sua actuação. E do seguinte teor o comunicado que recebemos:

«A Acção Democrato-Social, reunida em assembleia geral, para apreciação da conjuntura política e para deliberar sobre o seu destino, considerando que o 'Movimento do 25 de Abril' se propõe realizar as condições indispensáveis para a restauração da Democracia em Portugal; considerando que os objectivos que ela visava, como agrupamento oposicionista apartidário, em obediência aos ideais que sempre a nortearam, se encontram alcançados ou em vias de realização, delibera: a) dar por finda a sua actuação; b) prestar homenagem a todos os seus elementos, aderentes ou simpatizantes pela colaboração deles recebida; c) exprimir o seu regozijo pelo clima político existente em Portugal resultante do esforço conjunto e abnegado das Forças Armadas e dos democratas portugueses; d) proceder à publicação urgente, em livro, das exposições e manifestos oportunamente apresentados e publicados pela Acção Democrato-Social.

Para o fim designado na alínea d) desde já constitui uma comissão composta por: Acácio Gouveia, Fernando Mayer Garção, Artur Cunha Leal, Nuno Rodrigues dos Santos e Armando Guerra da Cunha, os quais promoverão a referida publicação assim como a da presente deliberação.»

Destituida a Junta de Freguesia da Sē

Na junta de freguesia da Sé efectuou-se uma reunião em que participaram numerosos habitantes daquela zona a fim de apoiarem a demissão dos actuais dirigentes e elegerem uma comissão administrativa provisória proposta pela comissão democrática da zona.

A manifestação efectuou-se alegremente tendo sido lido e aprovado unanimemente o seguinte documento: «Considerando que a actual direcção da junta da freguesia da Sé não merece a confianca dos moradores da freguesia; considerando que nunca zelaram pelos interesses dos seus moradores, antes sempre os prejudicaram e falsearam, até, informações; considerando também que os mesmos têm um processo movido pela polícia judiciária por desvios de dinheiro __ propomos que a mesma seja demitida imediatamente e seja nomeada uma comissão «ad hoc» composta pelos seguintes moradores: Branca da Costa, Manuel Guedes da Silva, Rosa Ferreira e Arlindo Pereira de Carvalho».

Sindicato dos cerâmicos

PORTO, 16 __ Foram empossados os elementos da comissão directiva do Sindicato dos Cerâmicos, que ficou constituída pelos trabalhadores António Vieira de Sousa, Rolando José de Matos da Silva, Armando Gomes Gaspar, Domingos Fernando, Alberto Cavadas da Silva, Clariano Casquinha da Costa, Manuel Oliveira Santos, Romão Pinheiro de Oliveira e Carlos Arriscado Ribeiro. Estes elementos manter-se-ão em funções até à efectivação de eleições livres e democráticas.

os astros e as viagens

ARIES *de 20/3 a 20/4*

Amor: Os astros sorriem-lhe, a sua vida afectiva trar-lhe-a felicidade. Afinidades com o Escorpião.
Vida Social: Investimentos em vista? Estude-os bem.
Saude: Alterne o trabalho com o repouso.
O nosso conselho: **A hora por que espera chegará. Entretanto, descanse uns dias nos Açores.**

LEO *de 23/7 a 22/8*

Amor: Encontros agradaveis com os amigos. Trocas de ideias, sugestões. Possibilidades de fazer novos conhecimentos interessantes.
Saude: Cuidado com as bruscas variaçoes de temperatura.
O nosso conselho: **Tente sobressair diante dos seus amigos e faça-lhes propostas interessantes. Não seria deveras agradável uma viagem em conjunto à historica Grecia?**

SAGITARIUS *de 22/11 a 21/12*

Amor: O seu humor esta oscilante o que surpreende sempre a pessoa que o ama e tambem os seus amigos mais proximos. Tente dominar-se.
Profissao: O seu trabalho complica-se. Tera que considerar varios factores e escolhe-los sem se enganar.
O nosso conselho: **Tome muita atenção ao seu estado actual. Retire-se, temporariamente do seu ambiente e reconsidere. Umas ferias em Torremolinos recompô-lo-ão.**

TAURUS *de 21/4 a 20/5*

Amor: As suas relaçoes com o Capricornio sao optimas. Os vossos dois caracteres entendem-se perfeitamente e as finalidades sao melhores. Uma viagem impoe-se.
Saude: O desporto dar-lhe-a mais equilibrio.
O nosso conselho: **Torne o seu momento particularmente feliz numa realidade. Faça uma viagem a dois a paradisiaca Corsega.**

VIRGO *de 23/8 a 22/9*

Vida Social: Melhoramentos e mudanças em vista. Contudo pode surgir o risco de contrariedades.
Saude: Tome cuidado consigo. Repouse primeiro que tudo.
O nosso conselho: **Suporte calmamente contrariedades e decepçoes que possam surgir. Esteja, calmamente, uns dias na Madeira.**

CAPRICORNIUS *de 22/12 a 20/1*

Amor: Encontros importantes para os Capricornius ainda sos. Seja mais desenvolto com os seus amigos, eles oferecem-lhe a possibilidade de fazer novos conhecimentos.
Saude: Atenção às insonias e fadiga nervosa.
O nosso conselho: **Mostre-se receptivo para com os seus amigos. E faça uma proposta agradavel à pessoa que vai encontrar. Leve-a a passar uns dias inesqueciveis no Algarve.**

GEMINI *de 21/5 a 20/6*

Amor: Periodo bastante movimentado. Nao resista ao apelo da aventura. Entendimento perfeito com o Sagitario.
Saude: Cuidado com as correntes de ar e a humidade.
O nosso conselho: **Fixe a sua atenção para as iniciativas de realizaçao rapida. Todo um mundo novo espera por si. Pense num Cruzeiro no Reno...**

LIBRA *de 23/9 a 22/10*

Amor: Agitaçao, impaciencia, insatisfaçao, desejo de se deslocar, de ver novas caras, de fazer novos conhecimentos. Acordo perfeito com o Aquario.
Saude: Nao negligencie dos males passageiros.
O nosso conselho: **De atençao aos seus desejos. E urgente respirar novos ares. Viva férias «a sério» em Palma de Maiorca.**

AQUARIUS *de 21/1 a 19/2*

Vida Social: Com o seu sentido de organizacao, a sua aplicaçao e tenacidade, fara grandes progressos e consolidara a sua situaçao.
Saude: Bastante boa.
O nosso conselho: **De a justa recompensa ao seu labor. Faça uma viagem. Você merece fazer um Cruzeiro à Indonésia.**

CÂNCER *de 21/6 a 22/7*

Amor: Testemunhe a sua afeiçao ao seu ser amado. Estude em conjunto problemas e projectos.
Vida Social: Com um pouco de objectividade e bom sendo, metera em ordem um metodo de trabalho rentavel.
Saude: Retire o alcool e os estimulantes. Mude de ambiente.
O nosso conselho: **Esteja sempre pronto a reconsiderar programas e situaçoes logo que a necessidade se faça sentir. Passe uns dias inesqueciveis nas Canárias.**

SCORPIUS *de 23/10 a 21/11*

Amor: Tensao ou incompreensao passageira. Mas possibilidades de retomar o dialogo ou de fazer um novo encontro.
Vida Social: Boas perspectivas gerais mas seja prudente. Tenha em atençao os nascidos em Aries.
O nosso conselho: **Esqueça as decepçoes passadas. Mostre-se receptivo quanto ao seu encontro em vista e faça projectos. Não acha que um Cruzeiro às ilhas lhe faziam esquecer o passado?**

PISCIS *de 20/2 a 20/3*

Amor: Nao dramatize os pequenos contratempos. Boas relaçoes com Virgo.
Profissao: Voce tem tendencia a acelerar o ritmo. Primeiro que tudo faça projectos mas com tempo.
Saude: Evite as tensoes nervosas.
O nosso conselho: **Faça uma pausa no seu ritmo profissional. Pondere. Terá tempo de se recompor num aliciante Cruzeiro às ilhas.**

que aconselha o seu signo?

A viagem do seu horóscopo faz parte dos nossos programas. Que, também, incluem outras aliciantes sugestões. Consulte-nos. Será o primeiro passo para a realização dos seus projectos.

OREY, ANTUNES
os peritos em viagens e turismo
Praça Duque da Terceira, 4 – Tels. 36 60 56 - 36 22 66 – Lisboa 2

DL/GERAL

O "PROBLEMA DA MULHER"

Continuação da pág. 3

social. Mesmo se a mulher tiver um trabalho remunerado o seu «papel essencial», que condiciona todo o resto, é o de «mãe de família». Por consequência, as mulheres «não pertencem à classe social, no sentido tradicional; elas têm uma posição de classe que não é principalmente definida pelas suas relações com os meios de produção de bens, mas pelo adestino final dos seus produtos, quer dizer, pela previsível posição de classe dos seus filhos. Isto não é apenas um detalhe teórico, mas também uma questão prática: o célebre «desinteresse» das mulheres pela política, a sua «falta de participação nos sindicatos», tudo isso se liga à cegueira dos homens que, definidas as classes a partir das relações dos agentes masculinos, querem em seguida considerar as mulheres como membros homogéneos das classes assim definidas.

— socialmente a mulher é sempre um agente produtor de crianças: por aí se define uma situação e uma luta comum a todas as mulheres. A força de trabalho «doméstico» é a única, numa sociedade capitalista, que não é directamente vendida no mercado de trabalho, a produção de crianças, e as «tarefas domésticas» que a ela se acrescentam, são trabalho não pago. Dizer que a situação da mulher varia segundo a sua «posição de classe» é uma maneira de «esconder a verdade atrás da verdade»: contesta-se a veracidade da afirmação «o trabalho doméstico não é pago» dizendo-se que o marido deve garantir a subsistência da mulher: mas o nível dessa subsistência não tem qualquer relação directa com a «quantidade de trabalho» variam quase sempre em sentido inverso e dependem ambos da posição de classe e da boa vontade do marido. O que põe em evidência a não remuneração da produção de crianças e das tarefas domésticas, e o não controlo dos agentes sobre a sua produção, traço comum da situação de todas as mulheres. Quando se casa, o homem adquire a força de trabalho da mulher, e se essa força é ou não empregue, ou a sua forma de uso, não depende da decisão da mulher. A «mulher doméstica» depende do marido: este é a única ligação entre «dona de casa» e o sistema normal de troca, é o marido que, a sua força de trabalho «conservada», «reproduzida» pela sua mulher, traz o dinheiro, ganho nas tarefas remuneradas, dinheiro necessário à aquisição dos meios de trabalho «doméstico» e da produção de crianças. O agente produtor de crianças e de «tarefas domésticas» está sempre subordinado a um agente produtor de bens. O destino da mulher está ligado ao do marido.

— a mulher entra na vida profissional como «trabalhadora desvalorizada»: uma parte a sua força de trabalho está estruturalmente destinada a ser consumida na família; da mesma maneira, a sua subsistência está em princípio, contida no salário do marido, que inclui a «reprodução alargada» da força de trabalho masculina o que fatalmente diminui o salário feminino — nesta «reprodução alargada» reside o ponto nevrálgico da exploração da mulher. A mulher é utilizada somente como «mão-de-obra» de reserva, nos momentos de crise ou nos trabalhos que os homens abandonam; em situação de desemprego as mulheres são facilmente reabsorvidas, visto que funfamentamente, elas são agentes produtoras de crianças.

MARIA ISABEL BARRENO

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

(S. A. R. L.)

AVISO

CONCURSO

Até às 16 horas do dia 15 de Maio de 1974, esta Companhia aceita propostas para a adaptação e exploração de uma dependência na estação de Famalicão, sendo todas as despesas a cargo do interessado.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação da dependência é de 12 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Famalicão	Sector Comercial da Região Norte — Porto (São Bento)
Nine	
Lousado	Serviço Comercial de Passageiros da Companhia — Rua
Póvoa de Varzim	Victor Cordon, 45 — Lisboa-2

Esta Companhia reserva-se o direito de rejeitar todas as propostas, ou algumas delas, se assim o julgar conveniente.

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Rua Victor Cordon, 45 — Lisboa-2 acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para adaptação e exploração de uma dependência na estação de Famalicão».

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DE LISBOA

COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS

Convocam-se todos os trabalhadores do sector COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS (antiga 15.ª S. A.) para uma reunião a realizar no dia

16 (5.ª FEIRA) ÀS 21 HORAS
NA VOZ DO OPERÁRIO

com a seguinte ordem de trabalhos:

ANÁLISE E DISCUSSÃO DA SITUAÇÃO SINDICAL ACTUAL

A DIRECÇÃO PROVISÓRIA

ESCRITÓRIOS
ALUGAM-SE
No Chiado, a estrear, com cerca 75 m2 cada
R. GARRETT, 80

ALUGAM-SE
APARTAMENTOS
GRANDE LUXO — MOBILADOS — NÃO MOBILADOS
AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, 89
VILA CORREIA, 16 (Ao Cinema Restelo)

TRANQUILIDADE
COMPANHIA DE SEGUROS
mais de um SÉCULO de experiência

DL/NACIONAL

"É ponto firme no nosso programa o desmantelamento do aparelho repressivo do anterior regime"

-Palavras de Antônio de Spínola ao assumir as funções de Presidente da República

O general António de Spínola assumiu as funções de presidente da República ontem tarde, durante uma cerimónia efectuada no Palácio Nacional de Queluz.

Estavam presentes os membros da Junta de Salvação Nacional, o prof. Adelino da Palma Carlos, um representante do Movimento das Forças Armadas, o cardeal patriarca de Lisboa, os chefes das missões diplomáticas na nossa capital, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, o Procurador-Geral da República e os delegados da Junta nos Ministérios das Finanças, Educação, Justiça,Obras Públicas e Comunicações, além de outras personalidades.

Milhares de pessoas aguardaram o general António de Spínola no largo fronteiro ao Palácio de Queluz. Liam-se diversos cartazes referentes ao momento político português, destacando-se um de saudação ao novo Presidente da República. Às 16 horas em ponto, o general Spínola dava entrada na Sala dos Espelhos daquele palácio, onde o aguardava os restantes elementos da Junta de Salvação Nacional, generais Costa Gomes, Diogo Neto, Silvério Marques e os almirantes Pinheiro Azevedo e Rosa Coutinho.

Foi o general Costa Gomes quem emocionado proclamou o general António de Spínola Presidente da República Portuguesa, após o que proferiu breve saudação.

Seguidamente, o general Spínola leu a fórmula do juramento. Dirigiu depois a seguinte mensagem ao País:

Portugueses: Ao ser investido nas funções de Presidente da República por decisão da Junta de Salvação Nacional, sinto-me no dever de me vincular ao ideário do Movimento das Forças Armadas, à luz do qual se cumprirá a tarefa de construção do futuro e por cuja execução assumo, peranto o País, o mais solene compromisso.

São para as Forças Armadas as minhas primeiras palavras. Vilipendiadas pelas atitudes servis de alguns dos seus chefes, injustamente acusadas dos erros dos políticos, violentadas a coberto do seu elevado sentido da honra e do dever, quase destruídas, em suma, no que representavam de instituição eminentemente nacional, as Forças Armadas, pela mão dos seus quadros mais jovens, souberam apesar de tudo mobilizar a sua última reserva moral colocando-se ao serviço da Nação, de que há décadas haviam sido desviadas.

A Pátria deve a hora grandiosa que hoje vive a esses jovens que souberam manter acesa a chama do dever, e que, na nobreza do seu idealismo, arrastaram com eles à vitória o Povo Português. Na consciência de que a plenitude da soberania pertence à Nação, cabendo às Forças Armadas a sua instante defesa, o Movimento das Forças Armadas, em rasgo de serena audácia e perfeita isenção, restituiu Portugal ao seu Povo. Jamais os Portugueses poderão esquecer o verdadeiro alcance da gesta libertadora destes magníficos militares que salvaram o País da tragédia nacional para que se caminhava. Devemos ao seu patriotismo e ao seu sentido do dever como servidores do Povo sem partidarismos, o momento histórico que a Nação vive. E por mais eloquentes que sejam as palavras, só a História e os vindouros saberão julgar toda a extensão do incomensurável serviço prestado à Pátria e ao Povo Português pelo Movimento das Forças Armadas».

É preciso fechar a porta por onde sempre entraram os ditadores

«Vividas as primeiras semanas de natural explosão emotiva, pontuada todavia por alguns excessos lesivos do clime de tranquilidade cívica cuja firme salvaguarda se impõe, o País vai entrar numa fase de reflectida ponderação, iluminada pelo reconhecimento de que democracia não significa anarquia, e de que a confusão dispersiva de actuações descoordenadas não ajuda, de modo algum, a construção do futuro que o Povo Português anseia.

O cardeal-patriarca cumprimenta o novo Presidente da República.

«O desrespeito pela ordem social decorrente de uma sólida fundamentação democrática e do perfeito funcionamento de instituições representativas, foi sempre, em todos os tempos e latitudes, a porta por onde entraram os ditadores. Bem gostaríamos de a ter encerrado definitivamente; mas só o conseguiremos quando cada português impuser a si próprio, em livre expressão da sua capacidade para o exercício da cidadania, o mais alto padrão de disciplina cívica, sem o qual jamais poderá edificar-se uma autêntica democracia.

Impõe-se-nos, antes de mais, fazer um profundo exame de consciência, para concluir se será, de facto, democrático o processo esboçado de decidir e aplicar decisões fraccionárias antes de o Povo definir, em consenso, o tipo de sociedade em que deseja viver. É que a democracia e o governo do povo, pelo povo e para o povo, não podendo entender-se senão na mais inteira liberdade de expressão, associação, reunião, debate e votação das decisões colectivas pela via de instituições legítimas, logo seguida da mais estrita observância das decisões assim tomadas. Creio firmemente ser essa a única forma de vida política onde cabe a dignidade humana; de resto, foi em nome desse ideal cívico que as Forças Armadas libertaram o País.

A democracia não se conquista; talvez mesmo se não contrua; a democracia vive-se. E, assim, o nosso propósito não pode ser outro senão o lançamento de bases sólidas para essa vivência; propósito aliás claramente expresso no programa do Movimento das Forças Armadas que vale a pena evocar nos seus traços essenciais.

Respeito pelo programa

«Reitero por isso o programa traçado, tendente a promover a estruturação partidária e associativa em clima da mais completa abertura, devendo o poder instituído assegurar que as liberdades de uns não sejam ameaçadas por excessos de outros. Empenhar-nos-emos em evitar, por todos os meios, que o processo de politização dos cidadãos possa ser entravado ou comprometido, constituindo ponto firme do nosso programa o desmantelamento do aparelho repressivo do antigo regime. Mas os caminhos que o País haverá de trilhar terão de ser definidos por instituições democráticas verdadeiramente representativas e solidamente implantadas, através das quais todos os cidadãos possam exprimir-se, onde todas as correntes de opinião se façam ouvir e em cujo topo se encontre, em lídima expressão final da soberania, uma Câmara Legislativa constituída por mandatários incontestáveis do Povo português. Serão as decisões dessa Câmara, depois de referendadas, que definirão o nosso estatuto político, económico e social. E só então nascerá, de facto, o Portugal renovado que ambicionamos.

A luta pela paz

«Entretanto, os nossos esforços centrar-se-ão no restabelecimento da paz no Ultramar; mas o destino do Ultramar português terá de ser democraticamente decidido por todos os que àquela terra chamam sua. Haverá que deixar-lhes inteira liberdade de decisão; e em África, como aqui, evitaremos por todas as formas que a força de minorias, sejam elas quais forem, possa afectar o livre desenvolvimento do processo democrático em curso.

Nesta linha de pensamento, desejamos firmemente, em plena corporização dos ideais do Movimento triunfante, que a paz volte ao Ultramar. E pensamos que o regresso dos partidos africanos de emancipação ao quadro da actividade política livremente desenvolvida será a prova cabal do seu idealismo e o mais útil contributo para o pleno esclarecimento e a perfeita consciencialização dos povos africanos, em ordem a uma opção final conscientemente promovida e escrupulosamente respeitada.

«Na ordem interna, empenhar-nos-emos em tornar representativas as organizações políticas, sociais e económicas, reparar injustiças sociais e cívicas, recuperar valores e assegurar o justo equilíbrio nas relações de trabalho.

Para tanto, haverá que acelerar o ritmo de expansão económica; garantir, dentro dos sãos princípios da ordem democrática, a completa liberdade sindical dos trabalhadores e do patronato; desmantelar o antigo controlo corporativo e aniquilar os seus estrangulamentos; criar um clima propício à constituição de partidos e associações político-económicas que exprimam todas as correntes de opinião; promover a livre eleição da nova Assembleia Constituinte; sujeitar a referendo a Lei Fundamental que definirá o estatuto de livre escolha do Povo Português; e finalmente entregar o Poder às novas instituições livremente constituídas e como tal perfeitamente legitimadas.

É evidente que terá de proceder-se, em paralelo, ao saneamento moral do País e à reformulação de todo um complexo de conceitos de justiça social, delineando as bases em que irá moldar-se o perfil da nova sociedade portuguesa.

Na ordem externa, manteremos os nossos compromissos de natureza política, económica e militar, para os quais não há, de momento, outras razões limitativas senão as claramente decorrentes do circunstancialismo do momento que vivemos e da salvaguarda de riscos imediatos.

Criar instituições democráticas estáveis

Entendo não dever ir mais longe nas minhas afirmações, pois a partir de amanhã o País terá à sua frente um Governo Provisório a quem será entregue a prossecução das tarefas que hão-de corporizar o ideal proclamado. Na verdade, se o Movimento das Forças Armadas libertou o País dos que agiam em seu nome mas sem mandato, não faria sentido que, ao ultrapassar o quadro traçado, voltássemos afinal ao mesmo sistema de decisões unilateralmente tomadas, embora sob outro rótulo e pela mão de outros poderes.

Nem se argumente que tais tarefas seriam legitimadas pela vontade do Povo expressa nas gigantescas demonstrações cívicas a que o País assistiu. Será bom recordar que os ditadores começaram sempre reformando à margem das instituições sob o eufórico aplauso popular. Foi aliás essas forma demagógica de transformar o Poder em tirania com o apoio das massas em delírio que esteve sempre na origem dos regimes totalitários. Ao contrário, o propósito que nos anima é o de criar e defender instituições democráticas estáveis, na serenidade de espírito com que devem tomar-se as decisões por que há-de reger-se um povo.

Competirão, portanto, ao Governo Provisório as tarefas administrativas necessárias à vida quotidiana que nao pode parar, e a ingente missão de, a par da construção do bem-estar económico e social, edificar e consolidar a democracia através da qual o Povo Português encontrará a autêntica liberdade.

Governo de unidade

Terá de ser, assim, um Governo sem partidos, porque é de todas os partidos; sem tendências, porque nele cabem todas as tendências; sem programa, porque o seu programa é o do Movimento das Forças Armadas. É nesse sentido de emanência nacional que se enquadra; e a essa luz governará a Nação até que esta tenha ultimado quanto carece para governar-se a si própria, no pleno exercício da soberania que enfim se lhe devolve.

A realização desta gigantesca tarefa de preparação e de recuperação do País tem necessariamente de basear-se na estabilidade social e na expansão económica, impondo-nos serenidade cívica e a obrigação moral de uma total entrega ao trabalho intenso em todos os sectores da vida nacional.

Não podemos, de forma alguma, deixar que pressões de qualquer ordem venham perturbar o nosso processo de evolução; e à imagem do Portugal Renovado que estamos construíndo teremos de associar a afirmação de plena capacidade para evoluir politicamente sem convulsão social nem quebra do ritmo da formação de riqueza que a todos aproveite. Daí justificar-se, mais do que nunca, o apelo ao trabalho no sentido de um aumento de produtividade, sendo esta, de momento, a mais instante das reivindicações; apelo, por isso, à consciência colectiva do operoso Povo Português que por certo não desejará a sua libertação ensombrada pelo espectro desolador de uma crise económica com todo o cortejo de privações e sob o signo do desemprego.

E tão pouco será em clima de ódio cego e de obstinação vingativa sobre os responsáveis dos males passados que construiremos a imagem que há-de restituir-nos, perante o mundo, o lugar que nos cabe no contexto das Nações. Para tanto, impõe-se que sejamos coerentes e se entregue à isenção da Justiça o apuramento de responsabilidades pelos crimes e iniquidades cometidos à sombra do velho regime. E bem desejaria que, nesta hora de arranque para uma nova ordem, esse apelo à coerência encontrasse eco no espírito de todos os Portugueses, pois o Movimento das Forças Armadas triunfou para que as decisões arbitrárias e os anteriores métodos de repressão fossem banidos da vida nacional, e não para que houvesse apenas simples mudança de executores.

São estes os traços gerais da missão em que me empenharei durante o mandato que o Movimento das Forças Armadas me confiou. Tomo perante o Povo Português a responsabilidade do seu integral cumprimento; e faço-o de consciência tranquila, pois jamais a vida política se me revelou aliciante. Servirei o País com a mesma senta devoção com que sempre o servi, como soldado que me orgulho de ser; e desejo por isso concluir com a afirmação de que a minha presença neste lugar deverá ser por todos entendida, antes de tudo e apenas, como firme e cabal garantia de que não serão traídas as esperanças despertas nos corações portugueses na manhã de 25 de Abril. Cumprida essa missão, e entregue o testemunho ao Presidente da República que o País livremente escolher, recolherei de novo ao seio das Forças Armadas de que nunca me afastei, e onde irei reintegrar-me com a consciência de ter cumprido o meu dever.

. No final da leitura do seu importante discurso, o presidente da República foi cumprimentado pelos diplomatas estrangeiros presentes à cerimónia. O núncio Apostólico foi o primeiro a saudar (demoradamente) o general de Spínola.

CASCAIS

VENDEM-SE

ANDARES: com 3, 4 e 5 ass., óptimos acabamentos, linda vista, etc.;

APARTAMENTOS: com 2 ass., no centro da vila;

MORADIAS: de 3 a 9 ass., em zonas residenciais, com linda vista de mar, etc.

TERRENOS ZONA RURAL: em Birre, óptima situação, área: 5.920 m2. Bicesse, c/ linda vista, área: 34.660 m2. Manique, com bons acessos, área: 24.000 m2.

Trata: BARAONA & BARAONA, LDA.

(Mediadora Autorizada)

AV. VALBOM, 28-1.º — Telef. 28 07 49

CASCAIS

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DE LISBOA

Reunião Geral de todos os associados que não estão abrangidos por nenhum C. C. T.

17 de Maio 6.ª-feira - 21 horas

ORDEM DE TRABALHOS - possibilidade e vantagem do alargamento de âmbito do contrato para a Construção Civil (1973)

NOTA: São convocados para esta reunião todos os electricistas que estavam abrangidos pelo alargamento de âmbito do contrato de 1969.

DL/NACIONAL

QUEM SÃO OS MEMBROS D

Algumas personalidades conhecidas da luta antifascista integram o Governo Provisório chefiado pelo prof. Palma Carlos. Estão, efectivamente, representadas as grandes correntes da esquerda Partido Comunista, Partido Socialista, Partido Popular Democrático e Movimento Democrático , liberais «tecnocratas de formação democrática, «cristãos progressistas» e monárquicos.

Inclui, alem do primeiro-ministro, 14 ministros (três dos quais sem pasta), 19 secretários e quatro subsecretários de Estado. Oito secretários e um subsecretario de Estado não foram ainda designados, mas espera-se que os seus nomes sejam conhecidos nos próximos dias.

Nota-se a criação de cargos que até agora não tinham merecido atenção ministerial, nomeadamente no que se refere ao equipamento social e ambiente, aos abastecimentos e preços, às pescas, à comunicação social, à Marinha Mercante, etc. A mudança das designações de alguns ministérios é, por outro lado, reveladora das preocupações do novo Governo.

Publicamos, a seguir, notas biográficas de alguns dos componentes do novo Gabinete:

PROF. ADELINO DA PALMA CARLOS
PRIMEIRO-MINISTRO

Advogado e professor catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa, nasceu em Faro, em 1905 e licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa, em 1926, com a informação final de 18 valores.

Em 1923, com outros estudantes, fundou a Liga da Mocidade Republicana. Como advogado, participou na defesa dos revolucionários de 7-2-1927. Em 1934, doutorou-se em Ciências Histórico-Jurídicas na Universidade de Lisboa, sendo aprovado por unanimidade. No ano seguinte concorreu a uma vaga de professor da mesma Faculdade, mas, declarado incurso na lei de Defesa do Estado, então publicada, foi demitido do cargo que exercia no Instituto de Criminologia, não chegando a prestar provas para o magistério. Exerceu intensivamente a advocacia, intervindo em alguns dos mais importantes processos pleiteados nos tribunais portugueses como o das burlas dos seguros de vida e do estanho e do movimento revolucionário de 10-4-1947.

Eleito vogal do conselho-geral da Ordem dos Advogados, em 1945, cuja revista dirigiu até 1956, foi designado vice-presidente da Ordem dos Advogados em 1948 e presidente do Instituto da Conferência da mesma Ordem; em 1950 foi eleito bastonário para o triénio de 1951-1953 e depois de reeleito, mantendo-se nessas funções até 1956. Durante o período em que exerceu estas funções criou a Caixa de Previdência da Ordem dos Advogados.

Em 1951, a convite do Conselho Escolar da Faculdade de Direito de Lisboa foi exercer o lugar de professor das disciplinas de Direito Processual Civil e Prática Extrajudiciária. Em 1957 e 1958, apresentou-se a concurso, respectivamente, para professor extraordiário e catedrático da mesma Faculdade, tendo em ambos sido aprovado por unanimidade.

Além de colaboração em publicações especializadas designadamente na «Revista dos Tribunais» e na «Gazeta da Relação de Lisboa», o prof. Adelino da Palma Carlos publicou entre outras, as seguintes obras: «Do Erro Judiciário», Lisboa 1927; «O Contrato de Fretamento no Código Comercial Português», Lisboa, 1931; «Os Novos Aspectos do Direito Penal», (tese de doutoramento), Lisboa 1934; «Declaração de Falência por Apresentação do Comerciante», Lisboa, 1935; «Código de Processo Civil Anotado», Lisboa, 1940; «Das Sucessões», Lisboa, 1942; «Da

Prof. Adelino da Palma Carlos, primeiro-ministro

Aplicabilidade dos Artigos 666 e seguintes do Código do Processo Civil aos Recursos de Uniformização de Jurisprudência», Lisboa, 1950; «Arrendamentos Comerciais-Verbais», Lisboa, 1952; «Ensaio sobre o Litisconsórcio» (tese de concurso para professor extraordinário), 1956.

DR. ÁLVARO CUNHAL
MINISTRO SEM PASTA

O dr. Alvaro Cunhal entrou para o Partido Comunista Português em 1931, com 17 anos de idade. Era então estudante na Faculdade de Direito d Lisboa. Como primeiras tarefas partidárias, trabalhou na Liga dos Amigos da URSS, Socorro Vermelho Internacional e Grupos de Defesa Académica. Participou activamente no Movimento Associativo Estudantil, sendo em 1934 eleito pelos estudantes de Lisboa como seu representante no Senado Universitário. Nesse mesmo ano, o Partido deu-lhe a tarefa de dirigir a reorganização da Federação das Juventudes Comunistas na região de Lisboa e Margem Sul. Em 1935, foi eleito secretário-geral da FJC, participando nesse mesmo ano no VI Congresso da Internacional Juvenil Comunista, realizada em Moscovo.

Começa então a sua vida clandestina. Na Pimavera de 1936, passa a fazer parte do Comité Central do Partido. Enviado em missão a Espanha, passa em Madrid, os primeiros meses de guerra. Tendo reentrado clandestinamente em Portugal, foi preso no Verão de 1937. Torturado, guardou os segredos do Partido. Libertado um ano depois, volta imediatamente à actividade e, preso em 1940, passa mais cerca de um ano na prisão.

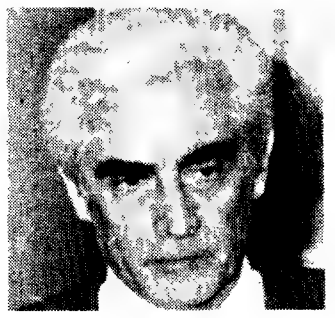
Participou activamente na reorganização do Partido, no período de 1940-1941.

Novamente na clandestinidade, foi enviado para o Norte do País para desenvolver a organização partidária. No Outono de 1942, foi chamado para o Secretariado do Comité Central de que fez parte até à sua nova prisão em 1949. Nesses anos, teve um papel activo em todo o trabalho de direcção do Partido, nas medidas de defesa, na formação de um forte núcleo de revolucionários profissionais, na criação do aparelho técnico, no desenvolvimento da organização, na criação de uma direcção colectiva estável, na preparação e desenvolvimento das lutas operárias, designadamente nas grandes greves de 1943, 44 e 47, na criação do movimento de unidade antifascista, na redacção da Imprensa do Partido e no restabelecimento das relações com o Movimento Comunista Internacional, interrompidas desde 1939.

Fez, em nome do Secretariado do Comité Central, os relatórios políticos ao III Congresso do Partido, realizado em Novembro de 1943, e ao IV Congresso, realizado no Verão de 1946.

Preso em Março de 1949 e mantido incomunicável durante 14 meses, recusou-se novamente a responder a quaisquer perguntas. Levado a tribunal nos dias 3 e 10 de Maio de 1950, fez aí um ataque à política do Governo e à defesa da orientação e acção do Partido. Condenado, permaneceu na prisão 11 anos seguidos, oito dos quais em completo isolamento.

Em 3 de Janeiro de 1960, junto com outros destacados militantes, evadiu-se da fortaleza de Peniche. Na reunião do C.C. realizada a seguir, em Fevereiro, foi de novo chamado ao seu Secretariado. A clandestinidade no interior do País, participou em todo o trabalho de



Dr. Álvaro Cunhal, ministro sem pasta

desenvolvimento do Partido. Na reunião do C.C. de Março de 1961, foi eleito secretário-geral do Partido, cargo que não tinha sido preenchido desde a morte de Bento Gonçalves, em 1942, no Tarrafal.

No VI Congresso, realizado em 1965, fez o relatório político do C.C. Deu activa contribuição para a elaboração de documentos fundamentais, designadamente o Programa do Partido. No cumprimento das suas tarefas, intervém em todo o trabalho de direcção central. Tem também participado em numerosas delegações do P.C.P. a países socialistas, em encontros com partidos irmãos e em conferências internacionais. Alguns dos seus livros e artigos têm larga expansão.

Com 60 anos de idade e 42 anos de actividade nas fileiras do P.C.P., continua a dar a contribuição que lhe cabe como secretário-geral do Partido.

DR. FRANCISCO PEREIRA DE MOURA
MINISTRO SEM PASTA

O dr. Francisco Pereira de Moura, membro activo do Movimento Democrático Popular (M. D. P.), nasceu à 49 anos, em Lisboa. Foi professor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (I. S. C. E. F.), do Instituto do Serviço Social e regeu uma cadeira de desenvolvimento económico do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (I. S. C. S. P. U.), em Lisboa, foi ainda professor visitante em Universidades brasileiras. Procurador à Câmara Corporativa em duas legislaturas (1957-1965), actuou como relator dos processos sobre o sector industrial no II Plano de Fomento, a respeito da Convenção de Estocolmo, acerca da Junta de Planeamento Económico Regional e sobre o Plano Intercalar de Fomento. Tem participado em numerosos congressos, colóquios e sessões de trabalho acerca de problemas nacionais.

Candidato a deputado pela Comissão Democrática Eleitoral (C. D. E.) de Lisboa em 1969, foi demitido de professor do Instituto Superior de Economia (antigo I. S. C. E. F.), em Janeiro de 1973, por decisão do Conselho de Ministros (caso da «capela do Rato»), depois de ter sido nomeado, por convite, professor catedrático, em 22 de Dezembro de 1972.

Entre os trabalhos publicados contam-se, nomeadamente, «Estrutura da Economia Portuguesa» (colaboração); «Estudo sobre a Indústria Portuguesa» (orientação e colaboração); «Localização das Indústrias e Desenvolvimento Económico»; «Problemas Fundamentais da Economia», obra traduzida em França; «Lições de Economia»; «Planeamento Industrial e Desenvolvimento Regional»; «Análise Económica da Conjuntura»; «Para onde vai a Economia Portuguesa?»; «A Inflação e os Trabalhadores»; «A Banca, Estado Social e a Expansão dos Lucros»; «Estagnação ou crescimento da Economia Portuguesa?».

D. Francisco Pereira de Moura

DR. SÁ CARNEIRO
MINISTRO SEM PASTA

Natural do Porto, onde nasceu a 14 de Novembro de 1932, o dr. Francisco de Sá Carneiro é licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, onde concluiu a licenciatura, em 1956, com distinção. A advocacia tem sido a sua profissão, exercida no Porto, onde reside. Director da «Revista dos Tribunais», nela publicou estudos importantes sobre a dissolução do casamento, em face da Concordata e do Código Civil, sendo um dos fundadores da Cooperativa Confronto, a cuja assembleia geral presidiu. Advogado muito considerado, com a chegada de Marcello Caetano ao Poder, em 1968, acreditou numa abertura às ideias e à política, acedendo a participar na Assembleia Nacional (VIII Legislatura, 1969). Ali lutou pelos seus direitos de defender princípios que lhe eram conferidos pela Constituição. A sua actuação, como a dos restantes deputados da «ala liberal» foi uma das mais agitadas dos 47 anos do regime deposto e que culminaria com a sua intempestiva renúncia, em 2 de Fevereiro de 1973, seguida, pouco depois, da saída do prof. Miller Guerra. Ficaria célebre a sua intervenção nas discussões do chamado «Caso da Capela do Rato».

dr. Sá Carneiro, ministro sem pasta

TEN. COR. MÁRIO MIGUEL
MINISTRO DA DEFESA

O tenente coronel do Corpo do Estado-Maior, Mário Firmino Miguel, tem 42 anos, pois nasceu a 11 de Março de 1932.

Aluno mais classificado do seu curso de Infantaria, na Escola do Exército, de lá seguiu para a Índia onde cumpriu a sua primeira comissão. A segunda cumprila-ia em Angola, (entre 1961 e 1963) como capitão no comando de uma unidade operacional.

No regresso de Africa serviu no quadro de instrutores e professores da Escola do Exército. De seguida frequentou e concluiu, com distinção, o curso de Estado-Maior no Instituto de Altos Estudos Militares a cujo corpo docente ficou a pertencer, ao mesmo tempo que exercia funções na Repartição do Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército.

Mobilizado pela terceira vez, seguiu para a Guiné, em 1970 a fim de assumir as funções de Chefe de Repartição de Operações do Quartel General do Comando-Chefe das Forças Armadas.

Possui também o curso Conjunto das diferentes Armas e Serviços, tirado em Espanha.

O tenente-coronel Mário Firmino Miguel tem, na sua folha de serviços, inúmeros louvores e, entre outras distinções, a medalha de prata de Valor Militar, com palma; a medalha de prata de Serviços Distintos, com palma; a medalha de Mérito Militar de 2.ª classe, o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Aviz e diversas condecorações estrangeiras.

DR. MÁRIO SOARES
MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

O dr. Mário Soares, ministro dos Negócios Estrangeiros, tem agora cinquenta anos, tendo nascido em 7 de Dezembro de 1924, em Lisboa, filho de João Soares, antigo ministro da 1.ª República. Na Universidade de Lisboa licenciou-se em Letras (1951) e em Direito (1957). Foi dos fundadores da MUD Juvenil e pertenceu à comissão central desta associação política. Mais tarde, fez parte das comissões centrais das candidaturas de Nórton de Matos e de Humberto Delgado, com António Sérgio, Jaime Cortesão e Azevedo Gomes integrava o Directorio Democrático-Social. Em 1961 foi um dos redactores do Programa para a democratização da República, que subscreveu com mais de cem individualidades, a quem foi movido um processo na Pide.

Apresentou-se como candidato a deputado da Oposição em 1965 e em 1969. Preso várias vezes pela Pide, deportado durante oito meses para a ilha de S. Tomé, exilado político desde 1970 até ao seu regresso ao País depois do 25 de Abril, ficou conhecido como um lutador contra o fascismo, quer pelas suas intervenções nos julgamentos políticos de Octávio Pato (dirigente comunista) de Palma Inácio (do LUAR), do caso de «Onze de Março» e do «caso de Beja», quer pela sua actividade política clandestina dentro e fora do País.

Em 1964, com Tito de Morais e Ramos da Costa fundou a Acção Socialista Portuguesa (ASP) e, com estes companheiros de exílio organizou o Congresso de Bonn em 1973, de que resultou a fundação do novo Partido Socialista, que ali o elegeu para Secretário-Geral.

Tendo participado em numerosos congressos socialistas europeus,

desenvolveu intensa actividade «diplomática» junto dos governos e partidos socialistas da Europa Ocidental contra o governo fascista que oprimia Portugal, actividade que prosseguiu em numerosos arti-

DL/NACIONAL

O GOVERNO PROVISÓRIO

s nos jornais «Le Monde», II iorno, L'Unité, The Guardian, c.

É membro da comissão de reções internacionais da Ordem dos dvogados e da Sociedade Portuesa de Escritores, tendo publicaas seguintes obras: As Ideias olítico-Sociais de Teófilo Braga»; «O Direito à Casa»; «A Justificação Jurídica da Restauração»; «Escritos Políticos»; «Le Portugal Baillonné» (Portugal Amordaçado), edições francesa e alemã, estando em curso de publicação as edições inglesa e italiana; «Caminho Difícil — Do Salazarismo ao Caetanismo», (edição brasileira); Destruir o Sistema, Construir uma Nova Vida.

Durante o seu exílio em França foi «chargé de cours» na Universidade de Paris VIII (Vincennes) e Paris IV (Sorbonne) e assistente associado da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Alta Bretanha (Rennes).

PROF. EDUARDO CORREIA
MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

O prof. Eduardo Correia nasceu n Lisboa em 1915 e é catedrático a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Enquanto tudante, pertenceu ao Centro Reublicano Académico. Tendo feito outoramento em 1945, no ano seinte concorreu a uma vaga de ofessor extraordinário, tendo enlo o concurso sido anulado por otivos políticos.

É professor da **Faculté Internaonale pour l'Enseignement du roit Comparé**, com sede em Esasburgo. Tem publicado diversos abalhos em revistas nacionais e trangeiras, nos domínios do direicriminal, da criminologia, da lítica criminal, do processo pel e da educação, ao mesmo temque tem proferido conferências a várias Universidades estrangeis. Faz parte do Conselho de Redacção da **Revue de Scence Criminelle e de Droit Pénal Comparé** e é autor do Projecto do Código Penal (1963-1966). Foi presidente do Colóquio Internacional Comemorativo do centenário da abolição da pena de morte em Portugal, que se realizou em Coimbra, em Setembro de 1967, e relator-geral de temas de Direito Penal em congressos internacionais de Dierito Comparado.

Presidiu, Im 1971, a uma Comissão de Reforma do Ensino Superior formada por docentes democráticos da Universidade de Coimbra. Participou e apresentou uma comunicação no Colóquio Internacional sobre a Reforma do Ensino Superior, promovido em Maio de 1972 pela Fundação Calouste Gulbenkian. A sua bibliografia abrange cerca de uma centena de trabalhos publicados.

Prof. Eduardo Correia, ministro da Educação e Cultura

DR. VASCO VIEIRA DE ALMEIDA
MINISTRO DA COORDENAÇÃO ECONOMICA

O dr. Vasco Vieira de Almeida enciou-se em Direito, em 1957, m a classificação de 17 valores. xerceu, durante dois anos, a advocia, mas deixou essa actividade a n de ingressar no Banco Portuês do Atlântico, do qual foi secesamente nomeado subdirector, n 1959, director-geral, em 1967 e ministrador em 1970.

Entre 1970 e 1973 desempenhou cargo de administrador da Sacor. e 1966 a 1969, foi vice-presidente Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã de 1967 a 69, conselheiro director da âmara do Comércio Italiana, em Portugal; em 1968 e 1969, membro de direcção da Câmara de Comércio Luso-Britânica; em 1970, chefiou a 1.ª Missão Comercial Portuguesa ao Japão, tendo chefiado igualmente em 1972, a Missão Comercial ao Brasil.

Proferiu várias conferências no País e no estrangeiro e publicou vários artigos em jornais e revistas.

Em Junho de 1973, foi nomeado administrador da Sonap, vice-presidente do conselho de administração da **Banque Franco-Portuguaise d' Outre-Mer** e administrador do **Lissabon Bank AG.** Era, actualmente, presidente do Crédito Predial Português.

Dr. Vasco Vieira de Almeida, ministro da Coordenação Económica

DR. SALGADO ZENHA
MINISTRO DA JUSTIÇA

O dr. Francisco Salgado Zenha, nistro da Justiça, nasceu em Bra, em 1923, vindo a formar-se em reito pela Universidade de imbra. Foi o primeiro presidente Associação Académica eleito los estudantes, em 1944-45, após proibição de eleições estudantis iada em 1936.

Em 1945 foi demitido pelo Gorno fascista por se ter recusado a rticipar numa manifestação «esntânea» de apoio a Salazar. Ditor do jornal «Via Latina», fez rte da Comissão Central do U.D. Juvenil e das comissões de oio à candidatura do general rton de Matos.

Foi várias vezes preso, sendo suto ao regime de residência fixa, vigilância policial, por duas vezes (num total de 5 anos e seis meses) e proibido de sair do País durante 11 anos. Como advogado participou em muitos julgamentos políticos e escreveu várias obras contra a PIDE e em defesa dos Direitos Humanos, muitas delas apreendidas. Citam-se: «Notas sobre a instrução criminal», «Universidade», «Quatro Causas», «Justiça e Polícia», «Os católicos e os Direitos do Homem».

O dr. Salgado Zenha candidatou-se, pelo círculo de Lisboa, às eleições para a Assembleia Nacional pela Oposição Democrática, em 1965, e pela C.E.U.D. em 1969. Subscreveu o «Programa para a Democratização da República», em 1961.

Faz parte da Comissão Directiva do Partido Socialista e é membro do Conselho Geral da Ordem dos Advogados.

DR. ANTÓNIO DE ALMEIDA SANTOS
MINISTRO DA COORDENAÇÃO INTERTERRITORIAL

O ministro da Coordenação Interritorial, dr. António de Alida Santos, de 48 anos, natural Vide (concelho de Seia), é licenado em Direito pela Universidade Coimbra.

Como estudante, foi, por escolha s camaradas, o orador dos orgamos culturais da vida académica rfeão e tuna) e, durante três anos, sidente de uma «República» de udantes, no A. C. E. em Coimbra.

Político desde a candidatura do almirante Quintão Meireles, apoiou a candidatura do general Humberto Delgado (já em Lourenço Marques).

É autor do livro de polémica «A Santa Liberdade» (publicado no tempo de Delgado) e do livro de contos «Rã no Charco».

O dr. António de Almeida Santos foi um dos três chefes políticos oposionistas de Moçambique (por volta de 1961, quando se deram as lutas de Angola) — com José Craveirinha (mestiço) e Eduardo Mondlane (negro) — sendo ele o representante da força branca.

Em 1969, viu-se afastado das eleições (era candidato por Moçambique), porque, segundo as afirmações das autoridades de então, não fez prova de cidadão português.

DR. MAGALHÃES MOTA
MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERINA

O dr. Joaquim Jorge de Magalhães Mota nasceu em Santarém, em 1935. Em Santarém fez os estudos liceais, licenciando-se depois na Faculdade de Direito de Lisboa.

É advogado. Foi dirigente da Associação dos Estudantes da Faculdade de Direito e da JUC da Faculdade de Direito, da JUC da Diocese de Lisboa e da JUC Nacional.

Foi membro da Junta de Colonização Interna, Chefe de Gabinete do Secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins, e deputado à Assembleia Nacional — 10.ª Legislatura (1969/1973).

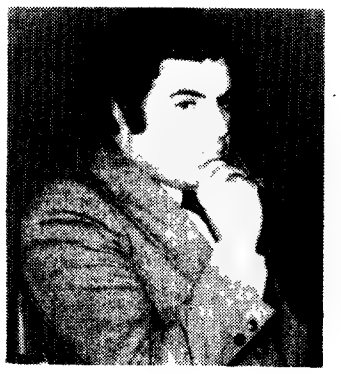
É sócio fundador e foi presidente do Conselho Coordenador da SEDES. Foi o conselho coordenador a que presidiu que publicou o documento «O País que somos; o País que queremos ser «sobre a eleição presidencial.

É presidente do Conselho de Administração da O.G.E. — Organização e Gestão de Empresas.

Das numerosas intervenções parlamentares é de salientar a que fez a propósito da Lei de Meios para 1972/1973, Contas Públicas de 1973, Lei do Cinema, Lei do Fomento Industrial, tendo efectuado ainda um aviso prévio sobre a Informação.

Foi um dos autores e signatários do Projecto de Revisão Constitucional n.º 6/X e do pedido de não ratificação do Decreto-Lei 520/71, limitador da actividade das cooperativas, que as reduziu a aspectos meramente económicos, esvaziando-as de todo e qualquer conteúdo cultural livre, perigoso para o regime deposto.

Na sua última intervenção em que anunciou não regressar à Assembleia, denunciou, designadamente, a utilização de fundos reservados, pelo Ministério do Interior, e respectivo montante, e a actuação política da maioria da Assembleia Nacional. Em representação do País esteve presente em vários colóquios e reuniões internacionais, tendo sido a tese que defendeu, uma das seis (a única portuguesa seleccionada) escolhida para o plenário do 1.º Congresso Latino de Direito Agrário.



DR. RAÚL REGO
MINISTRO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

O dr. Raúl Rego, até aqui director do jornal «República», nasceu em Morais, concelho de Macedo de Cavaleiros, em 1913. Professor do Ensino Particular Liceal, foi afastado do Magistério em 1939, tendo entrado para o jornalismo em 1940. Foi redactor da Agência Reuter, redactor do «Jornal do Comércio», durante 30 anos, e do «Diário de Lisboa», tendo dirigido o seu suplemento literário.

Amigo de António Sérgio e do rev. Alves Correia, fez também parte da redacção da «Seara Nova», e colaborou em muitos jornais e revistas. Profissional de jornalismo e político, dirigiu os serviços de Imprensa da candidatura à presidência da República dos generais Norton de Matos, em 1949, e Humberto Delgado, em 1958. Participou ainda em todas as campanhas da Oposição desde 1945. Nas eleições para deputados, em 1965, foi candidato da Oposição pelo círculo de Lisboa, e em 1969 candidato pela CEUD.

Na sua bibliografia avultam as questões políticas e, em especial, as relações da Igreja com o Estado, bem como a evolução da Inquisição Portuguesa. Estudou com particular cuidado António José da Silva, Ribeiro Sanches e os emigrados dos séculos XVII e XIX. Publicou, entre outros trabalhos: «Duas Cartas Inéditas de Alexandre Herculano», 1955; «Cristãos Novos e Cristãos Velhos em Portugal» de A. N. Ribeiro Sanches (publicação e prefácio), 1956; «Anotações de Camilo Castelo Branco à «História de Portugal nos séculos XVII e XVIII», de Rebelo da Silva», 1959; «Elementos para uma Monografia de S. José de Godim», 1961; «Para um diálogo com o Cardeal Patriarca», 1968; «Diário Político», 1969; «Horizontes Fechados», 1969; «Os Políticos e o Poder Económico» — 1969; «O Processo de Damião de Góis na Inquisição» (actualização, prefácio e notas), 1971; «O Ultimo Regimento da Inquisição em Portugal» (actualização, prefácio e notas), 1971; «Relações Igreja-Estado» (em colaboração com João Gomes), 1973; «Continuidade» — Glosas ao discurso eleitoral do prof. Marcelo Caetano, 1973. Colaborou ainda em «Ser ou não ser por uma Abertura a Leste», 1973.

D. Raúl Rego, ministro da Comunicação Social

ENG.º MANUEL ROCHA
MINISTRO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E AMBIENTE

O eng.º Manuel Rocha formou-se em engenharia civil, pelo Instituto Superior Técnico, em 1938, com a mais alta classificação. Completou a sua formação, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, no Massachussets Institute of Technology, dos E.U.A. e na Escola Politécnica Federal de Zurique.

Tem dedicado parte importante da sua actividade ao ensino e à acção de difusão de conhecimentos, quer no País quer no estrangeiro.

A sua actividade principal tem sido a investigação, tendo organizado no Instituto Superior Técnico o Centro de Estudos de Engenharia Civil que foi o gérmen do Laboratório Nacional de Engenharia, que dirigiu até Março do ano corrente.

No LNEC — presentemente a maior unidade de investigação existente no Mundo no domínio da engenharia civil — além da direcção geral da actividade de investigação, quer do ponto de vista científico quer administrativo, ocupou-se sucessivamente da investigação em diversos domínios, sendo de maior projecção a obra científica que levou a cabo no domínio das barragens.

É autor de grande número de publicações.

Da sua intensa actividade internacional destaca-se a organização de numerosas reuniões, em particular do 1.º Congresso da Sociedade Internacional de Mecânica das Rochas, da qual foi presidente, e das Jornadas Luso-Brasileiras de Engenharia Civil.

Tem exercido, em países estrangeiros, a função de consultor em relação a grande projectos de aproveitamentos hidráulicos.

Entre as numerosas distinções

Federais do Rio de Janeiro e da Bahia, pela Universidade do Porto e que tem recebido, destacam-se o doutoramento «honoris causa» pelas Universidades Federais do Rio de Janeiro e da Bahia, pela Universidade do Porto e pela Universidade de Toulouse, a medalha de ouro da Sociedade Francesa para o Desenvolvimento da Investigação e da Invenção, e o prémio anual 1974 do Instituto Americano de Engenharia de Minas e Metalúrgica.

AVELINO PACHECO GONÇALVES
MINISTRO DO TRABALHO

De todas as que nos foram fornecidas a do ministro do Trabalho é a mais pequena, o que não deixa de ser significativo.

«Avelino Pacheco Gonçalves nasceu em 10 de Julho de 1939. Desde 1957 é um empregado bancário, tendo-se distinguido pelas suas qualidades de trabalho e consciência política, o que levou à sua participação, no triénio 1966-1969, nos corpos gerentes do Sindicato dos Empregados Bancários do Porto e, posteriormente, na Direcção da Corporação do Crédito e Seguro, em representação do Sindicato.

Em Junho de 1972 foi-lhe entregue a presidência da Direcção do Sindicato dos Empregados Bancários do Porto, cargo que exerceu até Maio de 1974, data em que lhe foram confiadas funções no Governo provisório.»

DL NACIONAL

DR. MÁRIO MURTEIRA
MINISTRO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

O ministro dos Assuntos Sociais, dr. Mário Luís da Silva Murteira, natural de Lisboa, licenciou-se em Economia pelo I. S. C. E. F., em 1956, com a média geral de 16 valores, tendo-lhe sido atribuídos durante o curso os Prémios Zeferino de Oliveira e João António Vieira, destinados aos alunos melhor classificados. Tendo exercido as funções de 2.º assistente do I. S. C. E. F., no ano lectivo de 1961-62, desempenhou várias funções no Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, chegando a chefe de divisão de emprego do mesmo Fundo até à constituição do Serviço Nacional de Emprego. Além disso, desempenhou diversas funções nos grupos de trabalho da indústria e da mão-de-obra e problemas sociais.

O dr. Mário Murteira, que é autor de cerca de 30 trabalhos publicados sobre assuntos de economia, desde o ano lectivo de 1963-1964 que desempenha as funções de professor do Instituto de Estudos Sociais.

ARQ. GONÇALO RIBEIRO TELES
SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DO AMBIENTE

O arq. Gonçalo Ribeiro Teles nasceu a 25 de Maio de 1922. Arquitecto-pajsagista e engenheiro-agrónomo. É actualmente técnico-especialista do Fundo de Fomento de Habitação onde dirige o sector de Planeamento Biofísico e de Espaços Verdes.

Tem inúmeros trabalhos sobre Planeamento Regional e Urbano tendo colaborado na elaboração dos de Nova Lisboa (Angola), Bragança, região de Lisboa, etc.

Foi candidato a deputado, em 1965, pela lista de oposição de monárquicos independentes, em 1969 pela CEUD, em 1973 pertenceu à Comissão Eleitoral Democrática Monárquica proibida de se constituír após intervenção policial e do Governo Civil.

Pertence ao Movimento Monárquico Popular integrado na Convergência Monárquica, assim como ao Conselho Nacional desta associação cívica.

ARQ. NUNO PORTAS
SECRETÁRIO DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

O arq. Nuno Portas, nasceu em Vila Viçosa em 1934. Era chefe da Divisão de Arquitectura do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Professor agregado de Arquitectura desde 1964, exerceu funções docentes na Escola de Belas-Artes de Lisboa até 1970, data em que considerou inviável a continuação naquela escola de um trabalho pedagógico orientado para os problemas da sociedade portuguesa. Organizou em 1972 o Primeiro Curso de Reciclagem para arquitectos do Men sobre problemas urbanos e, posteriormente, colaborou no Curso de Pós-Gradução em Palneamento Regional e Urbano da Universidade Técnica de Lisboa, estando presentemente a montar o Departamento de Estudos Urbanos da Universidade Nova de Lisboa.

Manteve desde a formatura actividade como projectista — sempre em colaboração com N. Teotónio Pereira, e outros — e ainda de crítico de Arquitectura, publicando diversos livros e numerosos artigos em jornais e revistas. Tem vários trabalhos publicados no estrangeiro. Realizou conferências e cursos em várias universidades e designadamente no Brasil, Espanha, França, USA, Checoslováquia e Roménia.

Desde 1962 e sempre no LNEC, com crescente exclusividade, dedicou-se ao desenvolvimento da investigação científica nos domínios da habitaçõ e dos problemas urbanos, tendo sido relator do texto-base do Colóquio de Política da Habitação do MOP em 1969.

Manteve actividade política na associação progressista «Pragma» e na definição de políticas nos seus sectores profissionais designadamente para a CDE, em 1969, e ainda para o Partido Socialista. Integra-se presentemente no Movimento Democrático.

ENG. FERREIRA LIMA
SECRETÁRIO DE ESTADO DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

O eng. Manuel Ferreira Lima, que conta 35 anos de idade e tem o curso de engenheiro agrónomo do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, com a classificação de 15 valores, exerceu funções no Gabinete de Estudos e Planeamento dos Transportes Terrestres, onde foi responsável pelo sector de «Projectos e Programas». Em Outubro de 1969, iniciou a sua prestação de serviço no Secretariado Técnico, tendo colaborado na revisão do III Plano de Fomento. A partir de 1971, foi integrado na Divisão de Palneamento Sectorial, onde teve a seu cargo o sector dos transportes e comunicações, participando de forma activa nos trabalhos de preparação do IV Plano de Fomento.

O eng. Ferreira Lima, que aperfeiçoou a sua formação no domínio da economia dos transportes através de estágios em França e na Holanda, exercia utimamente o cargo de director do Planeamento do Secretariado Técnico. Como representante de Portugal participou em diversas reuniões internacionais, nomeadamente no âmbito das Conferências Europeias dos Ministros dos Transportes, sendo autor de vários estudos da sua especialidade.

ENG.º PEDRO ARSÉNIO NUNES
SECRETÁRIO DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

Nascido em Lisboa, em 1917, concluiu o curso de engenharia civil, em 1940, no Instituto Superior Técnico, distinguido com o prémio «Doutor Mira Fernandes». Naquele ano foi nomeado assistente do Instituto, deixando esse lugar em 1941 para ingressar na Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos.

Em 1950, foi nomeado chefe da Repartição de Projectos da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos. Em 1953, passou à situação de licença ilimitada, para exercer as funções de chefe dos Serviços de Engenharia Civil da Hidro-Eléctrica do Douro. Em 1959, voltou ao serviço do Estado, por ter sido nomeado director-Geral do porto de Lisboa, onde em 1967 passou a ocupar o lugar de presidente do conselho deadministração.

Como técnico de aproveitamentos hidraulicos, cooperou especialmente no planeamento do aproveitamento hidroeléctrico dos rios Zêzere, Cávado-Rabagão e Douro cabendo-lhe depois a condução dos estudos e obras de engenharia civil das barragens e centrais do Picoe e Miranda. Colaborou também em diversos estudos de obras de hidráulica agrícola.

Em 1944 e 1945, foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura, no Centro de Estudos de Engenharia Civil, ulteriormente integradono laboratório Nacional de Engenharia Civil. Fez parte, como arguente, em 1962, do juri do concurso para investigadores deste Laboratório Nacional. No porto de Lisboa, tiveram, sob sua direcção, especial desenvolvimento as obras do porto de pesca de Pedrouços.

Tem participado nas actividades da Ordem dos Engenheiros, designadamente em comissões de índole cultural, no conselho superior disciplinar e, de Julhode 1970 até Fevereiro último, como seu bastonário.

De 1957 a 1959 foi vogal do Conselho Superior de Obras Públicas, como engenheiro civil especializado em aproveitamentos hidráulicos. Tem realizado diversas missões de estudo no estrangeiro e publicado trabalhos de índole técnica, designadamente em materia de obras hidráulicas. É comendador da Ordem Militar de Cristo e grande-oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

DR. ARTUR ALVES CONDE
SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DO TESOURO

Nascido em 1930, natural de Lisboa, o dr. Artur Luís Alves Conde licenciou-se pelo curso de Finanças do ISCEF, em 1955. Foi professor do Instituto Comercial de Lisboa e assistente do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

Exerceu o cargo de consultor do Ministério das Finanças e foi presidente da Comissão de Financiamento da Ponte sobre o Tejo.

Foi director e administrador de diversas empresas e exercia ultimamente, a profissão de economista em regime de profissão liberal.

DR. EMÍLIO RUI VILAR
SECRETÁRIO DE ESTADO DO COMÉRCIO EXTERNO E DO TURISMO

O dr. Rui Vilar nasceu no Porto, em 1939.

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra.

De 1966 a 1970 desempenhou funções no sector público no Gabinete de Estudos e Paneamento de Transportes Terrestres e presidiu à Comissão de georganização e Simplificação da D. G. de Transportes Terrestres.

Participou em reuniões de organismos internacionais designadamente a C. E. M. T. e a C. E. E. da ONU, tendo várias vezes chefiado a delegação portuguesa. Foi consultor do Gabinete de Estudos e Planeamento de Acção Educativa (GEPAE). A partir de 1970 exerceu actividade no sector privado, tendo trabalhado no país e no estrangeiro em instituições bancárias e empresas comerciais e de serviços.

Foi fundador e primeiro presidente da SEDES.

ENG. JOSÉ TORRES CAMPOS
SECRETÁRIO DE ESTADO INDÚSTRIA E ENERGIA

O eng. José de Melo Torres Campos, nascido emn1932, é natural de Idanha-a-Nova.

Da sua carreira profissional como Engenheiro electrotécnico, contam-se os seguintes cargos: técnico da firma Diogo d'Ávila; funcionário do Instituto Nacional de Investigação Industrial; chefe de serviço na firma C. Santos; director-geral dos Serviços Industriais e director de Instituto Nacional de Investigação Industrial; engenheiro consultor e administrador-delegado da firma SONAF (situação actual).

Participou em várias negociações económicas internacionais, nomeadamente as dos Acordos com as Comunidades Económicas Europeias.

DR. JOSÉ DA SILVA LOPES
SECRETÁRIO DE ESTADO DAS FINANÇAS

O dr. José da Silva Lopes, secretário de Estado das Finanças, nasceu em 1932, em Caxarias, concelho de Vila Nova de Ourém e é licenciado em Finanças. Foi assistente do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e encarregado da regência de cursos nesse Instituto, no Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarina e no Instituto de Estudos Sociais.

Foi tecnico económico da Comissão de Coordenação Económica e, mais tarde, director do Serviço de Relações Económicas Externas da Associação Industrial Portuguesa. Ultimamente desempenhava as funções de administrador da Caixa Geral de Depósitos e de director do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério das Finanças.

Participou em diversas negociações económicas internacionais, nomeadamente as da adesão de Portugal à EFTA e ao GATT e as negociações do Acordo com a CEE.

DR. NELSON DA ROCHA TRIGO
SECRETÁRIO DE ESTADO DO ABASTECIMENTO E PREÇOS

O dr. Nelson Sérgio Melo da Rocha Trigo, responsável pela Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços, nasceu em 3 de Agosto de 1936, em Vila Flor, licenciando-se em Ciências Económicas e Financeiras.

De 1961 a 1965 foi sucessivamente técnico de 3.ª, 2.ª e 1.ª da Divisão de Estudos de Economia Industrial do INII. De 1963 a 1971, foi técnico consultor e director do Gabinete de Conjuntura e Análise Económica da Corporação da Indústria. De 1970 a 1973 foi especialista do Gabinete do Planeamento da Secretaria de Estado do Comércio. De 1973 até à actualidade foi vice-presidente e presidente do Fundo de Fomento de Exportação.

Tem vários trabalhos publicados sobre tendências a curto prazo da indústria e dirigiu vários grupos de trabalho que se ocuparam de assuntos ligados à reorganização, abastecimento e preços nos domínios da pesca, conservas de peixe, açúcar, alcool, carne e leite, aços e madeira para celulose.

Realizou estágios nos organismos de intervenção económica do Reino Unido, Bélgica e paticipou em diversas negociações internacionais.

ENG.ª MARIA DE LOURDES PINTASSILGO
SECRETÁRIO DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

A única mulher do novo Governo, a eng.ª Maria de Lourdes Pintassilgo, secretário de Estado da Segurança Social, foi procuradora à Câmara Corporativa, na subsecção de «Política e administração geral», de 1969 a 1974.

Foi bolseira do Instituto de Alta Cultura na Junta de Energia Nuclear, trabalhando, durante vários anos, no departamento de Estudos e Projectos da CUF. Nesta empresa desempenhou funções de director do Centro de Documentação, representando nessa qualidade Portugal no I Seminário da OCDE sobre «Organização racional de investigação ocientífica». É membro do movimento católico Graal e foi presidente Pax Romana. Foi responsável, ao plano nacional e internacional, pela coordenação e orientação de estudos, projectos-piloto e congressos de organizações não-Governamentais de índole cultural e social.

Fez parte da delegação de Portugal à Assembleia Geral da ONU de 1971 e de 1972.

Desde Novembro de 1973 preside à Comissão para a Política Social relativa à Mulher».

PROGRAMA DO GOVERNO

Continuação da pág. 4

escola na problemática da sociedade portuguesa.

c) Criação de um sistema nacional de educação permanente.
d) Revisão do estatuto profissional dos professores de todos os graus de ensino e reforço dos meios ao serviço da sua melhor formação.
e) Ampliação dos esquemas de acção social escolar e de educação pré-escolar, envolvendo obrigatoriamente o sector privado, com vista a um mais acelerado processo de implantação do princípio da igualdade de oportunidades.
f) Criação de esquemas de participação de docentes, estudantes, famílias e outros sectores interessados na reforma educativa visando, em especial, a liberdade de expressão e a eficiência do trabalho.
g) Definição de uma política nacional de investigação.
h) Fomento das actividades culturais e artísticas, designadamente da literatura, teatro, cinema, música e artes plásticas, e ainda dos meios de comunicação social, como veículos indispensáveis ao desenvolvimento da cultura do povo
i) Difusão da língua e cultura portuguesa no Mundo.

Definido, pois, o programa do Governo Provisório, necessário se torna estabelecer a orgânica deste, de modo a assegurar a articulação entre os diversos departamentos da Administração Pública em ordem a permitir a eficiente execução das tarefas cometidas.

Nestes termos, a Junta de Salvação Nacional decreta para valer como lei o seguinte:

Artigo 1.º — 1. O Governo Provisório é constituído pelo primeiro ministro, pelos ministros sem pasta e pelos ministros das seguintes pastas:

a) Defesa Nacional
b) Coordenação Interterritorial
c) Administração Interna
d) Justiça
e) Coordenação Económica
f) Negócios Estrangeiros
g) Equipamento Social e Ambiente
h) Educação e Cultura
i) Trabalho
j) Assuntos Sociais
l) Comunicação Social

2. Poderão ser designados ministros sem pasta, até ao limite de quatro, a quem serão confiadas as atribuições referidas no artigo 14.º n.º 5 da lei constitucional n.º 3/74.

Artigo 2.º — 1. Ao primeiro ministro compete:

a) Convocar e presidir às reuniões do Conselho de Ministros, sem prejuízo da competência reconhecida, nos termos constitucionais, ao Presidente da República;
b) Coordenar e fiscalizar a execução da política definida pelo Conselho de Ministros;
c) Assegurar o princípio da colegialidade;
d) Representar o Governo perante os demais órgãos de soberania.

Artigo 3.º — Compete ao Ministério da Defesa Nacional assegurar a ligação entre o Governo e as Forças Armadas, através do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, e designadamente equacionar a política global de defesa, tendo em atenção as perspectivas do desenvolvimento social e económico da nação e por forma a que nessa política seja integrada a acção militar.

Artigo 4.º — 1. Compete ao Ministério da Coordenação Interterritorial ocupar-se dos assuntos respeitantes às relações entre Portugal europeu e os territórios do Ultramar.

2. No Ministério da Coordenação Interterritorial são criadas a Secretaria de Estado da Administração e a Secretaria de Estado dos Assuntos Económicos.

Artigo 5.º — Ao Ministério da Administração Interna compete ocupar-se dos assuntos relativos à administração local, ordenamento do território e manutenção da paz social.

Artigo 6.º — 1. O Ministério da Coordenação Económica compreende as seguintes Secretarias de Estado:

a) Finanças
b) Planeamento Económico
c) Indústria e Energia
d) Agricultura
e) Comércio Externo e Turismo
f) Abastecimento e Preços

2. No Ministério da Coordenação Económica é criado o lugar de subsecretário de Estado das Pescas, que ficará integrado numa das Secretarias de Estado, a designar pelo ministro.

3. Na Secretaria de Estado das Finanças são criados os cargos de subsecretário de Estado do Orçamento e de subsecretário de Estado do Tesouro.

Artigo 7.º — 1. O Ministério do Equipamento Social e do Ambiente compreendeu as seguintes Secretarias de Estado:

a) Obras Públicas
b) Transportes e Comunicações
c) Habitação e Urbanismo
d) Marinha Mercante

2. No Ministério do Equipamento Social e do Ambiente é criado o cargo de subsecretário de Estado do Ambiente.

Artigo 8.º — O Ministério da Educação e Cultura compreende as seguintes Secretarias de Estado:

a) Administração Escolar
b) Assuntos Culturais e Investigação Científica
c) Desportos e Acção Social Escolar
d) Reforma Educativa

Artigo 9.º — 1. O Ministério dos Assuntos Sociais compreende as seguintes Secretarias de Estado:

a) Saúde
b) Segurança Social

2. São desde já integrados na Secretaria de Estado da Segurança Social todos os serviços de Previdência e Assistência.

Artigo 10.º — Ao Ministério da Comunicação Social compete ocupar-se dos assuntos relativos à política de informação, através da coordenação dos orgãos respectivos em ordem à consecução dos objectivos previstos no Programa do Governo Provisório.

Artigo 11.º — A delimitação da competência e a distribuição dos diversos serviços pelos vários Ministérios e Secretarias de Estado será definida pelo Presidente da República sob proposta do primeiro-ministro.

Visto e aprovado pela Junta de Salvação Nacional, em 15 de Maio de 1974.

O PRESIDENTE

ALCATIFAS
PAPÉIS DECORATIVOS
COM ASSENTAMENTO PRÓPRIO
PARENTEX
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO
R. António Pereira Carrilho, 5 - Loja e 1.º
Telefs. 532352/532319

DL/ESTRANGEIRO

ELEIÇÕES EM FRANÇA

Marchais acusa Giscard de pretender congelar os comunistas

PARIS, 6 — (R) — O Partido Comunista Francês asseverou que não solicitaria que lhe fossem confiados os cargos chave do Governo — como os Negócios Estrangeiros ou a Defesa — se o candidato das esquerdas, François Mitterrand, for eleito presidente no escrutínio de domingo.

A posição dos comunistas num futuro governo Mitterrand converteu-se num dos principais temas de debate eleitoral, com os partidários do conservador Giscard D'Estaing, ministro das Finanças, prevenindo contra os perigos que a França enfrentaria caso os comunistas ocupassem postos ministeriais importantes.

O «leader» socialista, que já declarou que incluiria os seus aliados no gabinete, se vencesse as eleições, surge empatado com Giscard D'Estaing na última sondagem de opinião publicada na Imprensa parisiense.

O dirigente do Partido Comunista, Georges Marchais, disse numa conferência de Imprensa que esperava que o gabinete Mitterrand incluísse seis ou sete comunistas, acrescentando porém que os seu Partido não está interessado em obter ministérios especiais como os Estrangeiros, a Defesa ou o Interior.

«O que nos interessa não é ocupar a todo o custo certos postos governamentais, mas sim velar para que seja posta em vigor toda uma série de novas medidas a que o país aspira» — acentuou.

O «leader» comunista, prosseguindo, observou que «toda a gente concorda que num país altamente desenvolvido como o nosso, os postos importantes num Estado moderno não são apenas o controle das forças armadas, da polícia ou da diplomacia. Igualmente importantes são os ministérios relacionados com o Planeamento nacional, a Economia, o Trabalho, a Habitação, a Saúde, as Relações Económicas internacionais, os Transportes e tantas outras coisas».

Com o eleitorado igualmente dividido entre os dois candidatos, a temperatura da campanha subiu consideravelmente nos seus derradeiros dias.

O estado-maior da propaganda eleitoral de Giscard, acusou Mitterrand de sustentar uma campanha desleal. Embora o texto não tenha sido assinado pelo próprio ministro das Finanças, parece não haver dúvidas de que o tenha autorizado. «A campanha agressiva e sórdida que o sr. Mitterrand está agora a conduzir não o qualifica para ser o presidente de todo o povo grancês» — diz o comunicado.

Ao que parece, a declaração pretende aludir às repetidas asserções de Mitterrand de que o Ministro das Finanças é o representante da direita reaccionária.

Na sua conferência de Imprensa, Georges Marchais contestou a afirmação de Giscard D'Estaing segundo a qual a França tomaria riscos inaceitáveis se permitisse a participação dos comunistas no governo.

«Congelar os comunistas, como o senhor Giscard D'Estaing pretende fazer, é tomar uma posição contrária à democracia e revela que quer concentrar todo o poder nas mãos de um grupelho compacto que se agarra aos seus privilégios» — acrescentou.

A última sondagem, publicada pelo vespertino «France-Soir», indica que ambos os candidatos obterão 50 por cento dos votos no próximo domingo.

Os resultados contrastam com os que foram recolhidos por uma organização rival para o quotidiano «Le Figaro» no princípio da semana e que sugerem uma leve tendência a favor do ministro das Finanças.

Segundo o «France-Soir», em todos os grupos etários a maioria apoia agora o candidato da Esquerda Unida, à excepção dos franceses acima dos 65 anos. Entre os reformados, Giscard D'Estaing vai à frente com 62 contra 38 por cento.

Entretanto, o chefe de Estado interino, Alain Poher, presidiu à última sessão do gabinete, antes das eleições. Poher, que na próxima semana retomará o seu posto permanente de presidente do Senado, agradeceu aos ministros os esforços despendidos para governarem o país desde a morte do presidente Pompidou, em 2 de Abril.

NATO

Pressão para uma nova carta atlântica

BRUXELAS, 16 (R) — Continua a pressão na aliança da NATO para se acabar o trabalho encetado relativo à declaração de princípios da organização do Tratado do Atlantico Norte, precisamente a tempo da declaração estar pronta quando da reunião em Otava, no próximo mês, dos ministros dos estrangeiros da Aliança — anunciaram círculos geralmente bem informados.

O Secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger foi o homem da ideia de uma nova carta do Atlântico, documento destinado a definir de novo as relações entre os Estados Unidos e os seus 14 aliados na NATO. A ideia exposta por Kissinger já tem mais de um ano de existência.

Quando o Secretário de Estado americano propôs a carta de princípios, a ideia foi acolhida com pouco entusiasmo pelos europeus membros da Aliança, concordando-se finalmente que deveriam ser estabelecidas duas declarações — uma delas englobando principalmente assuntos de defesa da NATO e a segunda relativa a problemas comerciais e económicos entre os Estados Unidos e nove países membros do Mercado Comum Europeu.

A elaboração da declaração da NATO, iniciada tão afanosamente, encontra-se há vários meses em estado de impasse, essencialmente devido ao beco sem saída em que se encontra o documento entre os Estados Unidos e a C.E.E. Os Estados Unidos manifestam não estar preparados para ir avante com a declaração de princípios da NATO, sem a solução prévia dos diferendos com o Mercado Comum.

APÓS A OPERAÇÃO MAALOT

VERSÃO PALESTINIANA

BEIRUTE, 16 — O FDPLP denuncia «a crapulice criminosa dos dirigentes sionistas» num «comunicado a respeito da fase final da operação de Maalot (Tarchina)».

1 — Os dirigentes sionistas enganaram cientemente os embaixadores da França e da Roménia, utilizando-os ainda por cima como capa para esconder a sua intenção criminosa — declara o FDPLP.

«Estes dirigentes não pararam de afirmar aos dois embaixadores que estavam a tomar as disposições necessárias para a transferência dos presos soltos.

«Primeiro, pediram que o avião que devia transportar os presos se dirigisse a Bucareste. Rejeitámos o pedido, pensando que se tratava de uma manobra para ganhar tempo, dada a extensão do projecto.

«Em seguida, pretenderam que não havia avião disponível e que aguardavam um das Nações Unidas que viria do Cairo. A mentira era flagrante.

«Às 17 e 45, Israel pediu a senha de código por intermédio dos embaixadores da França e da Roménia, afirmando aos dois diplomatas que os presos soltos tinham seguido num avião israelita para Chipre.

«Apercebemo-nos da manha e rejeitámos o pedido, pois queríamos ter a certeza de que os presos tinham chegado a Chipre e sido entregues aos embaixadores árabes. Na realidade, nenhum avião levantará voo, nenhum preso fora solto.

2 — No próprio momento em que Israel entrava em contacto com os embaixadores da Roménia e da França para lhes comunicar o seu acordo acerca da soltura dos presos, o comando sionista preparava o assalto à escola de Maalot.

«O nosso delegado em Bucareste encontrava-se, pelo seu lado, e no mesmo momento, em contacto com o ministro romeno dos Negócios Estrangeiros. Quando os dirigentes sionistas confirmavam oficialmente a partida do avião, para Chipre com os detidos soltos a bordo, o ministro era informado, por intermédio da embaixada da Roménia em Telavive, do desencadeamento do assalto à escola. 'Lamento ter que pôr termo à nossa conversa — disse ele de repente ao nosso delegado: O exército israelita acaba de atacar a escola de Maalot».

O comunicado do FDPLP qualifica de «mentira» as alegações israelitas de que os «fedaines» foram os primeiros a abrir fogo, visando os reféns.

«Os governantes sionistas assumem sós, pela sua acção estúpida, as consequências da operação de Maalot» — afirma o comunicado, que conclui: «Os heróis palestinos foram os primeiros a morrer conforme haviam jurado. Tiveram a morte dos mártires».

VERSÃO ISRAELITA

JERUSALEM, 16 — (F.P.) — Com o rosto transtornado, os traços tensos pela fadiga e a emoção, Golda Meir, surgiu à noite no visor dos receptores de televisão para apresentar à nação um relatório a respeito do dia de terror e de luto ontem vivido.

Dezasseis mortos, setenta feridos, nove dos quais em estado grave, tal é pesado balanço em que as vítimas são essencialmente as crianças detidas como reféns na escola de Maalot.

«Contudo, disse Golda Meir, tínhamos decidido não por em perigo a vida das nossas crianças e entregar os vinte e três presos reclamados pelos fedaines em troca dos seus refens. Tínhamos aceitado negociar por intermédio dos embaixadores da França e da Roménia. Mas a senha que devia permitir a esses embaixadores serem identificados pelos «fedaines» não chegou, pelo que não houve negociações. O embaixador da França foi a Maalot, mas não conseguiu entrar em contacto com os «fedaines. O embaixador da Roménia informou que a pedido do representante da organização de Hawatmeh em Bucarest, só ele estava habilitado a conduzir as negociações.

«Mas, ao mesmo tempo, os «fedaines» anunciavam de Bucareste que o embaixador só receberia a senha quando os vinte e três presos soltos estivessem em Nicósia ou Damasco. Ora, já eram 17 horas e não havia já possibilidade material de o fazer, pois os «fedaines» de Maalot recusavam-se categóricamente a prolongar o prazo fixado pelo seu ultimato, que expirava ás 18 horas, reafirmando que fariam ir pelos ares a escola e todos os seus ocupantes na hora marcada.

«Com o coração doendo, decidimos, pois, lançar o assalto para salvar aqueles que o pudessem ser afirmou Golda. Os «fedaines» feridos logo no início do ataque, não puderam por em prática a sua ameaça de fazer ir pelos ares a escola. Mas tiveram ainda forças suficientes para lançar granadas e disparar sobre as crianças, com os resultados terríveis que foram divulgados.

«Todo o país partilha o luto das famílias. Não sei se os árabes nos deixarão viver em paz, mas sei que qualquer governo fará o necessário para atar as mãos aqueles que matam os nossos filhos e os nossos cidadãos».

Em resposta a uma pergunta acerca da eventualidade de negligências, Golda Meir respondeu: «Tem que se fazer um inquérito, mas ainda é cedo para falar nisso».

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DE LISBOA

CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL

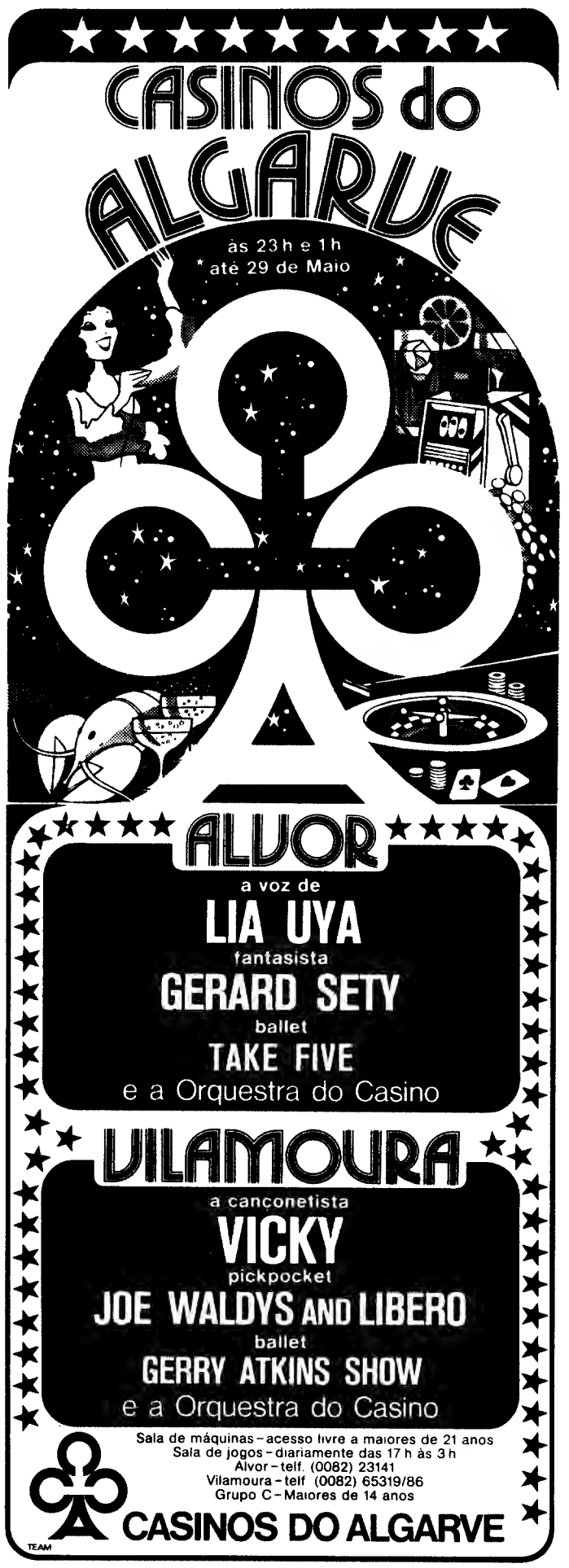
Nos termos dos Estatutos convoco a Assembleia Geral do Sindicato dos Electricistas a reunir em 1.ª convocação e em sessão extraordinária no próximo dia 18 de Maio, pelas 20 horas, no Salão de Festas da Sociedade de Instrução e Beneficência «A VOZ DO OPERÁRIO», na Rua da Voz do Operário, n.º 13, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Alteração dos Estatutos.
a) — aumento do número dos membros dos Corpos Gerentes.

Lisboa, 15 de Maio de 1974.

O VICE-PRESIDENTE
DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) **Mário Nunes da Silva**



Pague tudo com Diners

o cartão que dá a nota

DL/ESTRANGEIRO

Scheel eleito presidente da Alemanha Federal

BONN, 16 — (R) — O ministro dos Estrangeiros do governo social-democrata de Willy Brandt, Walter Scheel, foi eleito presidente da República Federal Alemã sucedendo ao dr. Gustav Heinemann, numa votação da Assembleia Federal encarada como uma impressionante manifestação de solidariedade no seio dos dois partidos que formam a coligação governativa.

Walter Scheel, que se tornou assim, com 54 anos, o mais jovem presidente até agora escolhido para a chefia do Estado da Alemanha Federal, foi também o primeiro candidato a ser eleito para o cargo ao primeiro escrutínio.

De facto, Scheel reuniu 530 votos. O outro candidato, Richard Von Weiszaecker, também de 54 anos e um parlamentar respeitadíssimo da oposição democrata cristã, obteve 498 votos. Cinco dos votantes abstiveram-se e três não estiveram presentes.

A Assembleia Federal, que segundo a constituição funciona como exclusivo colégio eleitoral para escolha do Chefe de Estado, consiste em 518 membros do Bundestag (Câmara Baixa do Parlamento Federal) e um número igual de representantes dos 10 Estados oeste-alemães mais Berlim Ocidental.

Numa breve declaração á assembleia depois da votação, Walter Scheel disse: «Aceito a eleição e é deveras comovente para mim ter sido escolhido como Chefe de Estado precisamente antes do 25.º aniversário da fundação da nossa República Federal».

Walter Scheel prestará juramento como presidente no dia 1 de Julho, data em que expira o mandato de Gustav Heinemann.

O dr. Heinemann completará 75 anos em Julho, sendo o primeiro presidente social-democrata. Heinemann declinou cumprir um segundo mandato de cinco anos invocando razões de saúde e de idade.

Devido á súbita resignação de Willy Brandt como chanceler, após ter-se descoberto que um dos mais íntimos auxiliares da chancelaria era um espião da República Democrática Alemã, Walter Scheel acumula agora dois cargos da mais vital importância, coisa sem precedentes na Alemanha Ocidental depois da guerra.

De facto Walter Scheel é chanceler interino da República Federal até o Bundestag dar posse hoje a Helmut Schmidt, ao mesmo tempo que mantem o seu posto de ministro dos Estrangeiros. Além disso, Walter Scheel é presidente do conselho de ministros do Mercado Comum Europeu, presidente do Partido Democrático Livre, e presidente da Internacional Liberal.

Numa mensagem de congratulações, o dr. Gustav Heinemann desejou a Walter Scheel «êxito e a benção de Deus» considerando a eleição como justa para um estadista de tanta experiência e que certamente fará tudo o que estiver ao seu alcance pelo progresso da República Federal.

Walter Scheel indicou em entrevistas para a Imprensa que, dentro das limitações constitucionais da presidência, há uma vasta gama de possibilidades de poder desempenhar um papel mais influente na política do que os seus antecessores.

Com Willy Brandt, como presidente do Partido Social Democrático, a agir provavelmente como conselheiro político dos ministros do SPD na coligação, existe também a possibilidade de Walter Scheel funcionar como conselheiro dos membros do gabinete pertencentes ao partido dos Democratas Livres — ou pelo menos de manter uma mais estreita observação no que diz respeito a reuniões do gabinete.

O presidente tem o direito constitucional de estar representado nas reuniões do gabinete, embora não conte para as decisões sobre política legislativa, que são de inteira responsabilidade do chanceler

Atenção!

INDUSTRIAIS DE CALÇADO E COMPLEMENTARES

2.ª pré-selecção de calçado

18/19 Maio
Espinho
Hotel Praia-Golf

Importantíssima exposição de modelos de calçado, apresentados por 16 criadores da moda de 8 países: Itália, França, Alemanha, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Finlândia e Reino Unido. Destinada à escolha e compra das colecções Primavera/Verão de 1975, a exposição está aberta das 10 às 13 e das 15 às 19 horas, dias 18 e 19 deste mês. Verifique pessoalmente até que ponto lhe interessa esta exibição.

Contacte imediatamente a F.I.L.
(Feira Internacional de Lisboa - Telf. 63 31 45-63 90 44)

FIMODA 4

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO
Av. 5 de Outubro, 101 - Telf. 77 77 72-77 77 68 - Lisboa
Delegação no Norte: Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq. - Telf. 38021 - Porto

A Casa Branca já não sabe

WASHINGTON, 16 — (FP) — A Casa Branca já não sabe como desmentir que o presidente Richard Nixon tenciona demitir-se.

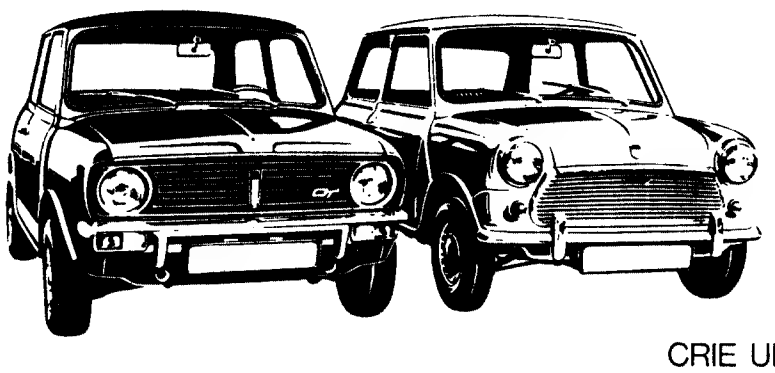
Interrogado quanto aos rumores que continuavam aparentemente a circular a este respeito em várias bolsas europeias, um porta-voz da Casa Branca contentou-se em erguer os braços ao céu num gesto de impotência.

As últimas afirmações quanto à vontade de Nixon de se manter no seu lugar desde que não seja destituído pelo Congresso, foram contadas por nove membros da Câmara dos Representantes que jantaram com ele ontem no Rio Potomac, no «iate» presidencial «Sequoia».

«Ele está convencido que não fez nada de ilegal, e não vai demitir-se (...) ponto final e acabou-se», disse um dos parlamentares aos jornalistas.

UM BOM MINISTRO DA ECONOMIA! O MINI!

PUBLIFIRMA



Tenha um bom «ministro» na economia do seu transporte e eleja um Mini para si! Com um Mini nunca mais pensará: «Ainda anteontem meti trezentos escudos e já não tenho gasolina!» Porque o Mini dá-lhe uma total tranquilidade em matéria de economia de consumo. E em espaço para arrumar? Outra economia notável. E economia de trânsito? Nunca um Mini faz aumentar uma bicha! Economize com o seu Mini. Um verdadeiro «ministro» a zelar por si e pela sua economia!

BRITISH LEYLAND **Mini**

Distribuidores: British Leyland de Portugal – Automóveis, Lda. À venda nos Concessionários AUSTIN e MORRIS em todo o País

CRIE UMA MENTALIDADE ECONÓMICA. É O **MINI**MO POR ONDE COMEÇAR

CONVOCATÓRIA

Sociedade Financeira Portuguesa, S. A. R. L.

Capital realizado: 1 373 331 000$00

Sede: Rua Duque de Palmela, n.º 30-8.º B — LISBOA

É convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade para reunir no dia 7 de Junho de 1974, pelas 18.00 horas, na sua sede, Rua Duque de Palmela, n.º 30-8.º B, em Lisboa, com a seguinte ordem do dia:

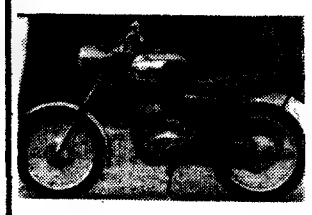
1.º Discutir e votar o Balanço e Contas, o Relatório do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, e deliberar sobre a aplicação dos resultados;
2.º Deliberar sobre a afectação de saldos das verbas aplicadas às finalidades previstas na alínea e) do Artigo 26.º dos Estatutos;
3.º Deliberar sobre a eleição de membros do Conselho de Administração.

Lisboa, 10 de Maio de 1974.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Dr. Ulisses Cruz de Aguiar Cortês

Novo modelo «MZ»



MZ TS 250
FABRICO ALEMÃO
MAIS POTENTE!!!
MAIS BONITA!!!
MAIS ROBUSTA!!!
PREÇO EXCEPCIONAL!!!
Um cilindro a dois tempos
Cilindrada: 243 c. c.
Assistência técnica assegurada
Por 64 Agências em todo o País
Representantes gerais para Portugal Continental, Insular e Ultramarino

MOTAUTO, LIMITADA
Rua D. Estefânia, 81-A
LISBOA

A C. P. INFORMA:

NOVO SERVIÇO COMBINADO PARA ALVERCA, VIALONGA, TOJAL, S. JULIÃO DO TOJAL, SANTO ANTÃO DO TOJAL, PINTEUS, S. ROQUE, ZAMBUJAL, A-DAS-LEBRES, FANHÕES E BUCELAS

Em 20 de Maio p.º futuro, é inaugurado um novo serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, entre a estação de Alverca e Alverca, Vialonga, Tojal, S. Julião do Tojal, Santo Antão do Tojal, Pinteus, S. Roque, Zambujal, A-das-Lebres, Fanhões e Bucelas a cargo da firma Transportes Salvador & Borga, Ld.ª

Por seu turno, nas Centrais de Vialonga e Bucelas, bem como nos Domicílios de Alverca, Tojal, S. Julião do Tojal, Santo Antão do Tojal, Pinteus, S. Roque, Zambujal, A-das-Lebres e Fanhões, aceitam-se despachos para qualquer estação de caminho de ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem

VENDEDORES / AS

Part-time ou Full-time

Se é trabalhador

Tem facilidade de contactos

Tem vontade de ganhar dinheiro

Nós asseguramos-lhe

Formação e apoio na actividade

Esquema de remunerações acima da média

Resposta ao Apartado 1425

FILMITALUS APRESENTA

ALAIN DELON

na mais violenta e proibida historia de amor

num filme de
VALERIO ZURLINI

OUTONO ESCALDANTE

GRUPO D [INDIAN SUMMER] 18 ANOS
com
SONIA PETROVA · GIANCARLO GIANNINI
RENATO SALVATORI · ALIDA VALLI

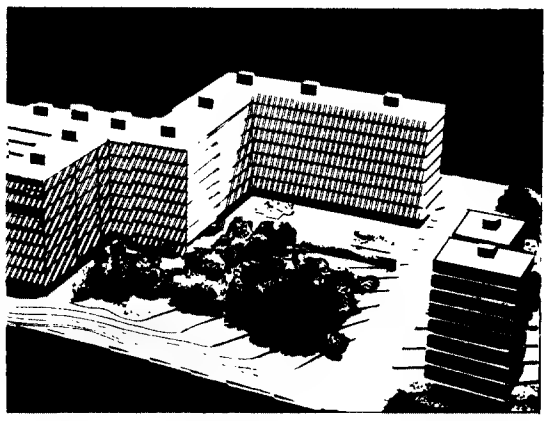
VERSÃO INTEGRAL
AMANHÃ ESTREIA IMPÉRIO

USA PRÓTESE DEFICIENTE?

Tem garantida a sua inteira recuperação na SIORTO, a empresa da especialidade que tem demonstrado na prática a proficiência da actual técnica de prótese ortopédica. Assegure-se do valor da extraordinária evolução dos sistemas de PERNAS E BRAÇOS ARTIFICIAIS E APARELHOS ORTOPÉDICOS, quando bem executados e adaptados, consultando:

SIORTO — Soc. Industrial de Ortopedia, Lda.
Av. Almirante Reis, 173, r/c. Telef. 4 09 82 LISBOA

NÓS SOMOS J. PIMENTA

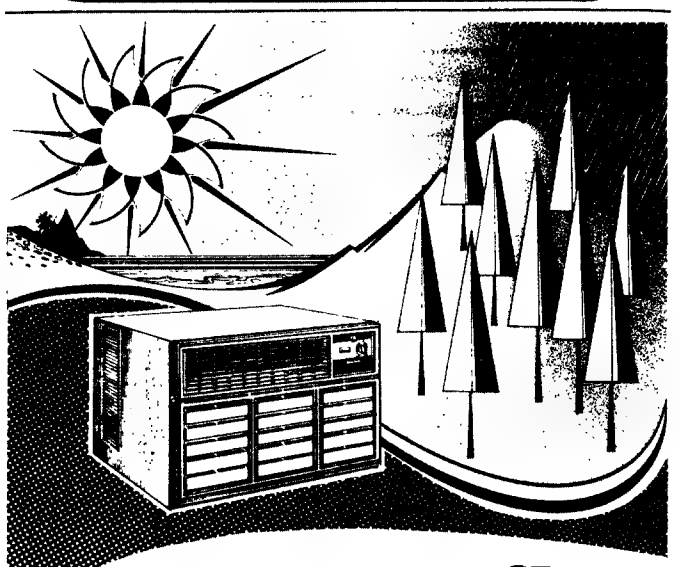


LISBOA
OLIVAIS

- JUNTO DA ESTAÇÃO DE CAMINHOS DE FERRO E A POUCA DISTÂNCIA DO AEROPORTO.
- LOCALIZAÇÃO NUMA ZONA DE ACELERADA EXPANSÃO, NA LISBOA NOVA.
- ACESSO DIRECTO À AUTO-ESTRADA DO NORTE
- BOM ENQUADRAMENTO URBANÍSTICO.
- EXÓTICA E AGRADÁVEL ZONA VERDE.
- CONSTRUÇÃO DE ÓPTIMA QUALIDADE.
- FÁCIL ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS.

APARTAMENTOS MOBILADOS
NOS MELHORES LOCAIS
PORTO
QUELUZ MONTE ABRAÃO
CASCAIS E COSTA DO SOL
ALGARVE PRAIA DA ROCHA
CASTELO BRANCO E FIGUEIRA DA FOZ

Informações.
Queluz-Edifício Sede-R. Mateus Vicente de Oliveira, 18 - Telef. 952021/2
Lisboa-Praça Marquês de Pombal, 15-Telef. 45843-47843
AGENTES EM TODO O PAÍS



CONDICIONADORES
Amana
OS MAIS SILENCIOSOS
5.000 a 60.000 - B.T.U.
POLAR
REFRIGERAÇÃO POLAR, LDA.
Av. Almirante Reis, 94 r/c Tel. 823366 LISBOA

A VENDA MAIS

UM NÚMERO DE motor

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

(S. A. R. L.)

AVISO

CONCURSO

Até às 16 horas do dia 22 de Maio de 1974, esta Companhia aceita propostas para a exploração de uma dependência na estação de Porto (Trindade).

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação da dependência é de 12 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Porto (Trindade)
Senhora da Hora
Trofa
Póvoa de Varzim
Sector Comercial da Região Norte
Porto (São Bento)
Serviço Comercial de Passageiros da Companhia
Rua Victor Cordon, 45
Lisboa-2.

Esta Companhia reserva-se o direito de rejeitar todas as propostas, ou algumas delas, se assim o julgar conveniente.

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Rua Victor Cordon, 45 Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência na estação de Porto (Trindade)».

PASSE
UM FIM-DE-SEMANA
SEM CONTRATEMPOS

QUANDO ACORDAR
ESTARÁ NO ALGARVE

SERVIÇO DE CARRUAGENS-CAMAS LISBOA-ALGARVE
Barreiro V/R Sto António sextas feiras
V/R Sto António Barreiro domingos
SERVIÇOS EXTRAORDINÁRIOS NO NATAL E ANO NOVO
INFORMAÇÕES TELEF. 32 62 26
Caminhos de Ferro Portugueses

CASAS ALUGAM-SE
com 2 e 3 assoalhadas próximo à estação
Ver na Rua da Quinta das Palmeiras, Lote 29-A, 78 e 79, em **NOVA OEIRAS**

motor

O Movimento Democrático de Angola sugere Tito Morais para governador

LUANDA, 16 (L./DL) O Movimento Democrático de Angola enviou um telegrama à Junta de Salvação Nacional repudiando a indicação dos nomes de Simões de Abreu, Fernando Falcão e Pinheiro da Silva, antigo secretário provincial de Educação, para o cargo de governador-geral de Angola. O M. D. A. sugere os nomes da dr.ª Maria do Carmo Medina e de Tito Morais, este devido ao conhecimento profundo que possui dos problemas de Angola onde viveu algum tempo.

Elementos do Movimento em contacto com um membro do Movimento das Forças Armadas deram conta da intenção de ocuparem a sede da Mocidade Portuguesa em Luanda, onde ficaria instalado o M. D. A., o que efectivamente se irá verificar.

O eng.º Tito Morais viveu, de facto, em Angola durante alguns anos. Tendo sido dirigente da Frente Patriótica de Libertação Nacional viria mais tarde a separar-se desta organização política, para se instalar em Roma. Nesta cidade fixou residência, representando o Partido Socialista Português, sendo então responsável pela edição do jornal «Portugal Socialista».

Em 28 de Abril último, o eng.º Tito Morais regressou ao País acompanhando Mário Soares.

CINEMA CASTIL

AMANHÃ AS 00.30 H.
ANTE-ESTREIA
DO FILME

DIREITO DE AMAR

(ELLE LUI DIRAIT DANS L'ILE)
com
OMAR SHARIF
e
FLORINDA BOLKAN
Grupo D-18 anos

Os dilemas

Continuação da pág. 3

agora enredados nas posições do episcopado. A Igreja não tem qualquer hipótese de invocar uma atitude neutral no passado dado que é difícil conceber posições neutrais da Igreja Católica quando está em jogo a dignidade do homem.

O silêncio dos bispos é geralmente interpretado como cumplicidade perante as atrocidades do fascismo, mesmo admitindo que não estavam de acordo com elas. O grande problema reside na falta de coragem para as denunciar em devido tempo.

Por outro lado uma atitude diferente assumida agora, de resto acilitada pela nova situação política, não pode deixar de ser acusada de oportunismo.

O irrealismo político de muitos bispos católicos parece chegar ao ponto de estarem convencidos que chegou a hora do martírio e de concluirem que a seguir à caça ao Pide se seguirá a caça ao padre. Para muitos cristãos, que julgam saber ter sido esta atitude expressada em encontro recente, trata-se de uma conclusão lamentável.

Embora um observador isento possa considerar que a moção provada na última assembelia livre dos cristãos, ao sugerir a demissão dos bispos peca por excesso, não pode deixar de concluir que tal possibilidade deve estar neste momento a ser debatida no Vaticano, e não é de estranhar que alguns bispos sejam em breve chamados a Roma.

Uma coisa parece certa: a Igreja Católica vai inevitavelmente passar por um processo de transformação, única porta de saída que lhe resta se não quiser ser remetida a um isolamento de sérias consequências para a sua própria sobrevivência.

CESÁRIO BORGA

Greve na Refinaria da Boa Nova (Porto)

PORTO, 16 Verificou-se desde ontem mais uma paragem de actividade por parte dos trabalhadores da DSD (Dillinger Stahlbau GMBH, da Alemanha Ocidental) que se ocupam nas obras de ampliação da refinaria da Boa Nova, da Sacor. Em virtude de o pessoal não ter voltado ao trabalho, deslocou-se ao local uma força militar comandada pelo capitão Leite de Magalhães.

Em reunião com uma comissão de representantes dos trabalhadores, aquele oficial foi posto ao corrente da situação. Soube que os operários portugueses da DSD pretendem um aumento de 30 por cento dos salários actuais, dado o carácter eventual do emprego. Pedem a expulsão do sr. Jorge Rodrigues, encarregado da segurança do trabalho, mas que, segundo os trabalhadores, é utilizado como «pide privado» da empresa. Outro ponto de conflito, é a forma de retribuição à Caixa de Previdência, pois os trabalhadores descontavam as respectivas verbas mas a entidade patronal não tinha satisfeito o pagamento das mesmas. Mais: os trabalhadores querem lhes seja pago o dia 1 de Abril, em que se verificou uma paralisação do trabalho e reclamam o ordenado máximo pago até agora, ou seja 7400$00 e a readmissão dos operários demitidos das suas funções na mesma categoria com que sairam. Alegam, ainda, que a DSD emprega pessoal alemão com a mesma especialidade, ao qual paga o dobro e o triplo, e se prepara para despedir mais pessoal português, substituindo-o por trabalhadores estrangeiros. Daqui resulta uma contradição, pois a firma alega que não pode pagar ordenados mais altos aos portugueses e substitui-os por estrangeiros, aos quais paga melhor.

Ao corrente das reivindicações dos trabalhadores, o capitão Leite de Magalhães dirigiu-se aos escritórios da DSD, onde foi recebido pelo sr. Benito Pekrul, director da citada empresa, estando também presentes os delegados sindicais D. Branca Guimarães e sr. Manuel Nobre.

A greve continua até serem satisfeitas as reivindicações dos trabalhadores. Nesse sentido, voltaram a reunir-se esta manhã representantes destes, da empresa e elementos das Forças Armadas.

ventiladores helicoidais

EFACEC

DE TODOS OS TIPOS
PARA TODAS AS APLICAÇÕES
INDUSTRIAIS

ENTREGA IMEDIATA

EFACEC Ventilação Industrial

Rua Rodrigo da Fonseca, 76-3.º Telefones 530161 - 563351 LISBOA
Rua Sá da Bandeira, 706-5.º Telefones 20061 - 28841 PORTO

Uma organização politur

O mundo ao seu alcance

VIAGENS ACOMPANHADAS POR GUIA PORTUGUÊS
em avião e circuitos em autopullman de turismo

ITÁLIA 10 dias
7.850$00* por pessoa

BERLIM E AMESTERDÃO
10 dias 10 350$00 por pessoa

AUSTRIA 10 dias
7.950$00* por pessoa

HOLANDA E BÉLGICA
10 dias 7.320$00 por pessoa

VIAGEM/ESTADIA NO LAGO DE LUCANO
em autocarro de Zurique a Zurique
10 dias
8.500$00* por pessoa

BENELUX, VALE DO RENO E PARIS 10 dias
em autocarro de Bruxelas a Bruxelas
10 350$00 por pessoa

* mais sobretaxa de combustível 640$00

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

INFORME-SE E INSCREVA-SE NA:

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa · Estoril · Porto · Faro · Funchal · Luanda

STR

SEVE-Sociedade Nacional de Vinhos, SARL
Castanheira do Ribatejo - Tels. 91164 · 91420 do Carregado

Markimage

SEVE

SEVE - vinho a valer!

DL/DESPORTOS

OS CANCROS DO DESPORTO (2)

SANTA COMBA DÃO COBROU 70 POR CENTO

Por NEVES DE SOUSA

Um amável leitor (o sr. Afonso Lobo, de Mortágua) conta-me a história:

— **Não posso deixar passar despercebido o que aconteceu nesta vila, no passado dia 21. Será mais uma achega, mais um documento para a história do triste panorama do Desporto em Portugal. Deixe que lhe conte o caso.**

O Mortágua Futebol clube, colectividade modesta como modesta é esta vila que não conta ainda um milhar de habitantes, vive do entusiasmo e perseverança dos homens que nos últimos anos têm gerido os seus destinos. Tem competido quase sempre, em matéria futebolística, no campeonato nacional da 3.ª divisão. Acontece, porém, que este ano o Mortágua foi ao «nacional» por favor mercê de um alargamento que talvez não se justificasse, sendo chamado a competir sem a necessária preparação, sem número suficiente de atletas e, igualmente, sem possibilidades de os recrutar. Com a chamada «prata da casa», preparava-se para um «distrital» mais ou menos tranquilo: eis, porém, que suge um alargamento provocado pelo famigerado «caso de Chaves», afinal igual a tantos outros em que o nosso Futebol é fértil.

Esta decisão foi tomada tarde a a más horas, somente a 10 dias do início da competição: uma maratona que dura de Setembro a Junho. Três ou quatro estudantes universitário em Coimbra (pagos a tanto por jogo) foram os reforços conseguidos para melhorar o «plantel» dos amadores locais (que nem prémios de vitória têm...). Todos dirigidos por um treinador e um preparador físico gracioso... Enfim: sacrifícios sem conta de um punhado de rapazes que queriam manter a tradição do clube. Vida limpa, sem dívidas, sem aderência a um profissionalismo que só meia dúzia de colectividades portuguesas pode sustentar.

E o nosso leitor acrescenta mais:

O Mortágua é a única agremiação do distrito que se faz representar oficialmente em quatro categorias futebolísticas: iniciados, juvenis, juniores e seniores. Que possue um parque de jogos de sua propriedade: feito com mil sacrifícios e sem qualquer auxílio oficial, foi o primeiro do distrito a electrificá-lo. E possue, também, um recinto cimentado para a prática do basquetebol, futebol de cinco, voleibol, etc. Resta dizer que fica optimamente localizado, a escassas duas centenas de metros do centro da vila: e sempre tem sido cedido à juventude local, aos alunos dos colégios e escolas, para ali terem as suas aulas de ginástica. E que, certamente como sucede em outras colectividades congéneres, ainda hoje está à espera da «tal» comparticipação do Ministério da Educação Nacional para a construção de um ginásio-sede...

Entretanto depois no assunto-base da sua missiva, conta-nos o sr. Afonso Lobo:

— **Ora muito bem: no passado dia 21 de Abril, disputámos no nosso campo um jogo oficial contra o Alba, «leader» da zona na 3.ª divisão. Diferença enorme entre as duas formações, como é lógico, pelo que a vitória dos visitantes nunca chegou a estar em causa. Jogo disputado com muita correcção e sob excelente arbitragem. (Felizmente, que nos lembre nunca em Mortágua houve interdição de campo ou árbitro molestado...). Pois, apesar desta bela credencial (de que muito nos orgulhamos), para esse jogo com o Alba apareceram 25 elementos da G.N.R., alguns de Cinfães do Douro e de Resende, a mais de 150 quilómetros de distância, em carros de aluguer ou em «jeeps» da G.N.R. que cobram agora 4 escudos por quilómetro percorrido. Quando se impunha que o policiamento fosse grátis (a G.N.R. ainda recentemente viu os seus honorários aumentados substancialmente) sucedeu o contrário: 70 por cento da receita total do jogo foi parar aos cofres dessa instituição!**

Tenho na minha frente, anexas à carta do muito simpático leitor do nosso jornal, fotocópias de vários documentos, pelos quais noto o seguinte:

a) Para o jogo Mortágua-Alba foram vendidos 340 bilhetes, que renderam Esc:- 5.047$50

b) A Associação de Futebol de Viseu cobrou, de percentagem, Esc:- 1.224$00.

c) para uma «coisa» intitulada «Socorro Social», que viceja à custa de um ciclone que já morreu há trinta e tal anos, descontou-se mais Esc:- 201$00

d) As Finanças vieram «sacar» Esc:- 402$00

e) Os fiscais receberam Esc:- 185$00

f) A Guarda Nacional Republicana (recibo assinado pelo comandante da força, da 1.ª companhia do batalhão n.º 5, do posto de Santa Comba Dão (lagarto, lagarto...) afinou pelo diapasão da moda e não esteve com meias medidas: cobrou a «módica» quantia de Esc:- 3.354$00 e retirou a penates.

Num domingo em que a vinda a sua terra do «leader» do torneio poderia representar a recolha de uns fundos que seriam chuva preciosa vinda do céu, o Mortágua teve de entregar à G.N.R. 70 por cento do «bolo» absoluto...

É claro que nem vale a pena falar no resto. O Mortágua, de bico calado não fosse a P.I.D.E. ser chamada (e levar mais dinheiro pela «consulta») ainda teve de ir procurar dinheiro para pagar a marcação do campo, a água e o gás utilizados nas cabinas, os ordenados dos porteiros, dos guardas e dos bilheteiros, as refeições e as viagens dos quatro jogadores que residem em Coimbra, as despesas com um treino geral a meio da semana, a lavagem dos equipamentos, a luz eléctrica para o treino, até as pobres laranjadazinhas que os seus rapazes beberam no fim de um esforço de 90 minutos, perante três centenas e meia de pagantes e uma mão-cheia de guarda-republicanos. Afinal os únicos que gozaram à bruta o espectáculo e ainda levaram dinheiro para casa...

A Junta de Salvação Nacional não poderá dar (já!) uma mãozinha neste tristíssimo estado de coisas? Será que, para manter a disciplina entre 340 pacatos cidadãos, é preciso tal força policial? Então quanto se teria de gastar para vivermos um 1.º de Maio de milhões de corações presentes nas ruas?

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 37 DE 19 MAIO 1974

Boa Nova 122 1x1 x11 1112; O Emigrante 12x 1x1 11x x11x; Cavalgada do Ritmo 122 121 x1x 1111; Revista Desportiva 122 111 x12 2x12; Ritmo x1x 1xx 11x 12xx; Comércio de Portimão 121 121 11 11x1; Correio dos Acores 122 111 11x 111x; Correio de Coimbra 1x2 121 x11 111x; Correio do Vouga 12x 1x1 111 1111; A Defesa 12x 121 x12 x11x; Eu Sei Tudo 122 111 xxx 11x2; Folha do Domingo 12x 121 211 1x11; Imagens Piedenses 11x x11 111 2x11; Jornal do Barreiro xxx 1x1 x12 1xx2; Jornal de Felgueiras 122 121 x1x x11x; O Jornal da Fixa 121 1x1 1x2 2211; Jornal de Sintra 12x 121 x12 x11x; Linhas de Elvas 122 x21 xxx 11x1; Notícias do Douro x22 1x1 1x2 11x2; Notícias de Felgueiras 122 xx1 xxx 1x1x; Peça que não maca 122 121 111 1111; Povo Algarvio 122 1x1 112 1111; Presença Coimbrã x22 121 111 111x; A Rabeca 1xx 111 x11 1121; Rádio Oceano 122 x21 11x 1x11; Reconquista 122 121 x11 x11x; Encontro Musical 1x2 1x1 112 x2xx; O Telégrafo x2x x21 x1x 1111; A Voz do Domingo 12x 111 11x x11x; Mundo Desportivo 122 1x1 11x x111; Auto Rádio 122 111 11x 1xx2; Brados do Alentejo 22x x21 2x1 12x2; Cardeal Saraiva 122 1x1 x12 1111; O Benfica 1x2 x21 111 xx12; O Comércio de Leixões 122 111 112 x11x; O Concelho de Estarreja 1x2 121 x1x 1x1x; As 10 espere por nos 1x2 x2x 2xx 2xx2; Diário de Coimbra x2x 121 111 1111; Ecos de Cácia 122 x21 x11 1111; Estrela da Manhã 121 x11 x11 111x; Estudio 64 1xx 121 x12 121x; Dos fracos não reza a história x1x 1x1 x12 x222; Gazeta das Caldas 122 xx1 x1x 1x1x; Jornal da Beira 12x 1x1 112 x11x; Jornal do Fundão 2x2 1x1 x1x x1x2; Jornal da Graca 122 111 111 1111; Jornal de Notícias 122 1x1 11x 2112; O Mensageiro x2x 1x1 211 11x1; Litoral x22 121 21x xx11; Manchete Desportiva 1xx 111 111 x111; Maria da Fonte 122 1x1 11x 111x; O Norte Desportivo 1x2 121 11x 1111; Notícias de Gouveia x2x x21 222 1x21; Notícias de Guimarães 122 x21 x1x 11x2; Penalti 122 111 111 1111; Placard Desportivo 122 1x1 11x 1xx2; Placard Desportivo-Acores 1xx 121 x12 122x; Póvoa de Lanhoso 122 x21 x11 2111; Programa sem nome 122 121 121 1x11; Quadrante Desportivo 122 121 x12 x1x2; Notícias de Evora 12x 1x1 11x 11x2; Quadrante Norte 122 121 xxx 221x; Rádio Altitude 12x 121 11x 2111; Rádio Placard 111 111 111 1111; M Reporter do Dia-Angola 122 121 111 x112; Resenha Desportiva x2x 1x1 11x 1x1x; Sorriso da hora do almoço 122 1x2 112 x11x; A Voz Desportiva x22 121 21x x112; A Voz de Lamego 122 121 x11 1112; A Voz dos Ridículos 122 112 112 1111; Boletim Desportivo 112 x21 11x x211; Clube do Ar 1x2 111 11x 21xx; Diário do Porto 12x 111 112 x112; Miscelânea Musical 1x2 221 112 2211; Montra do Êxito 122 xx1 21x 11x2; Música e Desporto 12x xx1 x1x 1111; Programa da Manhã 12x 111 xx1 x11x; Rádio Sports 122 111 111 1111; Ritmo e Amizade x22 1x1 xxx xx12; Só Rádio 121 x21 112 xx22; O Primeiro de Janeiro 12x x21 112 1x11; Voz do Casa Pia 122 1x1 11x 111x; Sporting 12x 111 11x x121; Diário de Lisboa 12x x11 11x 111x; Bondiazinho x22 121 111 1x11; Brado Africano Desporto 12x 1x1 x12 11x2; Brado Africano Ronga 1xx 221 11x xix2; Diário 122 111 x12 1x1x, Domingo Alegre 1x2 121 11x 1112; Jornal Desportivo 12x 1x1 11x x1xx; Passatempo 121 121 211 2x1x; Quelimane 73 x22 x21 xx2 2x12; Roteiro Sonoro 21x 111 21x 1211; Terceiro Programa 222 1x1 211 1x12; 20 Ponto D 222 121 211 2111.

	R E S U M O			B O L A S			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. OLHANENSE-ACADÉMICA	75	15	5	9	2	1	
2. BARREIRENSE-SPORTING	6	16	73	1	2	9	
3. SETÚBAL-BENFICA	6	33	56	1	4	7	
4. BOAVISTA-GUIMARAES	72	21	2	9	2	1	
5. LEIXOES-PORTO	22	30	43	3	4	5	
6. BELENENSES-MONTIJO	91	2	2	10	1	1	
7. ORIENTAL-CUF	49	34	12	6	4	2	
8. BEIRA MAR-FARENSE	82	11	2	10	1	1	
9. LOUROSA-FAFE	29	41	25	4	5	3	
10. GIL VICENTE-BRAGA	55	27	13	7	3	2	
11. U.COIMBRA-SANJOANENSE	60	24	11	8	3	1	
12. C.PIEDADE-LUSITANO	68	21	6	9	2	1	
13. ODIVELAS-MARINHENSE	37	30	28	5	4	3	

a) Nos termos do Artº. 109. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

122 121 11X 1111

DL/DESPORTOS

Bayern de Munique e Atlético de Madrid empataram a uma bola, na final da «Taça dos Campeões Europeus», pelo que terão de jogar, novamente entre si, amanhã à noite. O tempo regulamentar terminou sem golos e, no prolongamento, marcou primeiro o Atlético, empatando os alemães, inesperadamente, no último minuto, num remate de 40 metros do defesa Schwarzenbeck. Na gravura, as manifestações de alegria dos madrilenos, quando marcaram o seu tento e a «Taça» parecia estar mais que certa.

Sobre futebol

Árbitros em ebulição

Semana decisiva para os árbitros: grandemente ameaçados na sua integridade física, no domingo passado, vêm agora exigir maior protecção à sua actividade enquanto um membro da classe faz «chantagem», aproveitando-se do momento político.

Em Montemor, no domingo, o árbitro Mário Fevereiro (da Comissão Distrital de Faro) foi agredido, julgando-se que tenha costelas fracturadas. O campo foi interditado preventivamente e os árbitros comunicaram a sua recusa de ali dirigir jogos enquanto não for vedado com rede.

Em Fafe, segundo o comunicado do Conselho de Disciplina da FPF, outro árbitro foi apedrejado sofrendo lesão. Resultado: seis jogos de interdição. Além disto, tivemos noutros campos injúrias de jogadores e dirigentes (devidamente punidas) e as atitudes incorrectas por parte do público, que valeram quatros jogos de interdição.

Como consequência de tudo isto, os árbitros, reunidos em plenário, resolveram: solicitar o reforço do policiamento nos campos por elementos das Forças Armadas, não arbitrar no campo do União de Montemor até ser vedado o terreno e estabelecer um prazo para que sejam vedados todos os campos do País.

Ontem mesmo, a Comissão Central de Árbitros emitiu um comunicado referindo ter instaurado inquérito disciplinar ao árbitro Vicente António Porteiro Alves (de Setúbal) por este tentar **exercer chantagem através de ameaças de virar contra os dirigentes o poder político do partido a que pertence numa atitude antidemocrática e oportunista**

YAZALDE

Segundo informação trazida de Espanha por um reporter do jornal «Record», o Governo de Peron vai conceder a Yazalde «Medalha de Ouro», a mais alta condecoração argentina. Razões da distinção: o prestígio do jogador na Europa e a sua excepcional temporada a contribuir para o prestígio do seu próprio país.

DINIS

É muito provável que Dinis alinhe no domingo, contra o Barreirense, na luta decisiva que o Sporting vai travar na corrida para o título. Dinis, que tem estado com baixa desde o traumatismo craniano sofreido em Aveiro (vai para um mês) apresenta-se completamente recuperado e com alta médica para treinar e jogar.

Lino incluiu-o na lista de jogadores que estagia desde ontem, para preparar a última jornada do campeonato.

GUIMARÃES

Mais de 300 jovens se inscreveram já para o torneio de juvenis do Vitório de Guimarães, que se vai realizar no campo da Amarosa durante o mês de Junho. Este «IV Torneio Popular Juvenil», denominado oficialmente como «Troféu eng. Helder-Rocha» está aberto a equipas populares constituídas por elementos que nunca tenham sido federados.

A equipa melhor organizada será atribuída a Taça Vítor Santos, numa homenagem àquele nosso camarada de Imprensa.

JUNIORES

Partiu para a Finlândia, onde joga no caminho para o torneio europeu da Suécia, a selecção nacional de juniores comandada por Peres Bandeira e José Maria Pedroto. Seguiram viagem, além destes técnicos, os jogadores Valter, Dinis, Matos e Libânio (Sporting); Tavares, Gomes e Pinto (F. C. do Porto); Barrinha e Isidro (Belenenses); Lito e Formosinho (Vitória de Setúbal); Seidi e Fernando Martins (Atlético); Furico (Benfica); Roque (Académica) e Sousa (Sanjoanense).

3º ANDAR

HÁ 31 SEMANAS QUE O PORTEIRO ATENDE PRONTAMENTE AS SUAS INQUILINAS...

2º ANDAR

1º ANDAR

estúdio 444

GRUPO D - 18 ANOS EASTMANCOLOR DOPERFILME

quando marido e mulher têm...

SEGREDOS PROIBIDOS

(SECRETS)

com

JACQUELINE BISSET

EASTMANCOLOR
TALMA FILMES

CINEMA CASTIL

GRUPO D - 18 ANOS

6ª SEMANA

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DE LISBOA

AVISO CONVOCATÓRIO

A todos os trabalhadores da Aplied Magnétics. Comunicamos que no dia 19 (domingo), às 10 horas na sede da C. D. E. — Rua Almirante Reis - Sacavém, se realiza uma reunião para informação do C. C. T. do material eléctrico.

A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DE LISBOA

A todos os trabalhadores da A. E. P. (Princesa). Comunicamos que no dia 17 (6.ª-feira), às 16.30 horas, na Sociedade Operária Amorense se realiza uma reunião para informação sobre o C. C. T. do material eléctrico.

A DIRECÇÃO

FILMES CASTELLO LOPES (50) apresenta

AGORA EM VERSÃO INTEGRAL!

O filme de ALAIN RESNAIS

Hiroshima meu amor

(Hiroshima mon amour)

a sua mais bela história!

EMMANUÈLE RIVA · EIJI OKADA · BERNARD FRESSON

4ª SEMANA

LONDRES

GRUPO D - 18 ANOS

DL/NACIONAL

O Movimento Democrático nas instalações em Luanda da Mocidade Portuguesa

LUANDA, 16 — (ANI) — Elementos do Movimento Democrático de Angola ocuparam ontem as instalações em Luanda da Mocidade Portuguesa, onde desejariam que passasse a funcionar a sua sede. A ocupação fez-se na maior ordem e civismo.

Três oficiais superiores do comando-chefe estiveram no local para informar os membros da comissão democrática de que, ao contrário do que acontecia na Metrópole, esse edifício situado em Luanda não pertencia àquela extinta organização, mas sim à secretaria provincial da educação, devendo portanto os democratas apresentarem a sua pretensão ao governo-geral, que, naturalmente, não deixaria de ter em conta.

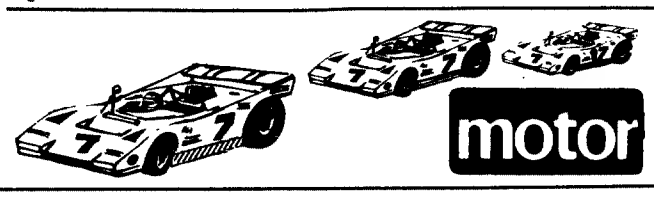
Os democratas pretendem instalar ali, só a sede do movimento, como também o cineclube de Luanda e a Sociedade Cultural de Angola, dois organismos que tinham sido extintos pelo regime derrubado.

USE 3 VEZES
POR DIA

O "CAMPO" DE SÃO NICOLAU

MOÇÂMEDES, 16 (ANI) — «É completa e totalmente falso queo o campo de São Nicolau tivesse fornos crematórios» — afirma o governador do distrito de Moçamedes, recordando que em Maio de 1973 uma delegação da Cruz Vermelha, Internacional teve a oportunidade de visitar todas as instalações do campo, classificando de boas não só as dependências como as relações entre os detidos e os guardas.

O governador informa que uma delegação da Cruz Vermelha voltara a Angola em 25 de Abril. E, ao tomar conhecimento de que os presos iam ser soltos, deixou Angola sem sequer voltar a São Nicolau, por, segundo alegou, conhecer bem o local.



palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

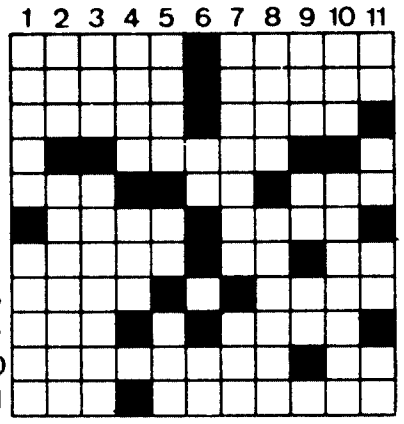
PROBLEMA N.º 10784

HORIZONTAIS:

1 Aparência (Fig.). Emparelhem.
2 De mais a mais. Especie de forragem.
3 Apelido Patria.
4 Medida japonesa igual a dois decilitros. Farrusca. Sufixo que designa estado
5 Pedantes.
6 Vaso pouco fundo e de boca larga. Flancos
7 Nascimento. Uma das Ciclades.
8 Tramassemos (fig.).
9 Prefixo de negação. Serra de Portugal O mais.
10 Títulos honorifico na ndia. Hora canónica correspondente às quinze horas. Mitologia.
11 Magnifico Abalo (pop.).

VERTICAIS:

1 Peso. Região aonde Salomão mandava buscar oiro.
2 Grande cão de fila. Gorjear.
3 Consentimento Tirania (fig.). Interjeição de dor
4 Desordenados.
5 Intima. Curo.
6 Livro de versos de Antonio Nobre. Estupido (fig.).
7 Confiança. Triturem.
8 Nesse lugar. Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Letra grega (inv.)
9 Ilha do arquipelago de Cabo Verde. Vais para fora. Manuscrito
10 Anão. Isolado. Suspiros
11 Sacho para mondar. Entoa.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

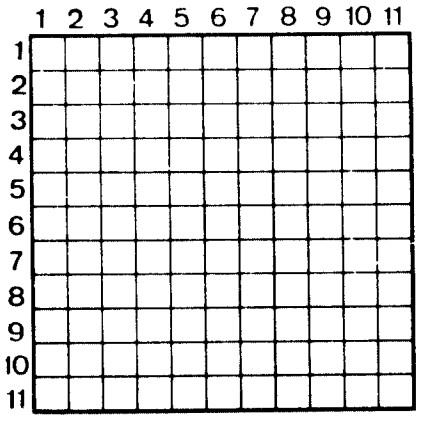
PROBLEMA N.º 6942

HORIZONTAIS:

1 Espaço de doze meses. Nome que os Muçulmanos dão ao seu Deus Bondosa.
2 Neon (s.q.). Luta Batraquio
3 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico Tragedia em três actos e em verso de Racine.
4 Sublime. Preposição.
5 Nevoento. Ribeira da Asia Russa.
6 Rezam. Milho torrado que se reduz a po temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
7 Desbastais. Pesar.
8 Caustico (fig).
9 Sufixo que designa estado. Pronome pessoal.
10 Artigo definido. Enfeitam. Vossa Senhoria.
11 Trezentos e sessenta e cinco dias. Existir. Distrito da ndia Portuguesa.

VERTICAIS:

1 Principe troiano que abordou à Italia e fundou Padua Distrito da ndia Portuguesa.
2 Nordeste (abrev.) Possuiras. Serviço Nacional.
3 Guiarão
4 Instrumento para medir a pressão atmosférica.
5 Constelação zodiacal tambem chamada Carneiro. Nessa altura. Reis
6 Vi. O sono das crianças. Imperatriz de Bizâncio, morta em 803 no exilio.
7 Procede, Albergar por esmola
8 Rancor. Um cento.
9 Passagens nas roupas.
10 Preguem. Compaixão. Seis em romano.
11 Rio da Suiça. Perfeito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10783

HORIZONTAIS:	VERTICAIS
1 Apolo. Batem	1 Apaga. MORRE
2 PELA. BOCA	2 Pelais. Mois.
3 Ali. Ceu. At.	3 Oliva. Marat.
4 Gavea. Laura.	4 La. Ermar. Sé
5 Aiara. Orar.	5 Caá.
7 Mão. RAF.	6 Te. O. Dão.
8 Omar. Domine.	7 Ulo. Roz.
9 Ror. Vaz. Sai.	8 Ab. Airam. PM.
10 Rias. Pg.	9 To. Ur. Fisga.
11 Ester. Amare.	10 Escaras. Na.
	11 Matar. PEIXE.

Proverbio: PELA BOCA MORRE O PEIXE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6941

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Morcela. Vir.	1 Molhar. Nafé.
2 Opiara. Mara.	2 Opio. Es. Mar.
3 Liaça. Coros.	3 Ria. Pairara.
4 Ho. Cair.	4 Caça Trevo.
5 Mm. Res.	5 Era. Ma. Ga.
6 Reata. Go. Ao.	6 La. Cm. Po.
7 Sir. Pé. Cri.	7 Cã. Ge. Cam.
8 Rego. Vida	8 Moiro. Varo.
9 Amava. Caso.	9 Varre. Cisne.
10 Faro. Carnal.	10 Iro. Sardoal.
11 Era. Moela.	11 Raso. Oiá. La.

televisão

HOJE

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau».
13.00 Da saude e da vida.
13.15 A rapariga que sabia demais.
13.45 Telejornal — 1.ª edição.
14.00 Circo ao riso
14.20 Logo à noite.

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatorio TV
19.00 TV Educativa — Educação Musical (crianças)
19.25 Filme Infantil «O Diario das Fabulas».
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 Xadrez
20.10 Perspectiva
20.55 Cinema ano um
22.05 Antologia
23.35 Telejornal — 4.ª edição
23.45 Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau».
20.40 Circo ao riso
21.00 A rapariga que sabia demais
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Os classicos do cinema
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados «TV Funnes».
13.00 Saber não faz mal.
13.15 Valerie e a aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 A ria de Aveiro
14.20 Logo à noite.
14.40 Ciclo Preparatorio TV.

2.º Período

19.00 TV Educativa — Física Moderna.
19.25 Filme Infantil «O Diario das Fabulas».
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 TV Infantil «Gordegul».
20.00 Cartaz TV.
20.30 Panorama do mundo
21.00 Inventario musical.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.05 O Rocado filme de grande metragem
22.35 Portugal no Seculo XX.
23.40 Telejornal — 4.ª edição.
23.45 Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados.
20.45 A ria de Aveiro
21.00 Valerie e a aventura.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Tempo internacional
22.30 Os Primeiros Circuitos
23.20 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado o vento era fraco e havia nevoeiro ou neblina em várias regiões.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	15º
P. DOURADAS	16º
COIMBRA	16º
PORTALEGRE	19º
LISBOA	16º
FARO	20º
FUNCHAL	

TEMPERATURAS EXTREMAS

FONTE BOA
Máxima 28,5º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 10,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 14,8º
Atmosfera 13,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
		5.27	1,5 m
12.07	3,1 m	17.49	1,5 m
Dia 17			
0.23	3,3 m	6.18	1,3 m
12.28	3,3 m	18.40	1,4 m
Dia 18			
1.14	3,4 m	7.04	1,1 m
13.44	3,4 m	19.26	1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu geralmente muito nublado; vento fraco; condições favoraveis à ocorrência de nevoeiro ou neblina matinais.

AMANHÃ
NASCER ÁS 6.23
OCASO ÁS 20.43

Dia 21 | Dia 28 | Dia 4 | Dia 11

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiario.
16.05 Cantos da Luta.
16.30 Convivio.
18.05 Musica Popular Portuguesa
19.05 O Som da Europa.
20.30 15 Episodio do folhetim «O Ourives do Rei».
20.50 Melodias.
21.00 Momento 74.
21.20 Musica Portuguesa.
22.00 Ritmos de todo o mundo
22.40 Fados.
23.05 De um dia para o outro.
00.00 Sinal horario.

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Radio Universidade.
00.00 Junção com o 1. Programa.

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir programa elaborado por Margarida Brandão.
18.00 Musica Portuguesa.
19.00 Entrevista com o dr Francisco Pinto Balsemão
20.00 Jornal da noite.
20.30 Concerto em Mi Bemol Menor, op. 41, de Gadike, por Timofei.
20.45 Temas Sociologicos.
21.00 Resumo do Programa — Opera sem palavras.
21.30 A Palavra e a forma.
22.00 Musica de Câmara.
22.45 Oratoria «A Infância de Cristo», de Berlioz.
00.20 Sinfonia n. 7, op. 131, de Prokofieff
01.00 Fecho.

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF2

21.00 Musica ligeira variada.
22.00 Intercâmbio Musical: Gravações cedidas pela Radio Sueca.
22.25 Musica Sinfonica.
23.18 Musica de piano: Mazurcas n. s 1 a 13, de Chopin, pelo pianista Nikita Magaloff
23.45 Musica de Câmara.
00.20 A Sagração da Primavera, de Stravinsky, pela Orquestra Filarmonica Checa, dir. por Karel Angerl.
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Media

16.00 Noticiario.
16.04 Programa CDC.
16.02 Programa Movimento
21.03 Dialogo.
21.08 Serão musical.
21.32 Quando o Telefone Toca.
22.05 Antiquario.
22.30 Quando o Telefone Toca.
22.30 Mensagens Biblicas.
23.20 Grandes Orquestras.
23.30 No mundo aconteceu.
02.00 A noite é nossa.
06.00 Diario rural.
07.00 Talismã.

Modulação de frequência

16.00 Noticiario
16.04 Programa CDC
16.02 O Nosso Programa.
19.04 Em Orbitra-1
21.02 Boa noite em FM.
22.05 Antiquario.
23.00 Noticiario, Clube à GO-GO (continuação).
00.02 Em Orbita-2.
01.02 Banda sonora Sonipol.
02.00 Perspectiva.
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiario.
16.05 Radiorama
18.00 Emissão 14.
18.23 Palavra do Dia. No final — Terço e benção da Basilica dos Martires.
19.00 (Jornal do serviço de noticiarios e reportagens de Radio Renascença).
19.30 Pagina 1.
21.04 Meditando.
21.08 Recordando o Padre Cruz.
21.15 Poente.
21.30 Curso de Língua Alemã.
21.45 Pentagrama.
22.00 Quando o Telefone Toca.
22.30 Esquema.
23.05 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofonico de Portugal
Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Radio Voz de Lisboa
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Radio Peninsular
Das 12.00 às 14.30

Radio Graça
Das 14.30 às 19.30

Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO J 1
TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (Telef 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Telef 886126)
ALVALADE
Líbia, Av da Igreja, 4-B (Telef 711681), **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Telef. 710621)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-B (Telef. 681515)
ARCO DO CEGO
Previdência, Rua D Filipa de Vilhena, 9-C (Telef. 770324).
AREEIRO
Lusitana, Av. de Roma 18-A (telef 725443). **Paes**, Rua Abade Faria, 22-A (Telef. 723965)
ARROIOS
Magalhães, Av Almirante Reis, 4-D (Telef 49479)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telef 310172)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telef. 638132)
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço, 69-C (Telef. 703697); **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Telef. 780841)
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297 (Telef 687475). **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Telef 683438)
CONDE BARÃO
Açoreana, Largo do Conde Barão, 2 (Telef 661330)
ESTEFÂNIA
Délio, Rua Açores, 32 (Telef. 52388)
ESTRELA
Linaida, Rua Ferreira Borges, 30 (Telef. 660955)
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (Telef 610280)
PENHA DE FRANÇA
Europa, Av General Roçadas, 27-A (Telef. 843880). **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Telef 844361)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berna, Avenida de Berna, 44-A (Telef 773568). **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (Telef 48966-553601)

TURNO J 2
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Telef 638256). **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Telef 634721)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, (a Praça Paiva Couceiro), 7-A (Telef 843571)
ANJOS
Antolin, Av Almirante Reis, 88-B (Telef. 821773)
AREEIRO
Marbel, Av de Roma 131-A (Telef 776235). **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 710331)
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176 (Telef. 362687)
BAIRRO DA LIBERDADE
Zénel, Rua A, 182 (Telef 651840)
BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220 (Telef. 321342-325553)
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (Telef. 782606)
CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua Maria Pia, 514 (Telef. 687949)
CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117, (Telef. 553308)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Telef. 869831)
ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada da Damaia, 64-C (Telef 702226)
ESTRELA
Neves, Rua da Bela Vista, 35 (Telef 661251)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 33-A (Telef 791131)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo (Telef 382470)
OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina), (Telef. 310581)
PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos), (Telf 832580)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelaria, 140-B (Telef. 720703-728395)
S. BENTO
Micael, Rua de S Bento, 380 (Telef. 662162)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sá da Bandeira, Rua Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (Telef 41961-54672)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. Antonio Granjo, 2 (Telef. 213161)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (Telef. 2435147)
OEIRAS
L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I-Lote 146-B. Janeiro (Telef. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740), **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, loja X-1-Rebolaria (Telef. 938424)
DAMAIA
D. João V., Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 970461)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **Simões Lopes**, R. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)
MEM MARTINS
Química, Est. Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Rainha D. Amelia, 20 (Telef. 980155)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (Telef. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)
BARREIRO
Pimenta, Rua Cons Joaquim Antonio de Aguiar, 259 (Telef. 2073012)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telef. 270356)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teofilo Braga, (Telef. 239025)
MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)
SEBIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETUBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Telef. 22783); **Bonfim**, Av. Rodrigues Manitto, 12 (Telef. 24558)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 50 (Telef. 2218580)

PORTO

7.º TURNO

SUB TURNO A

Alírio de Barros, Suc., Rua de Costa Cabral, 240; **Central**, Rua Santo António, 203; **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua de Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua de Monsanto, 148; **Ribeiro Júnior, Sucr.ª**, Rua Firmeza, 99-A.

SUB TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50; **Corujeira (da)**, R. S. Roque Lameira, 1473; **Couto**, L. S. Domingos, 106; **Lapa (da)**, R. Antero Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140.

COIMBRA

TURNO F

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Telef. 26046); **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (Telef. 23569); **Higiéne**, Rua Fernandes Tomaz, 41 (Telef. 22634)

cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Uma historia de amor brutal e comovente! A MANCHA DO PASSADO com Robert Mitchum, Branda Vaccaro e Jean-Michael Vincent
(Metro: Anjos)

CASINO ESTORIL (T. 264 21)
17.00 e 21.30
Grupo C (18 anos)
O PASSAGEIRO DA CHUVA com Marlene Jobert e Charles Bronson

CONDES (T. 322523 326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O pânico macabro dos segredos íntimos A NOITE DOS MIL OLHOS com Elizabeth Taylor e Laurence Harvey
Hoje: Estreia do documentário O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO As impolgantes imagens da libertação

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
8.ª Semana! Technicolor
«Um dos 10 melhores filmes do ano!»
«AMERICAN GRAFFIT» (Nova Geração) de George Lucas
24.00
Grupo C (18 anos)
Classicos a Meia-Noite
O ANJO AZUL de Joseph von Sternberg

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos) 3.ª semana!
A obra admirável! intacto. O filme de ALAN RESNAI com Emmanuelle Riva, Eijikokada e Bernard Fresson. «HIROSHIMA MEU AMOR»
A noite: Estreia do documentário O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO As impolgantes imagens da libertação

ROMA (T. 729192/727778)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Color-Scope
OS ACROBATAS DO CRIME com Serge Regian e Juliet Berto
Em complemento O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO com reportagem do 25 de Abril e 1 de Maio

EUROPA (Tele. 66 10 16)
15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
3.ª Semana! Technicolor
Giuliano Gemma e Bud Spencer
ATÉ OS ANJOS COMEM FEIJÕES

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Color
O ENIGMA DA CADEIRA DE RODAS com Jean-Claude Brialy e Catherine Spaak
Em complemento O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO com reportagem do 2 de Abril e 1 de Maio
Amanhã
00.30
Grupo C (18 anos)
Sessão especial para entrega de premios com o filme 40 ANOS DE AMOR PERIGOSA Portentoso desempenho de Liv Ullman

ALVALADE (T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O pânico macabro dos segredos íntimos ... A NOITE DOS MIL OLHOS com Elisabeth Taylor e Laurence Harvey
(Metro: Alvalade)

RESTELO (T. 610275)
21.30
Grupo B (10 anos)
Technicolor
O ASFALTO DA MORTE com Paul Newman

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15, 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana!
O CORAÇÃO DO POTEMKIN. A obra-prima de Serge Eisenstein
Em exibição: Reportagem colorida do 1.º de Maio
6.ª feira
18.30
Grupo C (14 anos)
Os Bons Velhos Tempos
LUZES DA CIDADE o melhor filme de Charlie Chaplin
(Metro Alameda)

ROYAL (T. 86 40 47)
15.00 e 21.00
Grupo C (18 anos)
A MULHER E O PATIFE Em complemento OS FILHOS DO DIABO

CINEARTE (T. 660446)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
4 SARGENTOS BOINAS VERDES e A SOLTEIRA E O ATREVIDO
(Diariamente dois filmes)

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
7.ª Semana! Eastmancolor
SEGREDOS PROIBIDOS, Jacqueline Bisset.
(Parque Castil)

BERNA (Tel. 77 60 98)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
22.ª Semana! Technicolor
Todd - AO 35
O filme de Norman Jewison
JESUS CRISTO SUPERSTAR

POLITEAMA (T. 32 60)
21.4
Grupo C (14 anos)
Estreia Color
O BRAÇO VIOLENTO DO KUNG FU com Chiu Sang e Liu Cheng Em complemento O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO com reportagem do 2 de Abril e 1 de Maio
15.1 e 18.1
Grupo C (14 anos)
O AFILHADO DO PADRINHO
6.ª feira
00.30
Grupo C (18 anos)
Ciclo Terror a Meia-Noite
Colorido
O LOBO HUMANO
Sabado
A FILHA DO TERROR

ESTÚDIO 444 (T. 77 90 95)
15.30, 18.30 e 21.45
31.ª Semana! Eastmancolor
Grupo D (18 anos)
«O PORTEIRO» com Bernard Le Coq.
Em complemento O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO com reportagem do 25 de Abril e 1 de Maio
6.ª feira Sabado
00.30
Grupo C (18 anos)
Cinema Fora de Horas
PRAZERES DE VAMPIRA

PATHÉ (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Colorido
Os amigos que não traiam ... e os seus colts! MUITO NOVO PARA MATAR com John Marley, B.J. Thomas e Robby Benson
(Metro: Arroios)

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Colorido
Uma comedia brejeira que é de gritos PARA MIM AS MULHERES ... NEM FU NEM FA com o famoso cantor Peret

ESTÚDIO (T. 55 51 34/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
Um filme de Galuber Rocha
«TERRA EM TRANSE»
(Metro: Alameda)

MONUMENTAL (T. 55 51 31)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
A obra máxima de Charlie Chaplin «O GRANDE DITADOR»
Em exibição reportagem colorida do 1 de Maio
Amanhã
Quinzena Mafia
18.30
Grupo D (18 anos)
O FILME A VERGONHA um filme de Lamberto Lamiani com Claudia Cardinale e Franco Nero

AVIZ (T. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana! Eastmancolor
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES Yola e Artur Semedo
Em complemento O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO com reportagem do 25 de Abril e 1 de Maio

SATÉLITE (T. 56 26 32)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
Maria do Céu Guerra, João Mota e Zita Duarte «O MAL-AMADO»
Realização de Fernando Matos Silva.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
4.ª Semana! Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (The Sting) premiado com 7 Oscares incluindo o do melhor filme e do melhor realizador.

EDEN (T. 320768)
15.30 18.30 e 21.4
Grupo C (14 anos)
Susan Scott e Simon Andrev A TESTEMUNHA INCONSCIENTE
Em complemento O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO com reportagem do 2 de Abril e 1 de Maio

S. JORGE (T. 54154)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana!
Em versão integral. O celebre filme de Ken Russell TCHAIKOWSKY DELIRIO DE AMOR (THE MUSIC LOVERS) com Glenda Jackson e Richard Chamberlain

VOX (T. 72 08 08)
15.15, 18.30 e 21.45
2.ª Semana!
Grupo D (18 anos)
«DOIS HOMENS NA CIDADE»
Alain Delon e Jean Gabin

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«O Mar»
CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Tice e o Inspector»
MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«A Pedra no Sapato»
MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Calar
COMUNA
21.45 (18 anos)
«A Ceia 2
ABC
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com Parra Nova»
VILLARET
21.45 (18 anos)
«A Dama de Copas e o Rei de Cuba»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«A Aventura de Darwin»
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«O Dragão Ataca»
JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
A Ilha do Terror
CINEMA MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
Cleopatra Jones
SACAVEM S Jose
21.00 (18 anos)
Os Revoltados do Cano
ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (18 anos)
Os Amántes
PARIS
21.00 (18 anos)
Até ao Amanhecer

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Um buraco no coreto»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«A morte e mulher»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«O barão vermelho»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (10 anos)
«Os malucos do estadio»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«O passageiro da chuva»
ESTORIL
Esplanada
21.30 (6 anos)
«Os dominadores»
CASCAIS
S. Jose
21.30 (18 anos)
A Lenda da Casa Assombrada

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«A vingança de Django»
QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«Com a minha mulher não»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«A mulher de azul»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
O Crocolilo

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Uma Rosa ao Pequeno Almoço»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«A Golpada»
JÚLIO DINIS
21.30 (10 anos)
«Vamos a Isto Rapazes»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
Uma Historia Perversa
BATALHA
21.30 (18 anos)
«A Charada da Morte»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Nosso Amor de Ontem»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«O Monte dos Vnedavais»
ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«Aguirre o Aventureiro»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«As 14 amazonas»
VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Paixão Cigana»
CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
Os Malucos da Caserna e A Papoila Tambem e Uma For
COLISEU
21.30 (10 anos)
«Chega-lhe Amigo»
RIVOLI
21.30 (14 anos)
O Magnifico

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Cerimónia Solene»
TIVOLI
21.30 (18 anos)
O Profissional»
AVENIDA
21.00 (18 anos)
Chantagem
SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
Ate a Maternidade

EXPOSIÇÕES

ARTE MODERNA — Pintura de Alberto Carneiro (das 14 às 20 h.).

BELAS ARTES — Pintures de Maria Emília Barbosa Viana.

BÜCHHOLZ — Trabalhos de Henrique Manuel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

CASINO ESTORIL — Trabalhos do «Grupo 5» (das 15 às 3 h).

DA VINCI - Pintura de Zal.

DINASTIA — «Nove Pintores de Paris» (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

DIPROVE Pinturas de Teresa Arriaga (das 15 as 21 h)

FOTO CLUBE 6X6 — Fotografia artística de Pedro Foyos (das 12 e 30 às 24 h, às 3.as e 6.as feiras).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Trabalhos de Etienne Hajdu (das 10 às 20 h).

GALERIA 111 — Pintura da Lindström (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GRAFIL — Objectos e guaches de Vítor Belém (Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 h; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

INTERIOR — Tapeçarias de Charrua (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de José Vaz Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

PALÁCIO FOZ — Pinturas de Manuela de Menezes.

PRISMA 73 — Trabalhos de Garizo do Carmo (das 15 às 20 h. excepto domingos e às quartas-feiras das 15 às 24 h).

QUADRANTE Fotografias de Jose Nogueira (as 13 e das 15 as 19 h)

RUMO — Esculturas de Chissano.

S. MAMEDE — Pintura e escultura de Charters de Almeida (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

TÁVOLA — Aguarelas de Le Corbusier (das 11 às 20 h).

BARS BOITES

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**
Zorina, vedeta inglesa de «sexy»

CASINO ESTORIL - Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. **T. 229189.**

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **T. 320164.**

TAMILA - Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO - Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE:
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 2363
LISBOA-PORTUGAL

A QUEM INTERESSA O TÚMULO DE DELGADO?

O túmulo do general Humberto Delgado, em Villanueva del Fresno (Badajoz), foi visitado por um grupo de desconhecidos falando português, revela o diário madrileno «ABC». A cena ocorreu há dez dias. Os desconhecidos tomaram as medidas do nicho mortuário, na presença da mulher do guarda do cemitério, a quem perguntaram como estava tapado o nicho. Tendo-lhes sido dito que era «com ladrilhos e argamassa», mostraram satisfação. Partiram depois, num carro negro em direcção a Portugal.

O guarda do cemitério avisou a Guarda Civil espanhola. Acrescenta o «ABC» que «as autoridades locais parecem temer que tão estranha visita corresponda a uma possível tentativa de se apoderarem fraudulentamente dos restos do general português».

Novo Conselho de Redacção de "O Século"

Os componentes da Redacção do matutino «O Século», que ontem retomou a publicação após a paralisação de alguns dias, elegeram novo Conselho de Redacção, que ficou constituído pelo jornalistas Joaquim Benite, Jorge Feio, Fernando Baião, João Corregedor e Urbano Tavares Rodrigues.

..Ao Conselho de Redacção de «O Século» competirá, segundo documento aprovado em reunião plenária no passado dia 3, assegurar uma informação livre, isenta, objectiva e verdadeira, de acordo com o esforço de democratização do País.

..O anterior Conselho de Redacção de «O Século», demitira-se no passado dia 9, com fundamento nas razões expostas no seguinte comunicado:

. *O Conselho de Redacção de «O Século», em divergência com os métodos seguidos pela reunião geral dos trabalhadores de «O Século», mas não desejando de modo algum entravar ou perturbar o processo de luta desenvolvido pelos seus camaradas de trabalho;*

. *garantindo os seus membros, a título individual, a participação nos futuros trabalhos colectivos dos trabalhadores da empresa;*

. *fazendo ardentes votos da unidade de todos os camaradas;*

. *confiando na vitória da luta dos trabalhadores portugueses;*

. *demite-se das suas funções a partir de hoje, 9 de Maio de 1974. a) Roby Amorim, Joaquim Benite, Jorge Feio e Adelino Tavares da Silva.*

..A Redacção do matutino considera que, embora o processo reivindicativo em curso ainda não tenha terminado, estão já criadas condições para que o novo Conselho de Redacção possa exercer a sua missão «sem entraves de qualquer ordem».

AGENTE DA JUDICIÁRIA DETIDO

Foi detido pela Polícia Militar o agente da Secção Central da Polícia Judiciária, Henrique Parente, que pertencia a uma das brigadas externas daquele departamento. O referido agente era elemento activo do serviço de informação da extinta Legião Portuguesa.

REUNIÃO DE COMERCIANTES

Convocada por um grupo de lojistas da Avenida Almirante Reis, realiza-se, hoje, às 21.30, no Teatro Laura Alves, uma reunião para discussão dos problemas da Caixa dos Comerciantes.

DL / NACIONAL

INDÚSTRIA TÊXTIL E DE LANIFÍCIOS

De duas reuniões depende a greve geral nos dois sectores

. Estão em greve 20 mil trabalhadores da indústria de lanifícios, cerca de 4/5 dos efectivos totais da indústria. O movimento atinge os centros de Lisboa, Covilhã, Minde, Mira de Aire, Castanheira de Pêra e Porto. A paralisação não atingiu ainda a zona de Gouveia, embora os operários estejam inteiramente solidários com a reivindicação dos seus camaradas.

O movimento estendeu-se já a diversas fábricas do sector têxtil algodoeiro. Em Lisboa, a Etrofil teve uma greve de dois dias, estando actualmente paralisadas as empresas Simões e Sedas e Veludos. Na zona do Porto há, pelo menos, quatro empresas em greve, entre as quais a E.F.N. (Senhora da Hora), com 2 mil operários, a quarta maior do País. Desde a semana passada que se verificam movimentos reivindicativos e concentrações de trabalhadores.

Quais as reivindicações dos trabalhadores? Os dos lanifícios exigem um aumento imediato de mil escudos para todos. Os dos têxteis algodoeiros a equiparação à tabela salarial dos lanifícios e mil escudos mais. Nos lanifícios o salário-base é de 2400 escudos, o salário médio de 3200. Nos têxteis são mais baixos: cerca de 1400 escudos os mais baixos, 2900 o salário médio.

Afirmam os sindicalistas que se trata dos mais baixos salários industriais do País e de reivindicações absolutamente justas e plenamente comportáveis pela indústria. Em 1973, o valor líquido acrescentado de 1973 transitou em 30 por cento para salários e 70 por cento para capitais e impostos — o inverso do que se verifica noutros países de estrutura económica capitalista. Hoje efectuar-se-á uma reunião entre representantes dos sindicatos dos lanifícios e o respectivo grémio, decorrendo amanhã reunião idêntica entre os sindicatos dos têxteis de algodão e a entidade gremial. Se nestas reuniões não se chegar a acordo a greve poderá então estender-se a 200 mil trabalhadores.

Os sindicatos dos lanifícios fazem questão de esclarecer que não há agitadores estranhos à profissão a intervir nos acontecimentos, que são inteiramente conduzidos pelos sindicalistas e trabalhadores de uma maneira geral a exercerem a sua actividade no sector. Há, isso sim, uma luta que se pode classificar de mais aguerrida por parte dos trabalhadores mais mal pagos, que não estão dispostos a ceder nas suas reivindicações, o que é perfeitamente compreensível.

HOJE NA LISNAVE

SÓ DUAS HORAS DE TRABALHO

Cinco mil trabalhadores da Lisnave, na Margueira, concentraram-se ontem a partir das 14 horas numa manifestação de apoio à comissão dos seus representantes que se encontrava reunida em conversações com a administração da empresa a fim de serem resolvidas as suas reivindicações fundamentais.

A comissão de pessoal, constituída por 42 elementos representativos de todos os sectores do estaleiro exige em nome dos trabalhadores um salário mínimo de 7800$00 e 40 horas de trabalho semanal. Perante a recusa da administração em satisfazer essas exigências, os trabalhadores mantiverem-se durante toda a noite reunidos como sinal de protesto.

Todavia, apesar da situação ainda não estar resolvida, os operários das oficinas e o pessoal do sector administrativo decidiram esta manhã retomar o trabalho durante um período de duas horas evitando assim um confronto de greve total e declarada.

Entretanto a comissão continua em conversações com a administração da Lisnave.

CONTINUA A GREVE NAS MINAS DA PANASQUEIRA

A greve continua nas Minas da Panasqueira, em virtude de a companhia ainda não ter satisfeito a reivindicação salarial dos trabalhadores.

À pretensão dos mineiros, de auferirem 6 mil escudos de ordenado mínimo, a administração respondeu com uma contraproposta que não ia além dos 4 contos mensais, o que fica manifestamente abaixo das necessidades dos trabalhadores, que estão na base da sua reivindicação.

O delegado da Junta de Salvação Nacional, nas palavras que dirigiu aos mineiros, pediu que continuassem a manter o civismo demonstrado até agora.

NA FIRESTONE:

As negociações continuam

Continuavam esta manhã, nas instalações de Alcochete, as negociações entre a administração da Firestone Portuguesa e a comissão dos trabalhadores da empresa. Segundo um comunicado desta comissão, os contactos decorrem **«no melhor ambiente de cordialidade, compreensão e entendimento»**, no sentido de dar solução às reivindicações dos trabalhadores que **«pretendem, muito resumidamente** — citamos o comunicado — **um salutar saneamento da empresa, tendente a uma melhoria de serviços a todos os níveis e em todos os sectores, bem como revisões de natureza salarial»**.

A Firestone encontra-se totalmente paralisada desde segunda-feira. O movimento iniciou-se cerca das 20 horas e abrange todas as instalações da Firestone: os serviços administrativos da R. Bramcamp, a fábrica (em Alcochete), as delegações de Lisboa (av. Infante Santo) do Porto e Coimbra, o sector de recauchutagem (Cabo Ruivo), a «Auto Santa Marta», o posto de Sacavém, o departamento de quilometragem (junto da Carris) e a «Laborim» (recauchutagem do Porto). E durará até à demissão de três elementos da administração: drs. Paulino Gomes Jr., director do pessoal, Oscar L. Bertone director fabril, e Reimão Nogueira, presidente do conselho de administração da Firestone Portuguesa. Na segunda-feira, as longas conversações tidas entre a administração e uma comissão dos trabalhadores mostraram-se infrutíveras, passando-se então à paralisação do trabalho.

A situação na Sociedade Estoril

Continuação da pág 1

brando bilhetes nem nas estações nem nos combóios em trânsito, processo que decidiram manter até verem satisfeita a sua pretensão.

NA EDUARDO JORGE

Também nos autocarros da empresa Eduardo Jorge não se cobram desde ontem bilhetes aos passageiros. Os trabalhadores reivindicam salários de 6 contos para os motoristas e 5500$00 para os cobradores, que ainda não foram satisfeitas. Os seus ordenados actuais são respectivamente de 4350$00 e 3750$00.

O pessoal de movimento da empresa João Cândido Belo utilizou ontem idêntico processo, conseguindo aumentos de 1500$00.

Outras reivindicações apresentadas pelo pessoal da empresa estão a ser negociadas com a administração.

NOTAS VÁRIAS

CRIANÇAS INTOXICADAS (UMA MORTA)

Uma criança morreu e dois jovens ficaram em estado grave, em consequência de uma intoxicação por anidrido carbónico, proveniente de um fogareiro de carvão que se encontrava no quarto onde dormiam, enquanto os pais se encontravam no trabalho. O drama desenrolou-se no Alto da Ajuda, num rés-do-chão do Bairro Salazar, onde os bombeiros, chamados pelos vizinhos, alertados pelo fumo estranho que saía de uma frincha da janela, encontraram o cadáver da pequena Judite Pereira de Freitas, de 10 anos, e ao lado, inanimados, o seu irmão Manuel Pereira Freitas, de 13 anos, e o amigo Rui Manuel de 13 anos. Os dois irmãos são filhos de Camilo Marques Freitas e de Maria Rosa Pereira.

PREVIDÊNCIA DO PORTO

Defronte do Quartel General desta cidade um grupo de trabalhadores da Previdência vão manifestar-se ao fim da tarde de hoje pela demissão imediata das direcções da Caixa de Previdência do Distrito do Porto.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

7.129 — 3.150.000$00
15.471 — 350.000$00
5.696 — 175.000$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºS. PRÉMIOS

7.128 — 13.335$00
7.130 — 13.335$00

PRÉMIOS DE 14 CONTOS

2.072; 2.635; 3.916; 6.711; 7.398; 8.618; 8.632; 10.029; 15.226; 18.415; 22.477; 24.694; 30.806; 32.238; 33.267; 34.335; 34.562; 34.814; 36.722; 40.191; 40.673; 42.200; 45.940; 47.616; 48.518; 49.657 e 49.736;

PRÉMIOS DE 280$00 (CENTENAS)

5.601 a 5.700; 7.101 a 7.200 e 15.401 a 15.500.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 089 são contemplados com 770$00, no bilhete de cada uma das duas séries da emissão e os terminados em 161, 671, 694, 836 ou 935, são contemplados com 560$00. Por sua vez os números cujos dois algarismos finais sejam 50, 78 ou 90 são contemplados com 350$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 9 têm direito a 210$00, de prémio, também nos bilhetes de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 350 contos dos dois 3.ºs Prémios foram distribuídos aos balcões da Casa da Sorte

SUPLEMENTO LITERÁRIO

AS BATALHAS QUE NÓS PERDEMOS - de Natália Nunes

AS BATALHAS QUE NÓS PERDEMOS OU ANTES A BATALHA QUE NÓS VENCEMOS

Este artigo de Fernando Luso Soares sobre Natália Nunes deveria ter sido publicado em 25 de Abril. Não o foi. Curiosamente, aliás. Não era dia para se falar em «batalhas perdidas», já que 25 de Abril foi dia de «batalha vencida». Todavia, o texto continua a valer como uma advertência vigilante. Não seja o imobilismo que nos frustre a vitória e o futuro.

Natália Nunes

Há intervenções e interpretações, teorias e teorias, formas e formas de escrever analiticamente. Tantas vezes, no entanto, a teoria elaborada pelo ensaista representa um voo aquilino e surpreendente do objecto teorizado, mas tão alto ou tão derivado, que já se distancia a ponto de se perder como teoria específica daquele mesmo objecto. Isto, porém, é o que de modo nenhum acontece no caso de Natália Nunes.

Terminada a leitura deste livro **As batalhas que nós perdemos,** ficamos a pensar nesta qualidade muito particular da sua autora. Nem no mínimo grau ela força o objecto ao seu desígnio demonstrativo. As teorias que desenha como interpretativas de Augusto Abelaira, de José Cardoso Pires e de Raul Brandão (nelas fundamentalmente se cifra o livro de Natália Nunes) situam-se tão acercadamente demonstrativas dos seus objectos próprios, que esses ensaios de **As batalhas que nós perdemos** revestem-se de todo um ar de verdadeiro **documentário crítico** das obras daqueles autores.

Natália Nunes é uma escritora experiente de múltiplos sectores do escrever literatura. O memorialismo, a ficção em romance e em conto, a crónica e as traduções têm sido o domínio constante da sua prática. Todavia, na sua tábua bibliográfica não figurava o ensaismo crítico. Isto era assim, sem dúvida, se bem que lhe conhecessemos já algumas páginas de semelhante natureza, quer na revista «Vértice» (donde provêm dois estudos deste volume), quer em jornais diários, quer ainda na velha «Cronos» que eu orientei tão-bem-que mal há alguns anos. Aí, recordarei agora, Natália Nunes publicaria, em 1965, um excelente texto sobre aquele Dostoievsky que aliás lhe tem ocupado (e neste volume sobre crítica ocupa) boa parte das suas reflexões e análises: «Prefiguração de «O Grande Inquisidor» em uma novela de Dostoievsky».

Hoje, em conjunto harmónico, este seu primeiro livro de ensaios constitui uma relevante surpresa. A autora que me perdoe a afirmação assim feita. Sabia que Natália Nunes gozava de uma cultura actualizada, viva, ao serviço da sua inteligência no exercício compreensivo das manifestações mais modernas ou recentes da nossa literatura. Confesso, porém, que não tinha ainda medido exactamente a que ponto essa sua inteligência analítica e crítica era, enquanto ágil no entender, tão bem servida por uma maleável e envolvente informação.

Quem já leu os romances de Natália Nunes — seja **A Autobiografia de uma Mulher Romântica** (de 1955), seja o **Regresso ao Caos** (de 1961), seja ainda a **Assembleia de Mulheres** (de 1964) — terá logo encontrado uma ficcionista na posse plena de uma penetrantíssima faculdade de análise humana, de uma singular acuidade para surpreender e retratar as relações que se estabelecem complexamente entre o sensualismo e a cultura.

Natália Nunes vem conseguindo dar-nos este quadro particular da sua personalidade de escritora: — vem talvez porque a «escrita literária» em Natália Nunes já tenha em si alguma coisa de «escrita crítica» (penso por exemplo nesse agilíssimo romance que é **Assembleia de Mulheres**), talvez por isso mesmo me atreva a considerar que a sua prática experimentalista, ensaística, constitui um prolongamento da actividade da ficcionista que ela é. Mas entendamo-nos. Isso acontece, não porque a ficção de Natália Nunes seja ensaística naquele sentido que pode dizer-se próprio da ficção de Augusto Abelaira, mas antes porque ao lermos Natália Nunes-ensaista, melhor compreendemos a razão de ser (e de aparecer assim, como nos aparece) a estrutura dos seus livros de ficção.

Por outras palavras e antes de irmos adiante: — o rigor e a clareza do estilo crítico de Natália Nunes reflectem-se (mais decerto em **Assembleia de Mulheres** do que em **Autobiografia de uma Mulher Romântica,** por motivos de antecedência cronológica compreensível) na sua límpida, penetrante prosa de ficção.

Ao primeiro ensaio deste livro — As batalhas que nós perdemos», intitulado segundo uma significativa frase extraída de **A Cidade das Flores,** — lhe chamou Natália Nunes «ensaio de síntese crítica e de análise interpretativa da obra de Augusto Abelaira». E esta certo. Creio que em Portugal muito raramente se escrevem verdadeiros ensaios de análise literária já que — como dizia M. S. Lourenço no inquérito que o «Diário de Lisboa» promoveu em 1971 sobre a «nova crítica» posta em questão — a tendência entre nós é para promovermos a simples crítica à categoria de análise literária. Mas, isso é o que importa acentuar com veemência, os textos de Natália Nunes neste livro constituem, todos eles, verdadeiros ensaios na medida em que não se limitam a uma falaz produção imediatista de meros juízos de valor. Todos eles — desde aquele que tem por tema o geral da obra de Augusto Abelaira nas suas coordenadas fundamentais, como o que aprofunda **O Delfim** de José Cardoso Pires nos seus elementos simbólicos, como ainda o que discreteia sobre o metafisismo idealizante de **Humus** de Raul Brandão — todos eles, dizia eu, se arvoram, se organizam e se estruturam em linhas particulares de uma teoria.

Evidente é que Natália Nunes opera segundo os parâmetros de um método. Do seu método, seja para a descoberta de como em Abelaira se instaura um cepticismo crítico, seja para desvendar a meta poética jacente no citado romance de Cardoso Pires, seja ainda para identificar o referido metafisismo de Raul Brandão. Aí temos a presença de Bachelard, da sua contraposição estabelecida entre a «imaginação formal» ou de cultura — que a ensaista cita (ou não cita) expressamente, mas que segue a propósito de Abelaira (o que se pode, por exemplo, ver a págs. 86 e segs), de José Cardoso Pires (designadamente a págs. 106) e de Raul Brandão (a pág. 153). Aí temos Freud e Jung, acerca dos quais a escritora diz com certa bonomia e louvável franqueza: — «Como não tenho conta aberta nos bancos da psicanálise, sinto-me de consciência limpa para pedir pequenos empréstimos a Freud e a Jung, a fim de poder falar depois mais livremente (por exemplo) da meta poética a extrair de toda a simbólica e de todas as vivências do imaginário exibidas em **O Delfim**».

Processos de psicoanalismo e de referenciação simbólica estão presentes, sem dúvida, em Natália Nunes — mas acima de tudo, e em síntese, o que está presente nesta escritora é uma rara acuidade para se servir de todos os dados da cultura e da ciência moderna ao seu dispor, tirando e oferecendo à usufruição do leitor as linhas de um edifício interpretativo capaz de seguros e proficientes efeitos.

Abelaira, Cardoso Pires e Raul Brandão têm já merecido inteligentes e penetrantes estudos de Maria Alzira Barahona, Alexandre Pinheiro Torres, Nelly Novaes Coelho, Joaquim Namorado, Castelo Branco Chaves e outros. Isso é verdade. Mas não é menos verdade, e nisso reside o bom mérito deste livro **As batalhas que nós perdemos,** que Natália Nunes, seguindo o processo honestíssimo de nunca fugir a citar e a referenciar as opiniões e as teses alheias, nos torna possível o controlo e a verificação da sua originalidade crítica e dos seus contributos para o estudo destes autores, que elegeu como temas particulares, concretos, da sua análise literária.

Tão rico é de pormenores ensaísticos este seu livro que seria estulto, pretensioso e arrojado de imprudência, tentar no espaço curtíssimo de uma recensão de jornal dar saliência particular aos múltiplos aspectos daquela originalidade e daqueles contributos. Sendo assim, limitar-me-ei a advertir a atenção do leitor para laguns pontos que me parecem chave.

Por exemplo, quanto a Augusto Abelaira, a sua tese (discutível decerto, mas sustentável), que o romancista-ensaístico de **Bolor** e de **Enseada Amena** não ser um verdadeiro neo-realista (págs. 25). Quanto ao mesmo Abelaira, a tese de um seu supra-individualismo potencial (págs. 60). E o problema das relações entre a ataraxia em política e o «desgosto» na vida erótica que a ficção abelairiana patenteia com particular significação (págs. 75 e 79). Tudo com o remate da questão certeiramente posta na págs. 55 — uma teoria do nosso imobilismo — o que não resisto a transcrever.

Escreve Natália Nunes, neste teor: — «Aos que perguntam por que não surgiu ainda entre nós um grande romance, uma grande epopeia dramática que traduza este drama real do nosso indeferentismo e imobilismo — o drama das «batalhas que nós perdemos» — não só através de uma consciencialização teorética, mas precisamente de uma anedótica colorida, urdida com o acontecer das realidades quotidianas, verdadeiramente vividas entre o desejo e o sonho, podemos fazer outra pergunta: se não será essa ataraxia o sintoma mais aparente da inibição de uma respiração de largo fôlego e de uma imaginação desenvolta, e se a obra máxima que tal estado pode permitir não é, afinal, uma reflexão como esta de Abelaira, verificação dolorosa e solipsística da sua própria realidade? (...). Ocorre portanto perguntar se o fraco dinamismo aparente dos romances de Augusto Abelaira, se essa ausência de experiências e de personagens autenticamente diferentes, se essa predominância da dialéctica «numa cabeça», não resultará também da grande **inibição** que infunde na consciência do próprio narrador — de todos os nossos narradores — um ingente esforço de racionalização dessa mesma indecisão, o qual, em última análise, já nem será de todo consciente? Talvez se encontrem aqui as origens mais profundas das tais «iluminações que esclarecem e obscurecem».

Quanto a José Cardoso Pires, analisando a meta poética de **O Delfim,** Natália Nunes parte da técnica do romancista escancarando perante o leitor a revelação de como faz o seu romance («assim como os actores ajudam a montar os cenários, no palco, à vista dos espectadores»), para se debruçar após sobre o seu processo criador segundo uma dialéctica do «eu» e do «inconsciente» inspirada em Jung. Centrada na análise da **lagoa** (confluência para-simbólica do entrecho romanesco) Natália Nunes interroga-se então a págs. 107: — «Quais as valências simbólicas desta **lagoa?** Que ela é significante na infra-estrutura económica em que se apoia ou integra o romance, é evidente: há uma questão de velhos direitos senhoriais de pescaria e de caçadas nas suas margens, depois um problema de colectivização desses direitos. A referência a uma estrutura económico-social subdesenvolvida, explícita em toda a ambiência de exterior deste romance, pertence ao «dissertar da acção», onde se insere, certamente, uma crítica; mas não constitui, em última análise, parte relevante dessa acção. Tal referência é apenas uma das muitas coordenadas, uma das voltas do «ouro fio» com que o autor tece «eclecticamente» a filigrana do bem e do mal, da «physis» e da «psique» que conformam o mundo dos homens, das mulheres, dos animais e das águas jazentes».

A lagoa mostra-se-nos portanto como um símbolo de morte e de aniquilamento onde as personagens da história põem remate aos seus dilemas. Invocando Bachelard, esta massa de água jazente constitui, como diria o filósofo, «materia de desespero».

Finalmente Natália Nunes debruça-se sobre Raul Brandão. E parte desta acentuada ideia a págs. 127: — «Raul Brandão é um escritor filosofante, razão pela qual talvez, apesar do seu valor, não seja um e s c r i t o r muito conhecido. Os portugueses, em matéria de l i t e r a t u r a, c o m p r a z e m-s e sobretudo no «jogo das formas» ou então no «movimento rectilíneo de superfície» e «nos caminhos luminosos da objectividade» como diz Aquilino Ribeiro». Depois a ensaista desbrava os meandros do metafisismo e do onirismo brandoniano. E Bacherald é mais uma vez o seu poderoso indicador. Pelo que, em consequência, escreve: — «Tentarei descobrir qual é a **substância fundamental** do onirismo brandoniano, pois também, segundo Bachelard, o «nosso espaço onírico tem sempre um coeficiente central» e «há uma lei dos quatro elementos que classifica as diversas imaginações materiais conforme se ligam ao fogo, ao ar, à água e á terra».

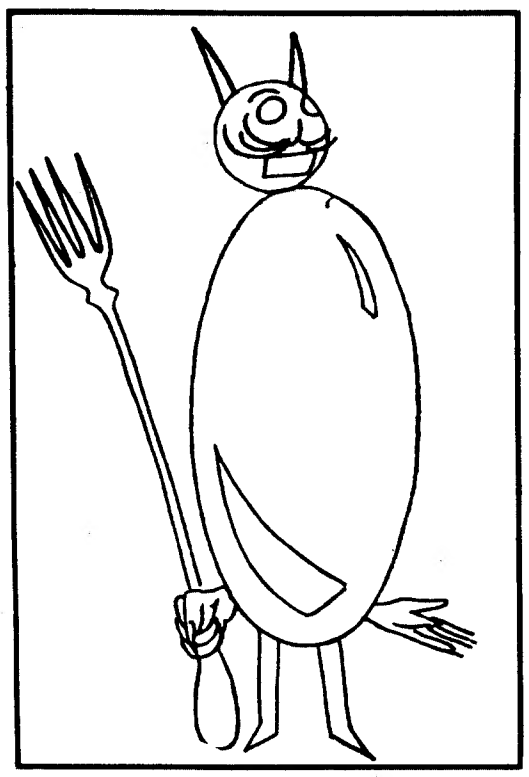
Interrogando-se, posto isto, sobre a que elemento estaria ligada a imaginação material de Raul Brandão, e fundamentando a sua convicção da existência de uma nítida predominância dos elementos **água** e **terra** na sua imagética, Natália Nunes constrói um caso notável de interpretação literária relativamente ao qual é de justo título advertir a atenção do leitor.

Só lamento que, como já disse, no espaço estreito deste artigo de jornal, eu esteja certamente a entravar a percepção completa deste excelente livro **As batalhas que nós perdemos**

4- DE SOBRE MEYERHOLD - II

MEYERHOLD VISTO POR...

AV. LUNATCHARSKY-Comissário do Povo para a Instru



MEYERHOLD-100 ANOS

O MAGO, O MÁGICO DO TEATRO-EINSTEIN.

Com estes artigos pretendemos lembrar, a propósito do centenário do seu nascimento, a importância de Meyerhold e das suas realizações para uma análise do teatro do Século XX. Essas realizações e a biografia de Meyerhold levantam alguns dos mais prementes e complexos problemas com que depararam os homens interessados na arte e na cultura 9o mesmo deverá se dizer, em breve, todos os homens). Limitamo-nos a abordá-los muito pela rama e muito esquematicamente, não apenas por falta de competência mas também por razões bem claras e por todos conhecidas: pela existência do Exame Prévio (o outro nome da Censura) que nos impedia de expressar com clareza e sem ambiguidades os problemas que nos interessam.

Eliminado esse obstáculo. embora subsistindo dentro de nós as escamas de uma autovigilância que vinte anos de escrita censurada criaram, não quero deixar de lembrar em duas palavras que a vida e a obra de Meyerhold estiveram intimamente ligados a um dos períodos mais exaltantes e mais controversos da história da humanidade. Uma e outra resumem, exemplarmente, a problemática do artista numa sociedade revolucionária. As perguntas aqui ficam aguardando um possível debate futuro:

— Em que medida uma sociedade em revolução exige uma arte revolucionária?

— Em que medida uma arte revolucionária pode integrar-se numa sociedade em revolução?

— Como fazer coexistir as necessidades da Revolução e as exigências de uma estética que deverá acompanhar essa Revolução?

— Ou, ainda, quando as forças trabalhadoras tomam conta do poder — qual a atitude justa dos artistas que sentem a necessidade de criar novas formas que sirvam novos conteúdos?

Sem dúvida nenhuma, o teatro de Meyerhold assumiu uma importância não apenas nacional, mas mesmo, em certos aspectos, mundial. Considerei sempre M. como um homem dotado de um espantoso talento de encenador, de imensos recursos e de uma grande imaginação. Por outro lado, como uma pessoa multifacetada, maleável, capaz de aprender rapidamente as circunstâncias do seu tempo, e não apenas de as sentir, mas também de reagir como respostas particularmente aptas a delimitar e explicar simultaneamente esse tempo.(...)

(...) Não seria difícil verificar sintomas aparentes e provas superficiais do facto do proletariado, sendo uma classe produtora livre de todo o sentimentalismo, etc., não pode impedir-se de alimentar simpatia por uma arte desse tipo. Não era difícil declarar demagogicamente que não apenas as formas de arte, incluindo as que são marcadas por uma grande qualidade, mas a própria arte, como tal, são fenómenos burgueses. Muitas pessoas acreditavam nisso.

Pela minha parte, nunca aceitei essa posição e, como crítico, neguei-a sempre, mas como representante do poder do Estado, naturalmente, não pus nunca nenhum obstáculo ao desenvolvimento do futurismo.

Em primeiro lugar, não compete ao Poder impedir artificiosamente a evolução das escolas artísticas, criadas pela própria vida. Todavia, o Comité central do nosso partido dizia então (1924) e muito justamente, que essa arte ruidosa e cintilante, com a sua condenação inteiramente consciente de qualquer reflexo sensato da realidade, não correspondia aos gostos autênticos aos verdadeiros interesses do proletariado. Nessa época, Meyerhold foi (talvez com Maiakovski) o representante mais genial dessa tendência e aquele que nessa via foi mais longe. O seu teatro continuava a linha de evolução. Já levantada na vanguarda, de um teatro «urbanista», «formalista», «jazzista», aparentemente emancipado, graças à revolução, do peso dos preconceitos burgueses; a tal ponto que tinha levantado a bandeira vermelha sobre a sua cúpula audaciosa e rutilante. Segundo a lógica interior do futurismo, os seus espectáculos teatrais deveriam distanciar-se tanto quanto possível dos sentimentos e das ideias. O futurismo pretendia combater esses «vícios burgueses». Não compreendia que, essencialmente, tratava-se da guerra de uma nova geração burguesa, absolutamente cínica, contra a geração dessa cultura, um pouco corrompida, mas complexa e multiforme, que distinguiu o «fim do século». Pelo contrário, o proletariado precisaria, em primeiro lugar, de uma arte próxima da realidade, capaz de lhe sugerir uma orientação; precisaria de um pensamento artístico profundo, um sentimento capaz de oferecer profundas emoções, muito próximas da paixão. (...)

As missões puramente revolucionárias que, de uma maneira geral, a nossa arte deve neste momento enfrentar podem ser assumidas na sua plenitude pelo teatro de Meyerhold, na viragem que neste momento sofre.

Devemos reconhecer no teatro de Meyerhold um produto original da nossa revolução de que podemos saborear os frutos, mas sem esquecer nunca que esse teatro tem para nós um grande interesse na medida em que testemunha o desenvolvimento histórico da arte revolucionária.

... bertold brecht
dramaturgo, encenador

O teatro burguês atingiu os seus limites.

Carácter progressista do método de Stanislavski:

1. E um método.
2. Conhecimento mais profundo do homem, do seu foro íntimo.
3. As contradições psicológicas podem ser representadas (abandono das categorias morais do «bem» e do «mal»).
4. Ter em conta as influências do meio.
5. Tolerância.
6. Carácter natural da representação.

(Carácter progressista) do método de Vakhtangov:

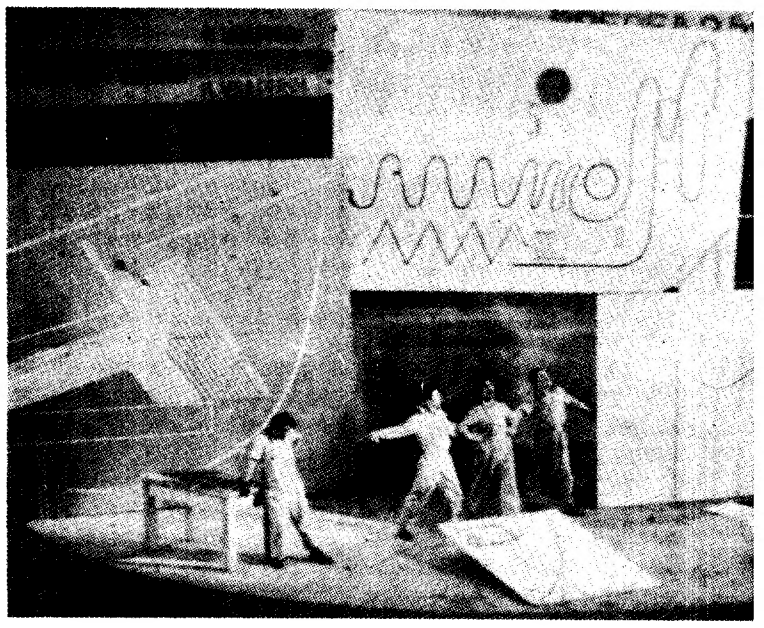
1. O teatro é o teatro.
2. O «como» no lugar do «quê».
3. Mais composição.
4. Mais invenção e imaginação.

(Carácter progressista) do método de Meyerhold:

1. Combate o foro íntimo.
2. Coloca a tónica no ofício.
3. O movimento considerado na sua mecânica.
4. O meio na sua abstracção.

Stanislavski e Meyerhold juntam-se em Makhtangov que os recebe como termos contraditórios, dando ao mesmo tempo mais espaço à representação. Comparados com Vakhtangov, Meyerhold luta, Stanislavski vagueia; este fornece uma imitação, aquele uma abstracção da vida. (...)

(Ecrits sur le Théâtre)
Constantin Stanislavski (actor-encenador)



Neste período de dúvidas e investigações, encontrei V. E. Meyerhold, antigo aluno do Teatro de Arte de Moscovo. Quatro anos após a fundação deste, M. tinha-nos deixado para ir para a província. Aí tinha reunido um grupo com o qual procurava uma arte mais nova, mais de acordo com o espírito moderno. Enquanto eu tinha apenas aspirações, M. parecia ter já encontrado caminhos e processos novos. Não tinha podido experimentá-los plenamente, por razões e por insuficiências dos actores. Precisava desse homem. Resolvi ajudá-lo a continuar as suas experiências que, sob mais do que um aspecto, pareciam corresponder aos meus desejos. (...)

Em resumo, o **credo** do novo Estúdio reduzia-se a isto: o realismo pertence ao passado. Chegou a altura de levar à cena o irreal. E necessário representar a vida não como ela é de facto, mas tal como o artista a pressente através dos seus sonhos e visões, nos momentos de inspiração. E necessário traduzir cenicamente essa visão dos seres e das coisas, como fazem os pintores, os músicos e os jovens poetas das novas escolas. As suas obras não têm limites claros e precisos, melodias acabadas, pensamentos claramente formulados. A força da arte dramática consistiria numa combinação, numa harmonia de cores, de linhas, de sons e de assonâncias que criam uma impressão geral, que agem inconscientemente sobre o espectador.

Meyerhold falava com «charme» e com espírito dos seus sonhos e das suas aspirações. Encontrava fórmulas felizes. Compreendi por cartas e por relatórios verbais que estávamos no fundo de acordo e que procurávamos aquilo que outras artes já tinham encontrado mas que ainda não conseguiamos aplicar na nossa.

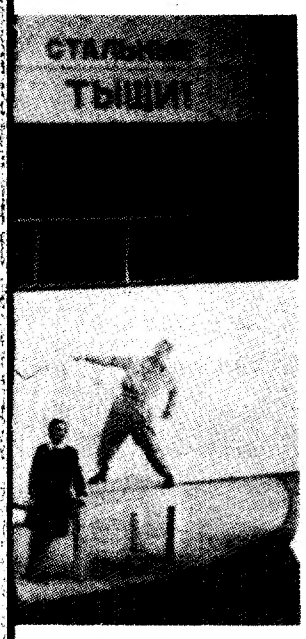
No Outono voltei a Moscovo. Vi então o resultado do trabalho feito, não peças inteiras mas cenas isoladas, as mais características da nova tendência. Tinham muitas coisas interessantes, inesperadas, novas, muita invenção e muitos achados.

Acompanhei essa amostra com o mais vivo interesse e fiquei tranquilo. Por fim, realizou-se o ensaio geral de várias peças em um acto de autores diversos. Tudo se explicou. Estes jovens actores sem experiência tinham conseguido comover-me quando apresentavam fragmentos de obras, assistidos por um encenador de talento; mas quando foi necessário representar peças inteiras, pesadas de senso interior, subtis, e ainda por cima, sob uma forma convencional, os actores inexperientes revelavam a sua incapacidade. Entre as mãos de um homem de talento que cobria os seus erros, não eram mais do que barro em que era possível modelar belos conjuntos, encenações, com a ajuda dos quais Meyerhold exprimia engenhosamente as suas próprias ideias. A falta de preparação técnica do grupo não lhe permitia ir além de uma demonstração do seu pensamento, dos seus princípios e das suas investigações. Não tendo actores capazes de lhes insuflar vida, tudo isso se reduzia a uma teoria abstracta, a uma fórmula. Pude uma vez mais convencer-me do abismo que separa os sonhos de um encenador e a sua realização e a que ponto o teatro tem em primeiro lugar necessidade de actores novos senhores de uma técnica nova. (Ma Vie dans l'Art) **vito pantolfi** (historiador-crítico).

Se, como fenómeno cultural, Meyerhold é puramente russo, pela sua actividade teatral, pelo contrário aparece como um sintoma tipicamente europeu, derradeiro exemplo de sincretismo (mais do que de sintetismo), cristalização de experiências seculares, reflexo de uma civilização que se encontra com a revolução de Outubro. E o resultado definitivo de diversos processos culturais e teatrais: perante ele, pergunta-nos o que será possível acrescentar. Porque na verdade, com Meyerhold, parecem atingir a sua totalidade a arte reflectida e não espontânea, o predomínio das intenções **a piori** sobre a natureza artística, o gosto da arqueologia, a recusa oposta à verdade da vida; parecendo que com ele culmina uma época onde se ostentava a consciência, direi quase erudita, de seus próprios meios e dos seus próprios fins artísticos. Das suas encenações de Maerterlinck às de Maiakovski, Meyerhold cede a essas solicitações; é aí que reside a sua continuidade. Com efeito, na origem de cada um dos seus trabalhos, não descobrimos causas estranhas à ar-

Carlos Porto

ção Pública em 1917



mas o seu temperamento, prazer quase físico que ele n na criação, condicionado encialmente pela história teatro. E desta história, Meyerhold é certamente uma das ras multiformes, mais entosas, mais vivas. O que é frequentemente um jogo o, gratuito, ou batoteiro. a um dos seus passos pare- ser um desvio, mas deixa os indeléveis. Meyerhold ou-se o invejável privilégio representar durante dez s um grande país e grandes ntecimentos. Teve o mérito levar para a cena, e perante públicos mais vastos, o so- da cultura que lhe era con- porânea, de Blocke a Maia- ki, de Apollinaire a Picas- explorando cuidadosamen- todas as possibilidades do lo, todas as combinações síveis entre as formas do sado. (...) As concepções e realizações de M. tiveram papel preponderante na lução do teatro europeu te século. Basta dizer que eu exemplo inspirou Pisca- e com ele Brecht. M. foi rimeiro a libertar o teatro escória do naturalismo tan- como esteticismo e a inscre- o movimento dramático n contexto histórico inter- tado à luz do leninismo. stoire du Thèâtre — 3) **honov (director de um teatro so):**

Meyerhold era um homem il em contradições. Embora emos a sua obra, não pode- os deixar de a discutir. Era experimentador infatigável inevitavelmente, algumas suas experiências foram adas e outras fecundas. O maior erro constituiu em rea- r investigaçoões puramente mais, decadentes. Nem por o, a sua influência deixa de rmancecer sensível no teatro viético.

(Paul-Louis Mignon-Le tre eu U.R.S.S.)

BIBLIOGRAFIA

PAUL-LUIS MIGNON — «Le âtre em U.R.S.S. — Paris 1957
A.V. Lounatcharsky — «Théâtre et Révolution» Prefácio de Emile Copfermann — Maspério — Paris — 1971
VITO PANDOLFI — «Histoire du Théâtre» — 5 volum. — Marabout — Bruxelas — 1968
CONSTANTIN STANISLAVSKI — «Ma Vie dans l'Art — Librairie Théâtrele — Paris — 1950. «A Preparação do Actor» — Pref. Redondo Júnior — Arcádia — Lisboa
Bertold Brecht — Ecrits sulle Théâtre — L'Arche — Paris — 1972
ANTOINE VITEZ — «Le Théâtre en U.R.S.S.» — In «Histoire des Spectacles» — Gallimard — Paris — 1965
Angelo Maria Repellino — «Maiakovski et le Théâtre Russe d'Avant-garde» — L'Arche — Paris — 1965
ANDRÉ VEINSTEIN — «La Mise-en-Scène Théâtrela et sa codition esttétique» — Flammarion — «(!ª
Meyerhold — «Textos Teóricos» — 2 vols. — Pref. J.A. Hormigon — Comunicacion — Madrid
ODETTE ASLAN — L'Acteur au XXe. Siècle» — Seghers — Paris — 1974
Vários Autores — «Investigaciones sobre el Espacio Escenico» — Comuncacion — Madrid
V.O. TOPORKOV — «Stanislavsky dirige» — C.ª General Fabril Editora — Buenos Aires — 1961
GORCHAKOV — «Lecciones de Regsseur Vajtangof» — Quetzal — B. Aires — 1962
NEMIROVICH-DANCHENKO — «Mi Experiencia Teatral» — Futuro — B. Aires — 1959
Nina Gourfinkel — «Constantin Stanislavski» — L'Arche — Paris — 1955
JOSE HESSE — «Breve História del Teatro Sovietico» — ALIANZA — Madrid — 1971
MARC SLONIM — «El Teatro Ruso (Del Imperio a los Sovietes) — Ed. Universitária de Buenos Aires — 1965
GALINA TOLMACHEVA — «Creadores del Teatro Moderno» — Centurión — B. Aires — 1946
S. DHOMME — «La Mise-en-Scène (D'Antoine à Brecht)» — Nathan — Paris — 1959
NICOLAS EVREINOV — «El Teatro en la Vida» — Leviatán — B. Aires
BORIS ZAKHAVA — «Eugueni Vakhtangov et son école» — Editions de Moscou — 1973
Léon Moussinac — «História do Teatro — Bertrand — Lisboa
DENIS BABLET — «Le Décor de Théâtre» — C.N.R.S. — Paris — 1965
Joracy Camargo — «História do Teatro Soviético» — Rio de Janeiro
Redondo Junior — «O teatrao e a sua Estética» — Arcádia — Lisboa. «Pano de Ferro» — O Século — Lisboa
THEATRE QUARTEILY — Vol. I — n.º 2 — 1971
THEADRE POPULAIRE — n.º 21 — Novembro 1956
PARIS-THEATRE — n.º 144
TRAVAIL THEATRAL — n.º 1 — n.º 8

COMUNICADO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES

Recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«A direcção da Associação Portuguesa de Escritores, reunida em sessão extraordinária para apreciação do comunicado da Comissão de Cultura e Espectáculos do Movimento das Forças Armadas sobre a necessidade e urgência de «esclarecer e concretizar uma política cultural»; Considerando que directamente lhe respeita a proposta final da mesma comissão para que «todos os sectores da vida cultural se organizem e assumam perante o País as responsabilidades inerentes a uma normal vida cultural»; Mas estranhando, por outro lado, a maneira precipitada como se pretendeu constituir o grupo consultivo de individualidades cujos nomes foram publicados nos jornais, e no qual é permitido apontar flagrantes casos de oportunismo político que terão iludido o próprio Movimento das Forças Armadas; Decide: 1.º — Pôr-se à disposição da referida Comissão de Cultura e Espectáculos do M.F.A. e garantir total colaboração dentro dos princípios gerais estabelecidos no comunicado; 2.º — Designar desde já para os trabalhos de coordenação ou estudo considerados necessários para passar à prática as decisões da Comissão, os seguintes escritores; Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Velho da Costa, José Gomes Ferreira, Fernando Namora, José Cardoso Pires e José Saramago, ficando entendido que outros poderão vir a ser indicados sempre que as circunstâncias ou conveniências específicas o aconselhem; 3.º — Tornar claro que por nenhumas vias aceitará ser representada por quaisquer outras personalidades ou instituições, no sector da actividade literária, uma vez que reivindica total competência na matéria; 4.º — Significar, neste momento de reconstrução nacional que o País vive, que é inaceitável qualquer colaboração com entidades comprometidas com o antigo regime particularmente aqueles escritores que activa ou tacitamente serviram os interesses do fascismo; 5.º — Preparar a convocação de uma assembleia geral extraordinária para exame da nova situação política emergente da intervenção do Movimento das Forças Armadas, particularmente das responsabilidades que impedem sobre a Associação e sobre os escritores como criadores e cidadãos; e 6.º — Reafirmar que a Associação Portuguesa de Escritores é a única entidade que representa a classe, pela sua tradição progressista e democrática, bem patente na violenta destruição, em 1965, da Sociedade Portuguesa de Escritores, de que a actual Associação é legítima herdeira.»

JORGE LISTOPAD

FICHAS NA MESA

26 1 (FICHAS ZERO): Assim gostava de as chamar hoje: fichas zero. Mas o cabeçalho já está feito, diferentemente. Fichas zero, digo. Por várias razões. Uma delas: não se fala de espectáculos. Apenas vi um único, único, o **espectáculo espontâneo**, sabem. A definição de espectáculo espontâneo, feita «ad hoc»: esse que **acontece** e nunca mais **se repete** da mesma forma.

Para os outros espectáculos, mesmo os melhores, não tive paciência. Paciência! Fica para a próxima.

26.1.1 - Apesar de tudo, pensei repentinamente em teatro, numa peça. Mais uma vez foi o «Filopópolus» de Virgílio Martinho (vida **18 2**). Pensei na sua problemática aberta, nas palavras de Mercedes na 5.ª cena, que se identificam com as palavras-gritos do espectáculo espontâneo do dia 25. Oxalá que o espectáculo espontâneo acabe diferentemente.

Em todo o caso, a peça de Virgílio Martinho dá matéria para meditar. Também deu a Osório Mateus a/c de Roland Barthes. Na sua crítica no último Colóquio-Letras (n.º 18), inteligente como sempre, aponta as deficiências do texto. Para não complicar o que é por natureza complicado, leiam-na: explicar Osório Mateus numa ficha, seria traí-lo forçosamente. Até acredito que lhe assiste alguma razão; porém, o texto de Virgílio Martinho já não existe só; engravidou alguém; forneceu-nos um espectáculo. Não ficou numa **dramática solidão**, como acontece quando o texto fica apenas na gaveta ou no livro, sem ser representado ou, quando representado, não é capaz de transformar-se num espectáculo. Benite e os seus arrancaram o som desse texto. A crítica radicalmente negativa de Osório Mateus, mesmo se, a nível da escrita, fosse justificada (hipótese), faz de novo lembrar que o teatro é uma máquina complexa que, apesar de ranger nas transmissões, não pára antes de produzir o artefacto, e esse é que conta. O espectáculo.

26 1 2 - Estas fichas, na verdade, são fichas zero. Relendo os parágrafos anteriores, observo que, escrevendo em português, ainda não me habituei totalmente à inexistência da censura. Querem ver? Porque razão, c'os diabos, não citei o texto de Mercedes, representante do povo em «Filopòpolus»? Foi apenas a velha precaução.

E então, não escrevo? Escrevo, mas, caramba, que demora. Escrevo:

— **Mercedes** (sai a gritar): Acabou a guerra! Filopópolus é o anjo da paz!... Acabou a guerra! Os soldados vão voltar! As viúvas vão tornar a casar!

Como aprender, ou reaprender, a escrever sem censura? Sem essa tensão, para mim, semanal, sem esse «bizarro jogo dos homens, tão inútil» como chamava à censura Dostoievsky.

26 1 3 - A reportagem de Adelino Gomes no dia 25, na Rádio Renascença, foi um modelo de eficácia, de contenção, de saber... fazer uma reportagem. Era tão verdade que acabou por aproximar-se da ficção.

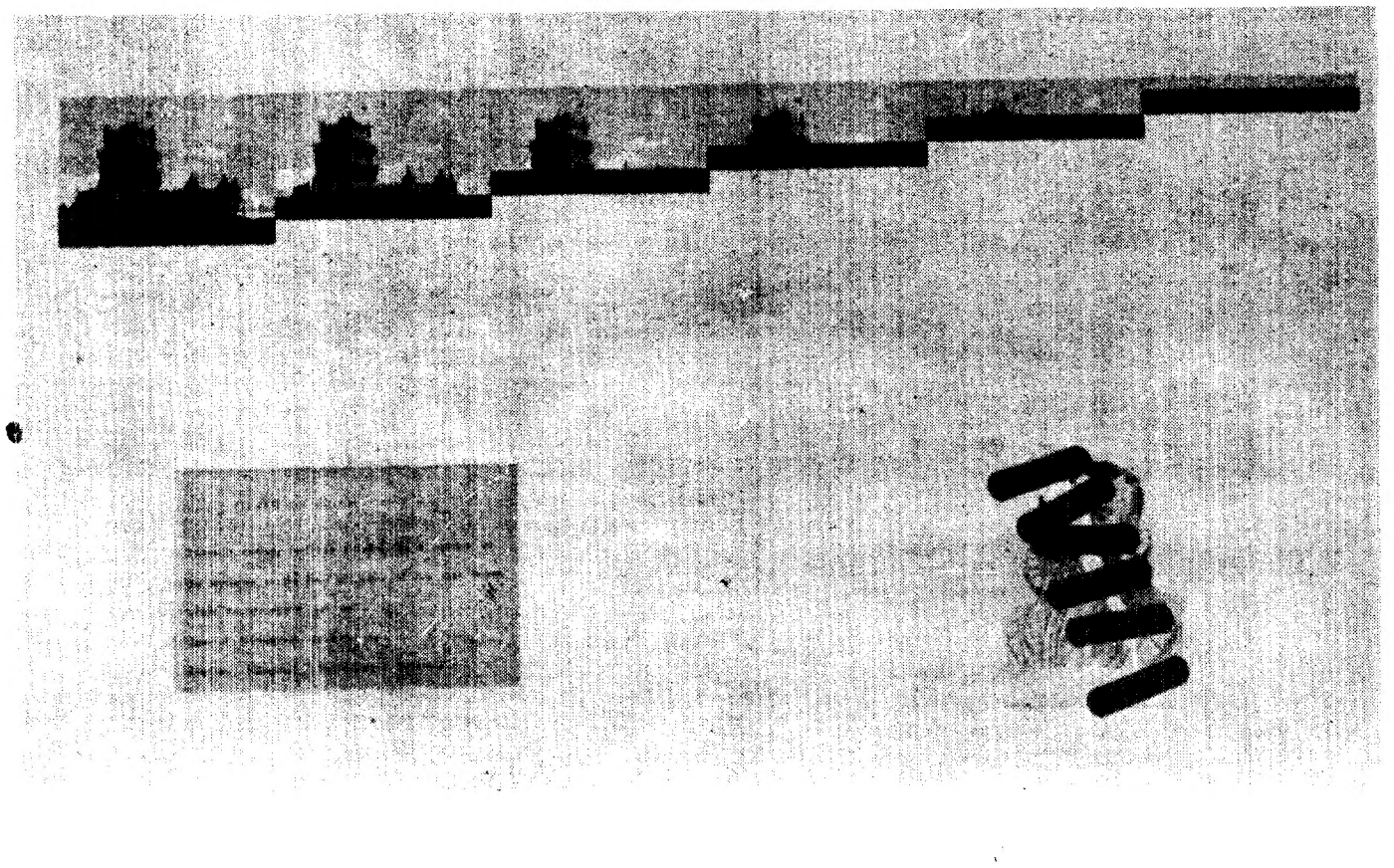
26 1 4 - ...e nunca sigam a regra,
que está mal.

(A EXCEPÇÃO E A REGRA)

Receio que dez companhias, oficiais, morgadescas, off, off off, off off off, vão assaltar o pobre Brecht; esquecendo-se — ou talvez não — que Brecht precisa de um grande trabalho de preparação, de treino, de amor à segunda vista e nenhum oportunismo.

26 1 5 Perdi hoje o meu português. Fichas zero. Até p'ra semana.

O POLÍCIA INTERIOR



● A. A FESTA

O Acontecimento (ou happening como preferirem) que tem sido estes últimos dias, os mais maravilhosos da vida de todos nós, subitamente suprimiram o tempo e todas as barreiras existentes entre a arte e a vida, instituindo uma FESTA que ainda não parou nos nossos corações, nas nossas casas, na rua e, incrível! nos meios de comunicação social!

O tempo não chega, ou não existe mesmo, há sempre um amigo que ainda não viramos, uma informação NOVA, a receber, uma carta a escrever para longe, um longe que tende a tornar-se cada vez mais perto, há o espanto renovado dos primeiros minutos da verdadeira vida, que já não está algures, mas que está Aqui e Agora connosco.

E o tempo não passa, dizemos ontem ao referirmo-nos ao 25 de Abril e só não dizemos hoje porque já tivemos da certeza de acordar livres esta manhã, o tempo vibra na maravilhosa alegria dos velhos que sobreviveram a 48 anos de humilhação, e os limites do possível parecem recuar indefinidamente!

A Arte está abolida em Portugal hoje, tornada em alegria do Povo, em Festa de todos nós, já não precisa daquela festa petrificada, coisificada, trocada, vendida que era, que se costumava designar por arte.

E, no entanto, o tempo vai passando e o pensamento tem que ceder o lugar ao pensamento, à construção do futuro, sem o qual a presente celebração só nos deixará o mais amargo dos sabores, é por isso, para isso, que hoje tenho para vos dizer:

● B. É PRECISO LIBERTAR A PALAVRA

A Expressão, toda a comunicação! Sim porque nos sentimos livres, mas não o somos ainda, para além de tudo o mais resta-nos, a todos o «polícia» interior. Aquele jeito, e agora falo de mim, de escrever na corda bamba ambígua das meias palavras, da comunicação forçadamente limitada, para uma meia-dúzia de entendidos, no jeito da piscadela de olho aos amigos.

Pois é, a censura não estava só instalada nas mentalidades tortuosas, por vezes muito hábeis de meia-dúzia de polícias do pensamento, a censura, disse o outro dia o Baptista Bastos no TV 7...

● ESTÁ DENTRO DE NÓS

que não sabemos escrever, falar, comunicar em liberdade, consciente muitas vezes, inconsciente as mais delas, é outro dos nomes que tomava o medo ao assaltar-nos, por isso a censura era o medo instituído de cada um de nós e, o que era pior, sobretudo daqueles que tinham como missão específica informar, criticar ou interrrogar a realidade portuguesa.

Não me estou propondo como maior vítima da censura do que qualquer outro cidadão leitor ou escrevente, aliás o estatuto «etéreo» e «inefável» das «artes» e da cultura, e a convicção, infelizmente não infundada, no domínio das artes plásticas, de que, fossem quais fossem as intensões dos seus autores, estas seriam sempre um produto de luxo e ostentação para consumo exclusivo da alta burguesia contribuiam haveres para apresentar liberdades... mas este é outro problema, dos que mais gravemente, e em todo o mundo, deverá afligir os artistas; produtores de trabalho cujo altíssimo e artifissialíssimo valor de troca completamente obnubilou o seu real valor de uso. Este, no entanto, é um problema a debater longamente e não a resolver em qualquer momento de entusiasmo, e quero crer, e esperar, que vai ser um problema Agora seriamente abordado em Portugal.

Hoje, apenas queria ocupar-me com o polícia interior, com o **meu** polícia interior, com o qual ainda há oito dias me debatia não sem um certo gosto, mazoquista confesso, de quem tentava executar o melhor possível, um malabarismo. Para tal vou dar-vos...

● C. UM EXEMPLO

e um exemplo visual para que se meta pelos olhos dentro.

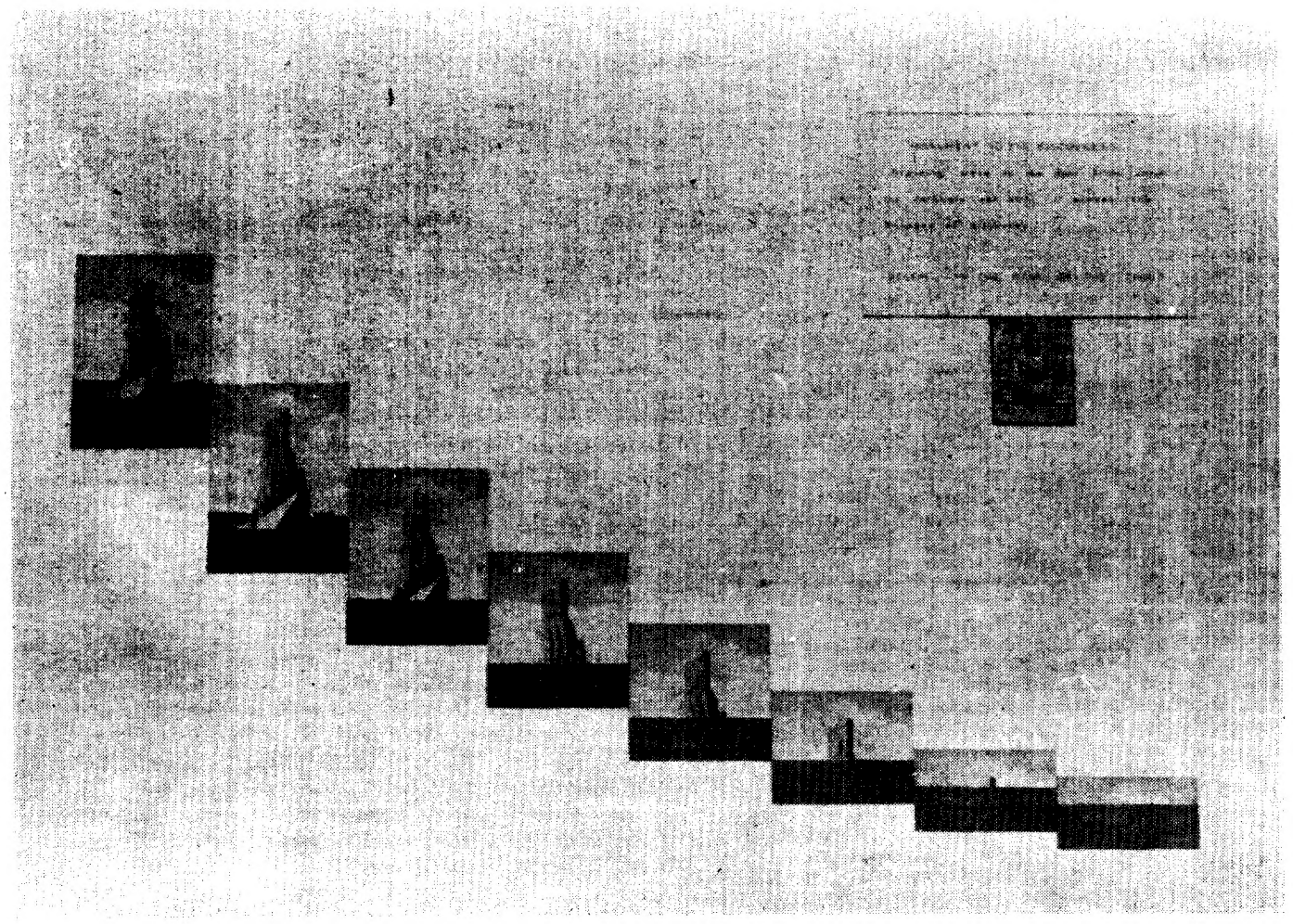
A gravura que acompanha este texto é a fotografia de uma colagem do Artur Varela que NÃO foi mostrada na sua exposição de Março 1973, isto porque eu a tal o aconselhei por... prudência (leia-se **medo**).

Esta colagem é por si só a ridicularização, e a denúncia da falsificação de valores em que vivíamos, e também da recuperação pelo reaccionário de todas as figuras positivas da história nacional, assim a Torre de Belém que se afunda, assim também o retrato de Camões rasgado e concertado com pensos rápidos, emblema visível da recuperação cultural do grande poeta português.

O autor, que vivia há muito longe de Portugal, não entendia estas medidas de prudência, que lhe pareciam desnecessárias em uma exposição em que várias outras peças tinham significado idêntico, eu e outros amigos, fomos-lhe explicando que essa e outra colagem, representando o afundar do monumento ao infante D. Henrique poderiam ser a, ou as, gotas de águas que fariam transbordar o vaso!

Hoje interrogo-me sobre o que poderá, ou não, ter acontecido se... e penso sinceramente que talvez não tivesse acontecido nada, era coisa de artistas plásticos, inofensiva, portanto a exposição teria umas dezenas ou umas centenas de visitantes e para fazer, o seu comentário, a sua crítica, a sua divulgação através dos meios de comunicação, lá estava a censura e antes dela o medo nos corações, e, na cabeça, solidamente instalado, o «polícia» interior.

Libertemos a expressão!

Expulsemo-lo!

29 Abril de 1974